



UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPEP
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, ARTES, LETRAS E HUMANIDADES
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes
Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes

SORORIDADE: MULHERES QUE INSPIRARAM MULHERES NO INSTAGRAM

DANIELLA ROCHA REIS

Duque de Caxias
Abril/2024

DANIELLA ROCHA REIS

**SORORIDADE: MULHERES QUE INSPIRARAM
MULHERES NO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes. Área de concentração: Educação, Linguagem e Cultura.

Orientadora: Ana Carolina de Gouvêa Dantas Motta

Duque de Caxias
Abril/2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

R375s Reis, Daniella Rocha.

Sororidade: mulheres que inspiraram mulheres no instagram / Daniella
Rocha Reis. – Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 2024.
118 f.

Orientadora: Ana Carolina de Gouvêa Dantas Motta.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza
Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, Programa
de Pós- Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, Rio de Janeiro, 2024.

1. Feminismo. 2. Instagram. 3. Netnografia. 4. Redes sociais. 5. Sororidade. I.
Motta, Ana Carolina de Gouvêa Dantas. II. Título. III. Universidade do Grande
Rio “Prof. José de Souza Herdy”.

CDD: 305.42

Rodrigo de Oliveira Brainer CRB-7: 6814

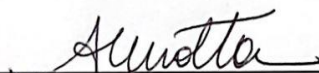
DANIELLA ROCHA REIS DE ANDRADE

SORORIDADE: MULHERES QUE INSPIRARAM MULHERES NO INSTAGRAM

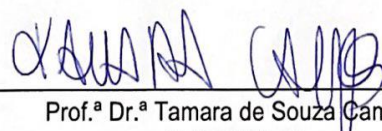
Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Exemplar apresentado para avaliação da banca examinadora em 30/04/2024

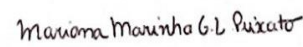
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Carolina de Gouvêa Dantas Motta
UNIGRANRIO



Prof.^a Dr.^a Tamara de Souza Campos
UNIGRANRIO



Prof.^a Dr.^a. Mariana Marinho da Costa Lima Peixoto
UFF/UNISUAM

DEDICATÓRIA

É com muito respeito e empatia que dedico essa pesquisa à todas as mulheres que nos antecederam e registraram as suas histórias e as que estarão disponíveis para lerem as próximas linhas. E aos homens e mulheres que entendem que o movimento feminista não é uma luta e nem uma rivalidade entre os sexos, mas que temos um problema que envolve questões de gênero ainda hoje e que precisamos refletir sobre o assunto e melhorar como pessoas: “Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE,2015)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado determinação, sabedoria, persistência e coragem durante toda esta longa caminhada.

À professora Ana Carolina de Gouvêa Dantas Motta, minha orientadora, pela disponibilidade sempre imediata em me ajudar com muito zelo e profissionalismo na construção dessa pesquisa.

Aos professores participantes da banca examinadora prof^a Tamara de Souza Campos e a profa. Mariana Marinho da Costa Lima Peixoto Corrêa, que praticaram a Sororidade oferecendo seu precioso olhar sobre o meu trabalho.

À professora Daniele Ribeiro Fortuna, que me acompanhou no início dessa pesquisa.

Ao professor Márcio Luiz Correa Vilaça, coordenador do Mestrado da UNIGRANRIO, que me apoiou nesse processo com muito profissionalismo.

Ao meu amado pai, Gilberto Soares do Reis (*in memoriam*), que sempre me incentivou a estudar, a minha madrasta (*in memoriam*), aos meus irmãos Fábio, Gabriel e a minha irmã Denise.

Agradeço a minha mãe, Zilane Rocha, em especial, e a minha vó, Maria de Jesus Rocha, que são mulheres brilhantes na minha história de vida, assim como, a todas as mulheres da minha família.

Ao meu Tio Paulo Rocha, que sempre acreditou em mim e participou dos meus estudos com trocas de experiências, assim como, os outros homens da minha família.

Aos meus amigos e amigas queridas (os) que me incentivaram durante o processo de escrita, em especial, a minha amiga irmã e mulher incrível, Patrícia Jerônimo, pela troca acadêmica e pelo apoio emocional dispensados a mim durante esse processo de mestrado e ao longo dos 20 anos de amizade.

Aos meus colegas de trabalho da PUC-Rio/Editora PUC-Rio e, em especial, ao meu coordenador Felipe Gomberg pelo apoio e por me proporcionar tempo para me dedicar a essa pesquisa.

E aos homens e mulheres que entraram na minha vida para me ensinar que não há necessidade de rivalidade entre os sexos, mas somente de empatia e desenvolvimento pessoal para a compreensão das necessidades de cada um e de maneira individual.

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa interdisciplinar e traz uma investigação sobre o “como mulheres constroem discursivamente e colaborativamente a temática da sororidade pela plataforma do Instagram”. O estudo incluiu a análise de 10 publicações do Instagram retiradas do perfil de uma médica psiquiatra que ampara mulheres adultas no diagnóstico do (TEA) Transtorno do Espectro Autista. A comunidade online que interage com a médica selecionada nesta pesquisa dentro dos comentários são predominantemente mulheres, brancas e pardas, em idade adulta com mais de 30 anos. Após análise das publicações selecionadas, foi constatado que mais do que fazer *lives*, postar conteúdos e participar de eventos, “o ato de se colocar no lugar do outro” transcende qualquer aparição nas redes sociais. As observações finais coletadas neste trabalho foram que a ação da empatia “costura” o conceito de sororidade em todos os momentos em que foi praticado no Instagram. Assim, é perceptível o entrelaçar dos conceitos de sororidade e empatia dentro da investigação realizada. Logo, uma possível resposta cabível, mas não definitiva seria: uma das formas de se praticar a sororidade nas redes sociais é pela empatia. Para tanto, como essa pesquisa tem como estudo de campo a Internet, a metodologia escolhida como base de análise foi a Netnografia e inclui em seu referencial teórico os pensadores: Kozinets (2014); Braga (2001) entre outros. No que tange a Internet e as Redes Sociais tomaremos como referencial teórico autores como: Castells (2003), Teixeira, (2009), Santaella (2004), Recuero (2009), Zenha (2017), Costa (2003), Kietzmann (2011), entre outros. No que diz respeito ao movimento feminista, percorremos alguns textos canônicos que inclui as propostas e os momentos fundamentais de autoras como: Simone de Beauvoir (1970, 1967), Betty Friedan (1979), e Judith Butler (2002, 2006); e as contemporâneas Chimamanda Ngozi Adichie (2015), Roschel (2020), entre outras. Ao final, devido ao fato de entendermos que o “Feminismo compartilha de diferentes orientações teóricas e pragmáticas, refletindo contextos nacionais do qual as agendas feministas apresentam muitas diferenças” (Olesen, 2006), indicamos que este estudo não dará conta de todos os temas voltados para o eixo mulher, mas afirmo que durante todo o tempo de pesquisa de campo dessa dissertação um ponto bem notório desse percurso foi o fato de que ainda no século XXI existe a necessidade de se pensar sobre questões envolvendo o direito da mulher a sua inclusão na sociedade com equidade e as suas múltiplas questões, pois ainda hoje enfrentam resistências políticas, patriarcais, estruturais e culturais, mas dentro do universo de ramificações do movimento feminista a sororidade existe, caminha junto com a empatia e pode ser praticada dentro das redes sociais.

Palavras-chave: Sororidade, Feminismo, Netnografia, Redes Sociais, Instagram

ABSTRACT

The present work is an interdisciplinary research and brings an investigation into “how women discursively and collaboratively construct the theme of sisterhood through the Instagram platform”. The study included the analysis of 10 Instagram posts taken from the profile of a psychiatrist who supports adult women in the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD). The online community that interacts with the doctor selected in this research within the comments are predominantly women, white and mixed race, in adulthood over 30 years old. After analyzing the selected publications, it was found that more than doing lives, posting content and participating in events, “the act of putting yourself in someone else's shoes” transcends any appearance on social media. The final observations collected in this work were that the action of empathy “sews” the concept of sisterhood in all the moments in which it was practiced on Instagram. Thus, the intertwining of the concepts of sisterhood and empathy within the investigation carried out is noticeable. Therefore, a possible, but not definitive, answer would be: one of the ways to practice sisterhood on social media is through empathy. To this end, as this research uses the Internet as a field study, the methodology chosen as the basis of analysis was Netnography and includes in its theoretical framework the following thinkers: Kozinets (2014); Braga (2001) among others. Regarding the Internet and Social Networks, we will take as a theoretical reference authors such as: Castells (2003), Teixeira, (2009), Santaella (2004), Recuero (2009), Zenha (2017), Costa (2003), Kietzmann (2011), between others. With regard to the feminist movement, we covered some canonical texts that include the proposals and fundamental moments of authors such as: Simone de Beauvoir (1970, 1967), Betty Friedan (1979), and Judith Butler (2002, 2006); and contemporaries Chimamanda Ngozi Adichie (2015), Roschel (2020), among others. In the end, due to the fact that we understand that “Feminism shares different theoretical and pragmatic orientations, reflecting national contexts from which feminist agendas present many differences” (Olesen, 2006), we indicate that this study will not cover all the themes focused on for the woman axis, but I affirm that throughout the field research period of this dissertation, a very notable point of this journey was the fact that even in the 21st century there is a need to think about issues involving women's right to inclusion in society with equity and its multiple issues, as they still face political, patriarchal, structural and cultural resistance today, but within the universe of branches of the feminist movement, sisterhood exists, goes hand in hand with empathy and can be practiced within social networks.

Keywords: Sorority, Feminism, Netnography, Social Networks, Instagram

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. A ERA DIGITAL: O INSTRAGRAM NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS	17
1.1 A gênese da era digital e os seus desdobramentos.....	18
1.2 O conceito de redes sociais.....	21
1.2.1 Sororidade nas Redes Sociais em tempos da pandemia do Covid-19	26
1.2.2 O Instagram	29
1.2.3 O funcionamento do Instagram e suas principais características	31
1.2.4 Limitações do Estudo	36
1.2.5 Coleta de dados e delimitação do corpus da pesquisa	37
1.2.6 Procedimentos para a análise de dados.....	38
CAPÍTULO 2. CONTANDO HISTÓRIAS: UMA LEITURA SOBRE O FEMINISMO.....	40
2.1 Uma leitura sobre o movimento feminista: conceitos, momentos e desafios	41
2.1.1 A primeira onda do feminismo: o movimento sufragista	43
2.1.2 A segunda onda do feminismo: sexualidade e a autonomia da mulher	48
2.1.3 A terceira onda do feminismo: a interseccionalidade	53
2.1.4 A quarta onda do feminismo: ciberativismo/ciberfeminismo.....	58
2.1.4.1 Sororidade: contexto e visibilidade com a Internet	62
CAPÍTULO 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
3.1 Análise e discussão dos dados	68
3.1.1 Meltdown.....	71
3.1.2 Live sobre vivência e o Autismo – podcast “Histórias Raras”	76
3.1.3 Participação em evento na OAB para falar sobre o Autismo Adulto	79
3.1.4 Adoecimento no Trabalho	81

3.1.5 Reflexão sobre o dia mundial da saúde mental e pessoas que não demonstram doenças emocionais	83
3.1.6 Dia das Crianças	84
3.1.7 Reflexão sobre a paz e o fim da Guerra.....	86
3.1.8 Outubro Rosa/Câncer de mama	88
3.1.9 Máscaras no diagnóstico do feminino – padrões sociais/não diagnóstico/sofrimento	90
3.1.10 Dia do médico no espectro Autista (TEA)	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS:	97

INTRODUÇÃO

A presente dissertação buscou pensar sobre a “Sororidade feminina dentro do Instagram” em busca de trazer mais uma reflexão ao universo acadêmico sobre o tema. Contudo, antes de detalhar os objetivos gerais e específicos é importante ressaltar as motivações iniciais desse estudo que passou, primeiramente, pela experiência da competição feminina, pois ao entrar no mundo adulto e no mercado de trabalho foi inevitável não ter acesso ao território da competição e ao termo mais comum que é o da “rivalidade feminina”.

Sabemos que dentro do universo feminino essa expressão é construída socialmente e que ocorre entre sogras e noras, madrastas, irmãs, mães, filhas, cunhadas, nos desenhos animados – e desde crianças somos inseridos neste meio -, competição por um mesmo homem, competição no mercado de trabalho por cargos, competição no mundo virtual com as diversas aparições das redes sociais com tons pejorativos de modelos em seus corpos bonitos ou feios, gordos ou magros, preto ou branco etc., mas discorrer sobre o conceito de “competição”, ou, o da “rivalidade feminina” talvez num primeiro momento trouxesse mais visibilidade a ideia de competição, o que definitivamente não é o nosso objetivo.

Por outro lado, a ideia da rivalidade feminina traz em si uma reflexão sobre o que seria o contrário dessa ação. Desta maneira, escolhemos não refletir sobre a rivalidade feminina, que faz parte da história das sociedades, mas refletir sobre: “como mulheres constroem discursivamente e colaborativamente a temática da sororidade pela plataforma do Instagram” em buscar entender como esse fenômeno acontece na prática e trazer mais clareza sobre o tema.

Logo, como o conceito de sororidade está incluído nas redes sociais e caminha na internet por muitos momentos históricos, tivemos que construir uma organização de trabalho que passasse tanto pela história da Internet, registrado no capítulo I; quanto pelo histórico do Feminismo em suas fases mais marcantes, que foi conduzido no capítulo 2; e assim entrar no campo metodológico e tecer as conclusões finais do perfil observado dentro do Instagram, que correspondem ao capítulo 3.

Contudo, antes de qualquer exposição mais detalhada sobre a organização dessa dissertação é importante justificar a escolha do tema que inicialmente passou pelo

discurso da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2015) quando viralizou na internet e dizia: “A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: ‘Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE, (2015). Esse discurso se transformou em um livro chamado “Sejam todos feministas” da mesma autora e quebrou muitos paradigmas internos, pois naquele momento não entendia o que era o Feminismo e nunca tinha me visto como uma feminista, mas hoje compreendo que aquele posicionamento inicial fazia parte de uma falta de conhecimento diante da imposição de um tom pejorativo ao termo que a sociedade impõe as mulheres ao longo dos anos.

Contudo, conseguimos compreender que é contestável a ideia de uma mulher que trabalha, dentro e fora de casa, que estuda, que tem cartão de crédito, que adquiriu direito ao voto, que tem o poder de dizer não sobre o que não lhe é lícito, que mesmo casadas sustentam suas famílias e que criam seus filhos ser contra, direta ou indiretamente, ao movimento Feminista e suas principais conquistas ao longo da história, independente, de uma vertente radical ou não, do movimento feminista.

Em vista disso, toda mulher que tem voz ativa dentro das redes sociais, ou, fora dela, e tem a oportunidade de seguir com alguma “igualdade” de direitos tem condições de ponderar o fato de que foi por conta desses movimentos de mulheres que nos antecederam, que merecer muito respeito e empatia, que foram alcançados inúmeros marcos históricos no universo feminista. E é com esse sentimento que entramos nesse campo de estudo, pois pensar sobre o feminismo como uma “luta” de mulheres e homens em prol de direitos iguais faz muito sentido ao iniciar um trabalho de mestrado com o tema em um momento em que o ativismo feminino nas redes sociais teve grande ênfase, principalmente, com a emergência sanitária imposta durante a pandemia do Covid-19, que durou de 2020 até 2023, teoricamente.

Durante a pandemia muitas mulheres foram demitidas dos seus trabalhos, outras decidiram mudar de carreira nessa fase, outras ainda, tiveram que migrar tudo que estava programado no modo presencial para o modo virtual/remoto imediatamente devido a mudança repentina e urgente de novos hábitos cotidianos exigidos pelo contexto daquele momento.

Assim, as redes sociais se tornaram um novo nicho de mercado para vender não só produtos e serviços de autoconhecimento, mas também para ajudar – de maneira direta e indiretamente com informações técnicas, apoio psicológico e motivacionais – outros

usuários que estavam com depressão¹, que sofreram algum tipo de abuso e violência², ou, que estavam isolados da sociedade em função do novo universo imposto por um vírus.

Infelizmente, as redes sociais também vem sendo palco para comportamentos negativos de mulheres e homens com discurso de rivalidade, ódio e intolerância sobre o tema, mas o viés dessa pesquisa irá discorrer como uma resposta saudável a essas questões mencionadas trazendo o tema “sororidade” para discussão num ambiente seguro e acolhedor para as mulheres dentro do Instagram. Entendemos que essa rede social constitui uma extensão da socialização face a face por meio de recursos visuais, isto é, o que norteia a relação é a prática de compartilhar vídeos, fotografias e imagens. Então, esses vídeos, fotografias e imagens podem ser pensadas como um meio visual que transcende as barreiras existentes na comunicação verbal, oferecendo para alguns a possibilidade de socialização.

Assim, a presente pesquisa partiu da observação da rede social de uma médica psiquiatra que passou a usar o seu Instagram, durante e após a pandemia – pois antes ela não tinha rede social para este fim, como voz para um grupo de mulheres com espectro de autismo (TEA) – diagnosticado na vida adulta pelo DSM (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) para traçar os diagnósticos psiquiátricos – que começaram a inspirar e conscientizar outras mulheres no âmbito da saúde mental, principalmente, apresentando técnicas emergenciais de como lidar de forma humana com a dor em momentos de crises mostrando as necessidades especiais dos portadores desse transtorno.

Nessa lógica, justifica-se esse trabalho, e é com grande empatia e total respeito que reiteramos a entrada no campo chamado “universo feminino” para registrar e refletir sobre a aplicação de um termo que teve bastante procura nas redes sociais durante a pandemia e que ficou conhecida como: sonoridade. Logo, essa pesquisa se concentra no Instagram em função do alto índice de engajamento da plataforma e no conceito de “sororidade”, que diz respeito não só aos seus significados “como solidariedade entre

¹No primeiro ano da pandemia da Covid-19, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou cerca de 25%, de acordo com a OMS. O impacto emocional das perdas familiares, o sentimento de medo, a falta de socialização e a instabilidade no trabalho aumentaram o nível de estresse e sofrimento psíquico dos brasileiros. Fonte: ASCOM/Cofen

²Em 2021 estimativas globais publicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que aproximadamente uma em cada três mulheres (35%) em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida, o que representa cerca de 736 milhões, um número que permaneceu praticamente inalterado na última década. A OMS alerta que essa violência começa cedo: uma em cada quatro mulheres jovens (de 15 a 24 anos) que estiveram em um relacionamento já terá sofrido violência de seus parceiros por volta dos vinte e poucos anos. Fonte: Portal Fiocruz.

irmãs, harmonia e, sobretudo, aliança feminina”, mas seu maior impacto social que está no combate a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre as mulheres é possível ir a favor ao direito de todas (ROSCHEL, 2020).

Porém, assim como Moura (2016), entendemos que o feminismo de cada época, em cada cultura, com diversas estratégias de militância utilizadas e os vários seguimentos teóricos e sociais foram fundamentais em direção a igualdade de gêneros da emancipação feminina (MOURA, 2016). Assim, percebemos que o conceito de “feminismo” é bastante flexível e complexo, que abrange processos de transformações, resistências e rompimentos, mas é importante deixar claro que não compreendemos o movimento feminista como uma luta contra os homens e sim um movimento a favor de equidade e respeito após um registro histórico de desigualdades sociais.

Salientamos, também, que essa pesquisa teve algumas limitações considerando que o movimento feminista atual abrange muitas vertentes distintas e que não permite somente uma interpretação. Logo, é possível encontrar uma ramificação liberal, radical, socialista, lésbica e negra, do qual não daremos conta, assim como, o tema saúde mental, área de trabalho do perfil escolhido para análise que não será estudado de maneira direta, pois o objetivo central deste trabalho foi investigar como é praticado o conceito de sororidade entre mulheres dentro do Instagram. Sendo assim, a partir do conceito de sororidade optamos por observar o perfil de uma médica psiquiatra que trabalha com pacientes mulheres com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em suas publicações no Instagram para traçar o “como se tematiza” a sororidade na sociedade atual.

Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é investigar “como mulheres tematizam e constroem, discursivamente e colaborativamente, a temática da sororidade pela plataforma do Instagram”.

Em termos mais específicos foram traçados os seguintes objetivos:

- (i) Examinar 10 publicações públicas de 1 perfil feminino dentro do Instagram como é tematizado o conceito de sororidade
- (ii) Observar como o perfil selecionado discute a sororidade
- (iii) Caracterizar aspectos importantes nas falas, imagens, *lives* que evidenciam o conceito e a prática da sororidade

Organização do trabalho

A dissertação está organizada em cinco partes, incluindo este, o de introdução (e apresentação) do trabalho e as considerações finais. Sendo assim, o primeiro capítulo foi intitulado “A era digital: o Instagram no contexto das redes sociais” e tem por objetivo discorrer e contextualizar sobre como se deu o início da Internet e seus desdobramentos atuais na sociedade contemporânea, especificamente, o Instagram, campo de pesquisa e os procedimentos metodológicos dessa dissertação.

Como essa pesquisa tem como estudo de campo a Internet, a metodologia escolhida como base de análise foi a Netnografia e inclui em seu referencial teórico os pensadores: Kozinets (2014); Braga (2001) Hine (2000), Rifiotis (2016), entre outros. No que tange a Internet e as Redes Sociais, tomaremos base os seguintes autores: Castells (2003), Ravache (2007), Correa (2014), Silva (2009), Teixeira, (2009), Santaella (2004), Recuero (2009), Zenha (2017), Costa (2003), Aprovato (2018), Alves (2021), Aragão (2016), Kietzmann (2011), entre outros.

O segundo capítulo: “Contando Histórias: uma leitura sobre o feminismo”, apresentamos o protagonismo do feminino na sociedade e a influência do movimento feminista nas suas quatro principais “ondas”. Contudo, nesse capítulo não se pretende completar uma revisão teórica sobre o tema e sua evolução, mas apresentar de maneira pedagógica o seu percurso esboçando o conceito e os principais marcos do movimento feminista e a sororidade incluída na chamada “quarta onda do feminismo.

Desta maneira, para conduzir o capítulo 2, percorremos alguns textos canônicos no que diz respeito ao tema que inclui as propostas e os momentos fundamentais de autoras como: Simone de Beauvoir (1970, 1967), Betty Friedan (1979), e Judith Butler (2002, 2002, 2006); e as contemporâneas Chimamanda Ngozi Adichie (2015), Roschel (2020), entre outras.

No terceiro capítulo, encontra-se a análise da pesquisa de campo do perfil selecionado. Para a análise a pesquisa se concentrou no modelo apresentado por Kietzmann (2011), modelo que permite que o Instagram seja analisado tanto individual, quanto em conjunto a fim de visualizar todas as suas particularidades.

Nas considerações finais foram reportados os resultados da análise que cruzou os caminhos da empatia entre mulheres. Por fim, dentro dos limites de análise possíveis no âmbito de uma dissertação de mestrado e sabendo das limitações de estudo já citadas, espera-se com este trabalho, a partir de uma visão interdisciplinar de pesquisa, oferecer

nas próximas páginas uma leitura agradável sobre a discursão, que sabemos ser polémica, mas sobretudo contribuir na abertura de novos espaços para a investigação e estudo de outros pesquisadores interessados na temática “sororidade” no Instagram.

CAPÍTULO 1

A ERA DIGITAL: O INSTAGRAM NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS

Depois de três mil anos de explosão, graças às tecnologias fragmentárias e mecânicas, o mundo ocidental está implodindo.

MARSHALL MCLUHAN, 1964.

O poder dos meios de comunicação de massa, em especial a televisão e a possibilidade de transmissões instantâneas, já era citado por McLuhan (1964) na década de 1960. O autor usou termo “explosão” para se referir à evolução da tecnologia ao longo dos últimos três mil anos, que nos levou a um ponto de implosão. Isto é, o mundo está se tornando cada vez mais interconectado e interdependente criando uma realidade que está implodindo a novas formas como os seres humanos percebem e interagem com o mundo, onde as fronteiras entre as diferentes áreas da vida estão se tornando cada vez mais tênues. (McLUHAN, 1964, p.17)

Dessa maneira, as inovações tecnológicas, já inseridas pela TV e pelo Rádio na década de 60, trouxeram diversas mudanças para a sociedade, ocasionando uma implosão na maneira de se comunicar dos indivíduos e uma explosão de *megabytes* na escrita tradicional inserindo uma abundância de novos vocábulos, costumes e tudo o que envolve uma sociedade e seus indivíduos nas relações narradas dentro da “era digital” das redes sociais do século XXI. Com o surgimento da internet, os indivíduos passaram a usar as inovações tecnológicas e tiveram de se adaptar à formação de uma nova estrutura social mediada a partir de computadores e pelas redes sociais.

Dentre as mudanças mais significativas que a internet propiciou (e propicia), e que é relevante para este trabalho, é a possibilidade que o sujeito tem de se expressar e de se sociabilizar através das ferramentas de comunicação, a citar o Instagram. Essas ferramentas possibilitam que indivíduos possam “construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros” (RECUERO, 2009, p. 24).

1.1 A gênese da era digital e os seus desdobramentos

Os primórdios da internet datam de 1969, quando um projeto militar – restrito aos cientistas para pesquisas e transmissão de informações sigilosas pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), do Departamento de Defesa dos Estados Unidos – procurou conectar os computadores dos departamentos de pesquisa do projeto. Como resultado, conseguiram interligar em rede um instituto e três universidades. O projeto foi nomeado “ARPANET” (CASTELLS, 2003).

Nos anos seguintes, a internet passou por vários avanços. O ano de 1980 deu início a outro momento importante: a difusão da interconexão de redes. Assim, em 1990, a maioria dos computadores nos EUA tinha capacidade para entrar em “rede”, o que lançou os alicerces para a difusão da interconexão (CASTELLS, 2003). No entanto, nesse momento, de acordo com Ravache (2007), “somente os responsáveis por uma página podiam colocar informação na ”.

Muitos provedores de serviços da internet criaram suas próprias redes e estabeleceram seus próprios portais de comunicação em bases comerciais como, por exemplo, IG, Click21, UOL, BOL, entre outros da época. A partir de então, a internet cresceu rapidamente como uma rede global de computadores. Segundo Castells (2019), essas redes globais têm a capacidade de ser reconfiguradas de acordo com as instruções de seus programadores, ultrapassando fronteiras territoriais e institucionais por meio de redes telecomunicadas de computadores.

Dessa forma, a internet passou a reunir várias redes e organizações individuais, cada uma gerenciada e mantida por seu próprio usuário. “Era um repositório quase infinito de conteúdo, de um conteúdo unidirecional. Hoje, se considera que essa era a 1.0” (RAVACHE, 2007), em que não havia campo para interação, mas apenas para enviar um fluxo de informações aos usuários. Com o passar do tempo, a internet deixou de ser unidirecional, permitindo a diferentes usuários disponibilizarem o próprio conteúdo nas plataformas. A Wikipédia, por exemplo, é uma enciclopédia em que os textos são criados e editados por vários usuários. A possibilidade de gerar documentos coletivamente, de promover a interação entre usuários e conteúdos deu início à chamada 2.0.

Utilizado pela primeira vez em 2004, o termo 2.0 refere-se a uma segunda geração da internet que compreende um conjunto amplo de aplicações que utilizam a *World Wide* (WWW). Para Sampaio (2007, p. 8), a “ 2.0 não representa nenhuma mudança tecnológica significativa, mas uma mudança de foco. Começou uma percepção de que os

sites deveriam se integrar, deixando de ser estanques e passando a trocar conteúdo”. Logo, há uma produção e integração de comunidades, bem como a revolução na forma como os usuários se comunicam.

A definição inicial do termo 2.0 pode ser localizada no contexto geral da chamada Sociedade da Informação: uma denominação que indica "o conjunto de impactos e consequências sociais das novas tecnologias da informação e da comunicação” (SORJ, 2003, p. 35).

A expressão “Sociedade da Informação” e do Conhecimento qualifica um novo padrão de acumulação capitalista. Correa *et. al.* (2014) destacam:

[...] o conceito Sociedade da Informação compreende a sistematização de um conjunto de transformações científicas e tecnológicas impulsionadas pelo desenvolvimento da microeletrônica, da informática e de suas tecnologias associadas, notadamente a partir do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial (CORREA *et. al.*, 2014, p. 11).

A Sociedade da Informação pode ser considerada como “a expansão e reestruturação do capitalismo desde a década de 80 do século que termina” (CASTELLS, 2000). As novas tecnologias e a ênfase na flexibilidade, ideia central das transformações organizacionais, têm permitido realizar com rapidez e eficiência os processos de desregulamentação, privatização e ruptura do modelo de contrato social entre capital e trabalho característicos do capitalismo industrial (CASTELLS, 2000).

Nesse sentido, é possível caracterizar a sociedade da informação como uma postura que confere às tecnologias de informação e comunicação um papel determinante em praticamente todas as esferas da sociedade. É justamente nesse contexto que o termo 2.0 foi cunhado, ampliando consideravelmente as possibilidades propiciadas pela Internet. Com a 2.0 surgiu uma ampla gama de serviços aos seus usuários, oferecendo “interfaces” com grande capacidade de estabelecer relações hipertextuais³, com altos níveis de interatividade.

A palavra interatividade vem do inglês *Interactivity* e foi incorporado pela informática a partir da década de 70 para denominar as relações entre humanos e os computadores (GUIDOTTI; ZIMERMANN, 2020). Sobre interatividade e interação Silva pontua:

³ Estrutura relacional estabelecida por meio de links entre um conjunto de nós que é capaz de operar com características que favoreçam a interatividade entre usuários e conteúdo.

[...] Há os que dizem que interação refere-se a relações humanas, enquanto interatividade está restrita à relação homem máquina. [...] Em princípio não aceito tal posição. A interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção (SILVA, 2009 apud TEIXEIRA, 2009, p. 26).

Silva (2009) considera que a interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação. Portanto, ambas abrem espaço para o engajamento que pode acontecer por diversas ferramentas disponíveis nos ambientes virtuais de relacionamento. Desse modo, salientamos que a 2.0 se encarregou de abrir espaço para que surgisse a conhecida rede social em que a vinculação e a inscrição dos usuários são voluntárias e o conteúdo é compartilhado (fotos, vídeos, comentários etc.).

A terceira geração da foi a 3.0, que é baseada na Internet inteligente, conhecida como a semântica. Anunciada pela primeira vez em 2001, em um artigo de Tim Berners-Lee, James Hendler e Ora Lassila, intitulado *Semântica: um novo formato de conteúdo para a que tem significado para computadores e vai iniciar uma revolução de novas possibilidades*. O artigo apresentou a importância que a teria na vida dos seres humanos, demonstrando as facilidades que traria às várias práticas cotidianas (LOTH *et.al*, 2019)

A semântica “não é uma separada e sim uma extensão da atual, na qual a informação é dada com significado bem definido, permitindo que computadores e humanos trabalhem em cooperação” (BERNERS LEE; HENDLER; LASSILA, 2001). Nas palavras de Lee:

A Semântica é sobre a colocação de arquivos de dados na . Não é apenas uma de documentos, mas também de dados. A tecnologia de dados da Semântica terá muitas aplicações, todas interconectadas. Pela primeira vez haverá um formato comum de dados para todos os aplicativos, permitindo que os bancos de dados e as páginas da troquem arquivos. (BERNERS LEE; HENDLER; LASSILA, 2001)

A 3.0 trouxe mudanças fundamentais para o cotidiano dos indivíduos, com as facilidades da 1.0 e da 2.0 combinadas a um novo cenário baseado nas funcionalidades computacionais e multimidiáticas, convergindo mundos diferentes como o da TV, da Comunicação, dos Jogos, entre outros, por exemplo. Essa geração da trouxe o consumo virtual, possibilitando transações bancárias, compras e venda de serviços e produtos.

Em suma, a 1.0 foi de um modelo estático, isto é, sem interação do usuário, expandido para a 2.0 (a era das redes sociais), para o modelo semântico, a 3.0, no qual as máquinas auxiliam na recuperação da informação com o potencial de criar um ambiente mais inteligente e conectado para os usuários. Segundo Loth *et.al*. (2019), a

maior implicação está na facilidade e na eficiência com relação à recuperação da informação através do mecanismo de busca, diminuindo o tempo procura, bem como as ambiguidades e as falhas na pesquisa das informações.

1.2 O conceito de redes sociais

Existem diferentes conceitos atribuídos aos ambientes virtuais e sociais de interatividade, tais como mídias sociais e redes sociais. Segundo Santaella (2003), as mídias sociais surgiram por volta dos anos 1990. De modo geral, a mídia se referia especificamente aos meios de comunicação de massa como, por exemplo, a transmissão de notícias e informação: jornais, rádio, revistas e televisão. Tudo que a publicidade se serve, desde *outdoors* até as mensagens publicitárias veiculadas por jornal, rádio, TV passaram a ser chamados de mídias. Enfim, a palavra "mídia" fazia alusão aos meios de comunicação de massa.

A autora nos lembra, ainda, que o termo foi se fixando, cada vez mais, em função do crescimento acelerado dos meios que não podem mais ser considerados necessariamente como de comunicação de massa. Segundo a autora:

A emergência da cultura planetária via redes de teleinformática instalou definitivamente uma crise na hegemonia dos meios de massa e, com ela, o emprego da palavra "mídia" se generalizou para se referir também a todos os processos de comunicação mediados por computador. A partir de uma tal generalização, todos os meios de comunicação, inclusive os de massa, inclusive o livro, inclusive a fala, passaram a ser referidos pela rubrica de "mídia" até o ponto de qualquer meio de comunicação receber hoje a denominação genérica de "mídia" e o conjunto deles, de mídias. (SANTAELLA, 2004, p. 76)

Assim, entendemos que a mídia social é “um canal de comunicação e relacionamento no qual os usuários conversam, trocando informações e dicas”, de forma a compartilhar interesses particulares. Ao contrário das mídias tradicionais (revistas, jornais, televisão etc.) em que o conteúdo é gerado por um grande “emissor”, nas mídias sociais, o conteúdo é produzido em sua maioria pelos próprios usuários e é justamente a participação deles que as tornam mídias sociais (SEBRAE, 2023).

Kietzmann *et al.* (2011) e ARAGÃO *et al.* (2016, p. 133) definem mídia social “como mídias que empregam mobilidade e tecnologia de base para criar plataformas de alta interatividade, através das quais os indivíduos e as comunidades compartilham,

cocriam, discutem e modificam conteúdos criados pelos usuários”. Nesse sentido, se não houver interação, não é uma mídia social.

O termo mídia social é amplo e engloba as redes sociais. Estas “reúnem pessoas engajadas socialmente [...], são uma categoria de mídias sociais, abrangendo também blogs, microblogs e redes sociais de conteúdo” (SEBRAE, 2023). Na realidade, a rede social é a conexão entre usuários, conforme destaca Recuero:

[...] as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos (RECUERO, 2009, p. 30).

As conexões geram uma comunidade de indivíduos que compartilham interesses, opiniões ou características semelhantes, em um único espaço virtual, que é o seu grupo ou comunidade. Podemos observar que os conceitos de mídias sociais e redes sociais virtuais se aproximam e se complementam. No entanto, para fins deste estudo, utilizaremos o termo “rede social”, por entendermos que os usuários representam os “nós” da rede Instagram. A seguir, dissertaremos a respeito dessa ideia de “rede”, “nós”, para uma melhor compreensão do significado de uma “rede social”.

O conceito da palavra “rede” antecede o significado atual que conhecemos. Segundo o filósofo Pierre Musso (2004) o vocábulo pode ser sinônimo de um objeto, clãs, ou de grupos, trazendo em si a ideia de uma comunidade ou, de um bando procurando proteção e alimentos. Inclusive, o mundo animal nos traz muitos exemplos de “rede” no trabalho em conjunto, como as formigas e as aves em bando. Outro exemplo é o agrupamento de pessoas nas grandes cidades sem busca de alimentos e trabalhos comunitários para sustentar um grupo.

No cenário atual digital, segundo Recuero (2009, p. 13), rede é “um agrupamento complexo instituído por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação”. A metáfora de rede foi utilizada pela primeira vez pelo matemático Leonard Euler, no século XVIII:

Euler, em seu trabalho, demonstrou que cruzar as sete pontes sem jamais repetir um caminho era impossível. Para tanto, ele conectou as quatro partes terrestres (nós ou pontos) com as sete pontes (arestas ou conexões), mostrando a inexistência da referida rota e criando o primeiro teorema da teoria dos grafos [...]. Um grafo é, assim, a

representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós (RECUERO, 2009, p. 19-20).

A partir de então, a metáfora da rede foi aplicada a vários contextos: "um conglomerado de rotas de voo e seus respectivos aeroportos [...] Um conjunto de órgãos e suas interações também pode ser representado da mesma forma" (RECUERO, 2009, p. 20). Tal metáfora também é utilizada para se referir às conexões expressas no cyberspaço⁴: as redes sociais.

As redes sociais podem ser entendidas como um conjunto de "nós", interconectados, formados por estruturas não lineares, flexíveis, dinâmicas, compostas de organizações formais e informais (RECUERO, 2009). Esses nós representam indivíduos ou grupos de indivíduos responsáveis por alimentar as redes por meio da troca e do compartilhamento de informações. Assim, quanto mais conexões um nó consegue promover, mais forte ele se torna.

De acordo com Recuero (2009, p. 24), "uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)". O objetivo de uma rede social é levar os sujeitos a dialogarem, interagirem, participarem e de gerarem conteúdo através da colaboração, de comentários, links etc.

Portanto, as redes sociais permitem sua "emergência como uma forma dominante de organização social" (RECUERO, 2009, p. 93) que conecta mais do que máquinas, "conecta pessoas", resgata o contato com indivíduos a distância, com sujeitos que há algum tempo não se encontram, entre outras possibilidades, como uma maneira de fazer novos contatos e amizades.

Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais se torna "universal", proporcionando uma comunicação todos-todos, como também o agrupamento por centros de interesses em que a comunicação é realizada apenas entre os membros do grupo. Essas trocas comunicativas favorecem entre os participantes o desenvolvimento da inteligência coletiva, permitem o amadurecimento de opiniões e estabelecem relações de tolerância e a compreensão mútua. Além disso, as trocas possibilitam aos indivíduos desenvolverem

⁴ O "cyberspaço" representa de maneira física e multidimensional um universo abstrato da informação". Um lugar para onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica para trás (Gibson, 2003, p.5-6). É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, também, chamado de rede. Para Levy (2011), o termo especifica não apenas uma infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

um sentido de moral social, que engloba a percepção das regras e princípios que regem as relações sociais estabelecidas na esfera da cultura digital (LEVY, 1998).

Essas relações estabelecidas nas redes sociais podem ser consideradas positivas, pois existem inúmeros fatos como: o acesso a amigos antigos de infância, colegas do trabalho atual ou não, os da rua, da vizinhança, os familiares distantes que se encontram por meio das redes sociais *on-line*, que comprovam o aumento, a confirmação e a possibilidade de tecer novos vínculos sociais, pela conexão de perfis apenas virtuais, proporcionados pelo uso da internet, o que descarta a ideia de que a rede geraria empobrecimento da vida social (CASTELLS, 1999).

Zenha (2017) conceitua uma rede social como um ambiente digital organizado por meio de um sistema virtual associado a perfis que tenham afinidades de pensamentos, maneiras de expressão semelhantes e interesse sobre um tema comum, tanto para relacionamentos profissionais, quanto para relacionamentos afetivo-pessoais por meio de trocas discursivas realizadas em plataformas virtuais. Para participar de uma rede social *on-line*, é preciso que o usuário estabeleça interação com o grupo, ou pessoas, compartilhando suas afinidades e interesses comuns, ou somente dando *likes* nas postagens, mostrando engajamento.

Costa *et al* (2003, p. 73) compreende a rede social como “forma de organização caracterizada fundamentalmente pela sua horizontalidade, isto é, pelo modo de inter-relacionar os elementos, sem hierarquia”. Nesse caso, a horizontalidade desfaz a concentração do poder comunicacional nas mãos de um indivíduo e favorece as relações todos-todos, reafirmando a importância de cada nó. Nesse sentido, a constante troca discursiva entre os usuários das redes sociais *on-line* pode colaborar para o aumento das competências sociais, da interação e da comunicação em rede, e também do desenvolvimento do pensamento crítico, da construção de diferentes conhecimentos em função da troca contínua de informações.

Diferentemente das mídias de massa tradicionais – como por exemplo, os jornais –, a internet dá voz ao receptor. Castells (2019, p. 112) chama esse movimento horizontal de autocomunicação de massa, pois traz autonomia na emissão das mensagens, na seleção da recepção das mensagens e autonomia na organização das mensagens. Para o autor, “a difusão da internet da comunicação sem fio, da mídia digital e de uma variedade de ferramentas de software sociais estimulam o desenvolvimento de redes horizontais de comunicação interativa que conectam o local e o global em um momento determinado”

Sobre a autocomunicação de massa, Castells ressalta:

Essa forma de comunicação surgiu com o desenrolamento das chamadas 2.0 e 3.0, ou a aglomeração de tecnologia, dispositivos e aplicativos que ofereceu suporte à proliferação de espaços sociais na internet graças à maior capacidade de banda larga, softwares de código-fonte aberto inovadores e gráficos e interfaces de computador melhores, inclusive e interação avatar em espaços virtuais tradicionais (CASTELLS, 2019, p. 112).

Castells ainda destaca (2019 p. 114) que uma das formas revolucionárias de autocomunicação de massa se origina na criatividade de jovens usuários que se transformaram em produtores, como por exemplo, o Youtube. Nessa plataforma, os usuários podem escrever roteiros e produzir o seu próprio conteúdo de trabalho, ou, diversão.

E incluímos nessa linha de raciocínio o Instagram, também, com o compartilhamento dos mais diversos vídeos. Desta maneira, as redes sociais permitem que usuários tornem pública a sua vida social e que interajam com outros indivíduos, transformando-se em provedores globais cujos atributos pessoais são o reflexo do perfil do usuário exposto na rede e que outros sujeitos poderão conhecer acessando a plataforma. Nesse contexto, percebemos a existência de uma sociedade conectada em uma rede global.

Segundo Castells (2019), rede global é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativas por tecnologia de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica. O autor explana que estruturas sociais “como arranjos organizacionais de seres humanos em relação de produção, consumo, reprodução, experiência e poder, expressos em uma comunicação significativa é codificada pela cultura [...], um conjunto de conceitos e valores e crenças que informam, orientam e motivam o comportamento das pessoas” (CASTELLS, 2019, p. 82).

Desse modo, uma sociedade em rede se espalha seletivamente por todo o planeta influenciando locais, culturas, organizações e instituições preexistentes. Essa nova organização requer do indivíduo outros olhares e outras formas de agir sobre o mundo, quebrando paradigmas e assumindo novas posturas diante da realidade na qual que se insere. É um novo tempo, um novo contexto, em que os usuários de ferramentas que estão na rede, comentam, discutem, participam e compartilham as mais diversas informações entre as diversas gerações, cada uma com a sua faixa etária, moda, gosto, peculiaridades, ou seja, com as suas mais diversas intenções comunicativas mediadas pelas trocas discursivas.

Contudo, se por um lado existem pontos positivos, por outro, existem os pontos negativos nesse mesmo universo, que não podem ser excluídos, como é o caso de: criação de identidades *fakes*, falta de privacidade em alguns casos - roubo de fotos íntimas, entre outros -, a exposição descontrolada para ganhar *likes* e seguidores, o aumento de criminalidades, superficialidade, dependência tecnológica, assim como, as fraudes virtuais e o isolamento social – fazendo com que indivíduos só consigam se relacionar com outros virtualmente (OYAMA, 2011)

O isolamento social propiciado pelas redes sociais é um tema atual e que tem sido bem discutido. Em entrevista ao site G1, a doutora em psicanálise pela USP e diretora do Instituto Gerar de Psicanálise e colunista do jornal Folha de São Paulo, confirma esse ponto negativo do universo digital, trazendo a informação de que “o uso irrestrito da internet e de redes sociais equivale a deixar uma criança em praça pública e depois voltar para ver o que aconteceu” (NERY, 2023, on-line).

Deste modo, apesar dos benefícios que a tecnologia nos proporciona é preciso ter cuidado para que a internet não impeça o indivíduo, principalmente em idade de alfabetização e adolescência, de se dedicar a outras atividades, não comprometendo o seu desenvolvimento e sua socialização, tema vivenciado por jovens e adultos e que veio à tona número de horas que os sujeitos passavam em frente ao computador para lidar com o novo panorama mundial.

1.2.1 Sororidade nas Redes Sociais em tempos da pandemia do Covid-19

A palavra “sororidade” foi um termo muito usado e ouvido nas redes sociais durante o período da Covid-19, principalmente, após o vocábulo “sororidade” aparecer entre os mais procurados no Google, após o seu uso pela cantora Manu Gavassi, participante da 20ª edição de um reality show brasileiro.

Contudo, o conceito foi usado em 1970 pelo movimento feminista para construir uma ideia de luta conjunta entre as mulheres, mas pode e vem sendo utilizado dentro e fora do movimento feminista por se tratar, principalmente, de um conceito que traz aliança entre mulheres, baseada na empatia e no companheirismo com o olhar para uma direção comum, assim como, dentro das redes sociais em tempos de isolamento social.

Durante a pandemia, que teve início em 2019, a população mundial se manteve em quarentena, o que afetou seus corpos e emoções de várias maneiras. Segundo reportagem publicada em 5 de maio de 2020 no site Uol, um levantamento realizado pela

Universidade do Rio de Janeiro com 1.460 pessoas, em 23 estados, mostrou que casos de depressão aumentaram em 90% no intervalo de pouco menos de um mês (FORTUNA, 2023).

Neste cenário, não só os casos de depressão pelo isolamento, mas também os índices de violência contra vulneráveis e contra mulher, por exemplo, caíram nas ruas, mas cresceram dentro de casa no período pandemia. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou em 2022 alguns índices relativos à violência letal e sexual de meninas e mulheres no Brasil. Entre março de 2020 e dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino. O relatório anual Brasileiro de Segurança divulgou que nestes casos, as mulheres foram assassinadas por sua condição de gênero, ou seja, morreram por serem mulheres

Foram momentos de “horror”, tensão, muitas incertezas para enfrentar o isolamento e diversas preocupações como, por exemplo, o desemprego repentino, a falta de mantimentos nos mercados, falta de combustível, sem contar as doenças de cunho mental que provocaram o medo da morte e o luto pela perda repentina de amigos, familiares, colegas, ou, apenas conhecidos que faleceram, literalmente, do dia para a noite. A sociedade passou por muitas mortes, descaso político entre muitos outros motivos de pavor social.

Nesse período, com os indivíduos isolados em suas casas, o consumo de informações, nos mais variados formatos, dentro das mídias sociais aumentou significativamente. Isso porque participar de redes sociais *on-line* viabilizou a diminuição do “sentimento” de isolamento e aumentou o fortalecimento de integração pela colaboração e respeito mútuo (VOLPATO, 2023).

Em 2020, nesse tempo de pandemia, o uso da internet no Brasil cresceu de 74% para 81% da população, o que representa 152 milhões de pessoas. Os dados foram divulgados em 18 de agosto de 2021 pela pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Segundo o levantamento, a maior alta foi registrada por usuários na área rural. O uso de internet neste grupo cresceu de 53%, em 2019, para 70%, sendo que na área urbana, o índice passou de 77% para 83%. (CETIC.BR,2021).

Em 2021, o Brasil foi o terceiro país que mais utilizou as redes sociais no mundo ficando atrás somente das Filipinas e Colômbia. Em dezembro de 2022, foram 356 bilhões de minutos consumidos nas redes. Esse número equivalente a 46 horas de conexão por

usuário no mês. Nesse novo contexto, os sujeitos começaram a passar mais horas na internet para se informar, conversar, produzir, se entreter, comprar, vender, estudar e trabalhar. Em outra pesquisa, realizada pela NordVPN, empresa especialista em cibersegurança, dentro das 91 horas semanais conectadas que foram contabilizadas pela fornecedora, 10h35 delas, os brasileiros ficavam *on-line* navegando entre as redes sociais, como o TikTok, o Facebook, e o Instagram enquanto produziam conteúdos e se relacionavam com outros usuários nas mais diversas plataformas. (MEIRA, 2022)

A referida pesquisa realizada pela NordVPN mostra que 43,5% dependiam da internet para a maioria de seus *hobbies* e 36% dos respondentes não imaginavam seu dia sem internet. Uma prática comum aos brasileiros é o compartilhamento excessivo de informações pessoais. Entre os dados mais divulgados publicamente estão nomes e sobrenomes (91,5%), data de nascimento (86,1%), endereço completo (81,4%), status de relacionamento (43,9%), cargo (40,6%) e informações bancárias (29%). (MEIRA, 2022)

Nesse contexto digital, Markuson (2021) salienta que “a maior parte de nossas vidas pode ser conduzida *on-line*, desde pagamentos até entretenimento, como filmes, séries e jogos, por isso devemos prestar atenção às ameaças cibernéticas”. Ou seja, a segurança é mais um ponto que precisa de atenção no ciberespaço, pois, como o especialista em privacidade digital alerta, “é preciso ter cuidado com o conteúdo recebido, como anexos e links [...], eles podem ser um sinal de fraude” (MARKUSON, 2021). Assim como devemos ficar atentos às notícias falsas e à “desinformação prestada por inúmeros sites e pelas redes sociais.

Outro ponto observado, entre muitos outros dos quais não daremos conta nesta dissertação, embora está relacionado à saúde mental dos indivíduos. No mundo virtual, há a necessidade de parecer feliz e a indiferença de um mundo que parece ser pautado pela “ditadura da felicidade” e que pode ser percebido não somente no universo corporativo, mas também nas redes sociais, principalmente, no Instagram. Fortuna (2023) realça que durante a pandemia foi possível observar no universo digital, dentro dos *posts* do Instagram que, enquanto algumas pessoas demonstravam seu sofrimento questionando seus valores e desabafando, outras “influenciadores digitais” aparentavam estar vivendo “normalmente”, apesar do distanciamento social. (FORTUNA, 2023)

Nesse contexto, também, foram observados os sujeitos “empresários de si”, ou os sujeitos empresariais que se colocaram no mercado como empresas, assumindo riscos e atuando a partir da valorização de ser “capital humano”, como foi o caso de alguns

blogueiros (as), youtubers, instagramers e os influenciadores digitais, profissões atribuídas aqueles que trabalham com as redes sociais (ROCHA *et.al*, 2023).

Visto isto, salientamos que a internet possui “um mundo” de indivíduos famosos com milhares de seguidores ganhando com publicidade e, também, sujeitos nem tão conhecidos, com poucos seguidores, e que tiveram que reinventar o seu modo de interagir com amigos, clientes etc. e pensar em novas formas de oferecer o produto/ serviço durante a pandemia e fizeram uso da sororidade para contornar estruturas sociais patriarcais e praticar pequenas atitudes do cotidiano entre mulheres, no capítulo 2 teremos uma revisão teórica especificamente sobre o tema.

O Instagram, de certa maneira, foi um dos palcos nesse novo panorama de trabalho e de exposição de imagens e vídeos, usado como um meio para alavancar carreiras, vender produtos, vender serviços e não podemos deixar de falar dos infoprodutos⁵ - com os mais diversos temas, mas todos usando as redes sociais como ferramenta de trabalho e sobretudo o Instagram, do qual detalharemos o seu funcionamento a seguir.

1.2.2 O Instagram

O Instagram é uma “plataforma digital de maior destaque na atualidade, em termos de sua popularidade e modalidade de interatividade social. A plataforma permite o uso de uma variedade de serviços de outras redes sociais como Facebook, por exemplo” (APROBATO, 2018, p. 157).

A rede social foi lançada em 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, ambos engenheiros de software. No ano de lançamento, o aplicativo atingiu um milhão de usuários. Em 2011, a empresa, que tinha apenas seis funcionários já possuía dez milhões de usuários na rede. No ano de 2012, após o lançamento do aplicativo na versão para Android, o Instagram foi comprado pelo Facebook e a rede social passou a contar com mais de 500 milhões de usuários em todo o mundo⁶.

⁵ Um infoproduto é um produto digital que ensina alguém a fazer alguma coisa. Ou seja, infoprodutos são uma forma de transmitir um conhecimento de forma organizada, de entreter, gerar engajamento ou de resolver/apoiar alguma necessidade da pessoa que o adquiriu. Extraído do site <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/infoprodutos/> Acesso em 19 abr. 2023

⁶ G1. Entenda a curta história do Instagram, comprado pelo Facebook. **G1 - Tecnologias e Games**. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagram-comprado-pelo-facebook.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Em 2016, uma novidade mudou as formas de consumo do Instagram: o lançamento dos *Stories*. Thiago Costa, professor integrante do Núcleo de Mídias Digitais e Coordenador da pós-graduação em Comunicação e Marketing Digital da FAAP, em entrevista ao site Tecnoblog explicou essa mudança:

Os *Stories* foram muito significativos porque eles também trouxeram uma mudança no tipo de consumo do Instagram; essa coisa fragmentada, picadinha, na qual a gente vai consumindo um pouquinho de cada pessoa, com uma frequência maior. Pode parecer bobo, mas quando pensamos na experiência do usuário, o fato de não precisarmos ter que rolar a tela faz muita diferença. Os *Stories* vão passando, e se você não quiser vê-los pode até pular [...], mas eles criam um fluxo de consumo de conteúdo para o usuário e de passagem de conteúdo para a plataforma. (ALVES, 2021)

Durante o ano de 2017, o algoritmo⁷ continuou a evoluir para destacar as postagens por engajamento (popularidade de uma postagem com base no engajamento recebido), o tempo que os espectadores gastavam com ele, a relevância (interesses do usuário), as vezes que foi compartilhado, o tipo de conexão, o histórico de pesquisa etc. Já em 2018, ocorreu o lançamento do canal de televisão Instagram IGTV, “uma ferramenta para publicação de vídeos mais longos” (ALVES, 2021). Com essa ferramenta, o usuário pode publicar vídeos no formato vertical de até 60 minutos de duração.

Em 2020, a nova funcionalidade foi o *Reels* – “um recurso do app feito para a publicação de vídeos curtos e criativos, tinha um formato muito semelhante às gravações que já víamos no TikTok – e que foram as responsáveis por tornar o aplicativo um gigante do mercado” (ALVES, 2021). Nos *Reels* os vídeos são curtos com no máximo 15 segundos com áudio, efeitos e outras ferramentas.

O Instagram se caracteriza por suas constantes mudanças ao longo do tempo. Desde 2020, as novas funcionalidades foram: poder adicionar filtros às histórias; realizar *lives*; acrescentar perguntas e respostas automáticas. Abaixo detalharemos as suas principais características.

⁷ O algoritmo do Instagram é um conjunto de critérios e cálculos que são realizados automaticamente para determinar quais posts devem aparecer para cada usuário e em que ordem. Extraído de: SANTOS, Aline Cecília. Algoritmo do Instagram: como funciona, qual o seu impacto e como usá-lo a seu favor. Mlabs. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/algoritmo-instagram/> Acesso em 19 abr. 2023.

1.2.3 O funcionamento do Instagram e suas principais características

No Instagram, os usuários compartilham e produzem conteúdos instantaneamente. Podemos dizer que o Instagram é uma rede social principalmente visual, porque “os usuários capturam fotos e vídeos e compartilham com outros usuários da mídia em tempo real” (ARAGÃO 2016, p. 132). Nas fotos e nos vídeos, os usuários podem aplicar efeitos e interagir com a publicação de outros indivíduos por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos de informações pelos *stories*, repostando mensagens no seu *feed* do perfil e/ou por mensagens no chamado *direct*.

Os *Stories* são “um tipo de postagem feita em foto ou vídeo que fica disponível apenas por 24 horas *on-line*” (ALVES, 2021), mas o usuário pode marcar algum conteúdo para criar mais interação em seu perfil, adicionando-o ao menu de histórias em destaque. As postagens no *Stories* podem determinar quais publicações são mais relevantes. A partir disso, usuários e marcas pensam em estratégias para competir, o que inclui: o engajamento que um usuário teve com a publicação (número de curtidas), a hora da publicação etc.

O *feed* de notícias é a página inicial do aplicativo. Após fazer o *login*, é possível visualizar todas as atualizações do momento. Diante de tantas publicações em tempo real, há pessoas que tendem a preferir não publicar em seu perfil, diariamente, ou apenas uma vez por dia, ou uma a cinco publicações por mês. (RIBEIRO; MOSCON, 2018). Além de fotos e vídeos, o espaço pode conter histórias e produtos que podem inspirar pessoas a se conectarem com produtos ou serviços oferecidos por empresas, autônomos ou pessoas físicas.

O *direct* do Instagram é uma ferramenta de envio e recebimento de mensagens instantâneas para diálogo entre pessoas, em que o usuário pode compartilhar textos, links, fotos e vídeos de maneira privada ou entre um grupo de amigos na rede social. Essa função chegou ao Instagram em 2013⁸ e, com o passar dos anos, o aplicativo adquiriu outros recursos para ganhar espaço dos concorrentes (WhatsApp e o Telegram⁹). Com o

⁸ Extraído do site Instagram: do https://business.instagram.com/direct-messaging?locale=pt_BR Acesso em 19 abr. 2023.

⁹ Telegram é um aplicativo gratuito de troca de mensagens, criado em 2013 pelos irmãos russos Pavel e Nikolai Durov. No Brasil, é considerado rival do WhatsApp. Tem versões para uso profissional, para celulares com sistema operacional iOS, Android e Windows. Vale ressaltar, entretanto, que o aplicativo nunca (...) foi desenvolvido por uma empresa russa e não possui *data centers* ou servidores no país. A sede do app de mensagens localiza-se em Dubai, residência de Pavel Durov e que não apareceu na lista dois mais usados durante a pandemia no Brasil.

“direct”, os usuários não precisam mudar de aplicativo para conversas privadas e dentro desse recurso é possível esconder o *status* de *on-line* e enviar *stories* e todos os tipos de mensagens.

Cabe aqui também comentar sobre as *hashtags*, que servem como um mecanismo de busca de publicações que pode ajudar no momento de segmentar um determinado público ou produto. Ou seja,

[...] hashtag constitui-se em um elemento linguístico que é composto por uma *tag* ou palavra-chave precedida de um símbolo de *hash* ou cerquilha conhecido popularmente como "jogo da velha". A sua utilização não é vinculada a um idioma específico, mas tem como regra que a *tag* pode conter letras, números ou emojis, não sendo permitida a utilização de caracteres especiais como por exemplo, \$ ou %. A exemplo das Keywords utilizadas nas páginas de sites para melhorar a sua indexação nos motores de busca, as *hashtags* são utilizadas principalmente para indicar o tema de uma publicação e interligar conteúdos e usuários. Ao indexar postagens nas redes sociais digitais, a hashtag possibilita a promoção dos conteúdos por potencializar o aumento das interações realizadas, representadas por visualizações, curtidas, compartilhamentos, comentários e promoção de debates (ROSA; LOUREIRO, 2022).

Desta maneira, segundo Rosa e Loureiro (2022), as *hashtags* são utilizadas, principalmente, para indicar o tema de uma publicação e interligar conteúdos e usuários. Possibilitam também a promoção dos conteúdos por potencializar o aumento das interações realizadas, representadas por visualizações, curtidas, compartilhamentos, comentários e promoção de debates.

Para entendermos melhor o funcionamento do Instagram, tomaremos como base as características do modelo *honeycomb* (“favo de mel”, em português), criado por Kietzmann *et al.* (2011). Esse modelo é composto por sete blocos: Identidade, Conversação, Compartilhamento, Presença, Relacionamento, Reputação e Grupos.

O modelo permite que o Instagram, através dessa análise, tanto individual quanto em conjunto, possa ser compreendido numa perspectiva que possibilite visualizar em cada bloco suas particularidades e implicações no comportamento das empresas e dos consumidores dessa mídia como ferramenta de trabalho e/ou lazer. Segundo Kietzmann *et al.*, “os blocos de construção não são mutuamente exclusivos, nem todos eles têm que estar presentes na atividade de uma mídia social. São construções que nos permitem ter a

noção de como diferentes níveis de funcionalidade de mídia social podem ser configurados” (KIETZMANN *et al.*, 2011).

O primeiro bloco funcional sugerido é o da “Identidade” que se refere à maneira como as pessoas costumam se apresentar nas redes sociais por intermédio de um computador (KIETZMANN *et al.*, 2011). O Instagram permite que sejam criados perfis com fotos (pessoais, autônomos ou empresariais), com informações para contato. Essas informações ficam visíveis no que é chamado de “biografia”, ou, popularmente como “bio” do Instagram. A “bio” do Instagram fica localizado abaixo do nome e podem possuir até 150 caracteres. No espaço é possível adicionar emoji, *hashtags* ou, qualquer outra informação de apresentação sobre o dono do perfil como, orientação sexual, profissão, localidade, por exemplo. Essas informações ficam visíveis ao público usuário da plataforma, mesmo com o perfil seja privado. Nesse caso, o conteúdo só fica disponível somente aos seguidores da página.

O segundo bloco é o da “Conversação”, como denomina Kietzmann *et al.* (2011). É um bloco funcional que representa o meio pelo qual os usuários se comunicam com outros usuários através da plataforma digital. No Instagram, a ferramenta utilizada para este fim é o “comentar” e o “direct”, ou mensagem direta. Essas duas ferramentas oferecem a possibilidade de conversação direta com o interlocutor.

O terceiro bloco é do “Compartilhamento”, que distribui e recebe o conteúdo. É uma forma de conectar pessoas e indicar publicações, vídeos, fotos, conteúdos que sejam do interesse de outros usuários (KIETZMANN *et al.*, 2011). O Instagram possui uma limitação em relação ao compartilhamento de conteúdo devido a problemas de cópia ilegal de conteúdo. Nesse caso, o compartilhamento de fotos, músicas, vídeos etc., existe somente do próprio conteúdo do usuário com suas próprias mídias, como no Facebook, por exemplo, devido aos créditos.

A “Presença” é o quarto bloco e diz respeito à extensão que permite aos usuários saber se outros usuários estão ou não acessíveis/*on-line*. Além disso, esse bloco representa o recurso de localização (KIETZMANN *et al.*, 2011). O Instagram possibilita que, ao postar uma foto, a localização – de quem estava na foto ou no local postado – seja acionada ou não. Essa ferramenta faz com que algum cliente possa ser alcançado também, no caso dos perfis profissionais.

O quinto bloco é o do “Relacionamento”. Essa função representa a relação do usuário com outros usuários, havendo uma importante ligação com o bloco identidade do

qual é possível reconhecer e indicar o perfil de outra pessoa (bloco de identidade), como é o caso do LinkedIn, por exemplo (KIETZMANN *et al.*, 2011)

O sexto bloco é da “Reputação”, que corresponde ao bloco em que os usuários podem identificar a posição dos outros usuários e de si próprio. Dentro das mídias sociais, reputação pode ter diferentes significados; na maioria dos casos o termo representa confiança. Contudo, na tecnologia da informação ainda não é considerada eficiente para determinar um critério qualitativo (KIETZMANN *et al.*, 2011).

A reputação, tal como acontece com os outros blocos na estrutura do “favo de mel”, tem implicações significativas para como as empresas devem engajar-se nas mídias sociais. É possível contabilizar as empresas e usuários valorizam suas reputações, logo uma métrica deve ser escolhida para fornecer esta informação. No Instagram, uma estratégia para medir a reputação de um perfil é pelo número de seguidores. Para o dono do perfil, isso significa um índice, bom ou não, da sua reputação e a necessidade de engajamento dentro da sua comunidade.

Outra estratégia de metrificação de reputação dentro do Instagram é a contabilidade de tempo que um indivíduo passa em determinada página, assim como a quantidade de postagens ao longo do tempo e o número de vezes que ele é mencionado e/ou o número de visualizações em determinada postagem. Isso permite que as empresas e indivíduos passem a monitorar quantas vezes eles e outros são mencionados, usando uma série de métricas incluindo: força (o número de vezes que você é mencionado); sentimento (a proporção de menções que são positivos para aqueles que são negativos); paixão (com que frequência certos usuários falam sobre você); e alcançar (o número de diferentes usuários falando sobre você dividido pelo número total de vezes que você é mencionado).

E o último bloco destacado Kietzmann *et al.*, (2011) diz respeito aos “Grupos”. Este refere-se à possibilidade de criação de comunidades e subcomunidades dentro dos grupos. Segundo o autor, basicamente, dentro das redes sociais existem dois grupos: os primeiros em que os indivíduos podem classificar seus contatos e colocar seus amigos, seguidores ou fãs em diferentes grupos criados por eles mesmos; em segundo lugar, grupos *on-line* podem ser análogos a clubes no mundo *offline*: abertos a todos, fechados (aprovação necessária) ou secreta (somente por convite).

O Instagram não possui uma ferramenta para criar grupos, mesmo existindo as *hashtags*, que funcionam como agregadores de palavras-chave e conteúdo. Contudo, ao colocar o símbolo # seguido de uma palavra ou conjunto de palavras sem espaço, gera-se

um link para postagens que usaram a mesma *hashtag*. Isso possibilita encontrar interesses parecidos e aumentar o relacionamento entre usuários, muito embora não se caracterize um grupo como os existentes no Facebook ou no antigo Orkut.

Esses blocos - Identidade, Conversação, Compartilhamento, Presença, Relacionamento, Reputação e Grupos - representam a qualidade da interação que os usuários têm com um perfil ou seu conteúdo e ajudam a entender por que as redes sociais continuam sendo tão bem recebidas entre os indivíduos, apesar dos aspectos negativos, como a manipulação de conteúdo ou a obsessão por números na interação social.

No que tange ao método de pesquisa, para a consecução da fundamentação teórica deste estudo esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, “ela trabalha com o universo de significados, de motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 2001, p 22)

Segundo Bauer e Gaskell, (2008), toda pesquisa qualitativa, social, empírica, busca a tipificação da variedade de representações dos sujeitos no seu mundo vivencial, mas, sobretudo, busca conhecer a maneira como os indivíduos se relacionam com seu mundo cotidiano.

Neste sentido, a netnografia se apresenta como um novo método de pesquisa para investigar o que acontece em comunidades virtuais. O método vem da aplicação da etnografia ao estudo do ciberespaço.

A tradição etnográfica tem fundamentos de pesquisa na Antropologia e nas Ciências Sociais. Como método de pesquisa, a etnografia atua sob a perspectiva do procedimento interpretativo. Seu potencial reside na centralidade do pesquisador como a principal fonte de dados em decorrência de sua experiência dentro do grupo e pressupõe uma exposição externa e profunda naquele ambiente. Segundo Hine (2000), “a metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos nos quais ela é empregada e é uma abordagem adaptativa que floresce na reflexividade sobre o método”.

A etnografia incorpora o *insight* mais convincente para investigação e compreensão das interações e inter-relações sociais geradas na Internet, como resposta à intermediação tecnológica, bem como à diversidade e complexidade que são apresentadas nas “experiências da rede”. Segundo Braga (2013), ao utilizar a etnografia para estudo de comunicação mediada pelo computador, os pesquisadores devem ter a compreensão

dos pressupostos teóricos e se envolver em uma troca com pesquisadores que empregam esse método em ambientes convencionais.

Cabe aqui ressaltar que alguns pesquisadores usam o termo “netnografia” e outros, “etnografia virtual”. Os estudiosos de Marketing e Administração preferem utilizar o conceito de netnografia, enquanto os pesquisadores de Ciências Sociais e Antropologia tendem a empregar mais a etnografia virtual. (AMARAL, NATAL, & VIANA, 2008; BRAGA, 2013; SOARES E STENGEL, 2021). Neste trabalho optamos pelo uso do vocábulo “Netnografia”.

A netnografia, como toda pesquisa empírica, é consiste em cinco etapas principais: a definição das questões de pesquisa; “a identificação e seleção da parcela da internet que será estudada; a entrada no campo, que é marcada pela observação participante, ou, não; além da coleta de dados; análise e interpretação dos dados produzidos e, por fim, a redação e o relato dos resultados de pesquisa, articulando-os à teoria” (KOZINETTS, 2014). Aqui, neste estudo, percorremos essas etapas.

Percebemos, portanto, que a “netnografia, como método de pesquisa, adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação à possibilidade de interação social mediada por computador, utilizando essas interações como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural” (SANTOS E GOMER, 2013). Elegemos esse método por ele ser mais convincente no quadro qualitativo para abordar os processos relacionais e os comportamentos e dinâmicas em comunidades virtuais.

1.2.4 Limitações do Estudo

O objetivo central deste trabalho foi investigar como mulheres constroem discursivamente e colaborativamente a temática da sororidade pela plataforma do Instagram. No entanto, no decorrer da pesquisa encontramos algumas limitações que não daremos conta de tratar, pois tanto o tema Internet, quando o tema Feminismo fazem parte de um movimento com muitas vertentes de estudo. Assim, apesar deste estudo abranger o movimento feminista, não daremos conta de analisar e nem tratar de todas as pautas e linhas e desdobramentos como movimento político (LGBTQIAP+); nem as questões raciais que envolvem o feminismo, nem tratar diretamente o tema saúde mental, pois a pesar do perfil selecionado ser de uma médica psiquiatra este trabalho não se aprofundará no tema “saúde mental”.

1.2.5 Coleta de dados e delimitação do corpus da pesquisa

Neste trabalho, o processo de coleta de dados passou por diferentes fases. Inicialmente, escolhemos o perfil a ser analisado, ou seja, o perfil do Instagram da médica @dra_anaaguiar. Vale aqui salientar que optamos por divulgar o nome e, possivelmente a imagem, da usuária do perfil, considerando que se trata de um perfil público, mas preservar em sigilo o nome dos colaboradores nos comentários dentro das publicações para garantir a segurança das informações confiadas a este estudo.

O critério de seleção para a escolha do perfil se deu não pelo número de seguidores, mas por suas interações colaborativas, sua capacidade de prescrição acerca da temática pesquisada, profissionalismo e credibilidade da proprietária do perfil. Destacamos que não foi considerado marketing de produtos, ou, vendas de serviços no perfil.

A criadora de conteúdo da conta é Ana Frota Aguiar, médica, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. No caso deste perfil, se apresenta como mãe atípica, psiquiatra com experiência no âmbito particular e público no atendimento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), desde 2011, além de ser diagnosticada com espectro autista e viver todas as questões cotidianas de uma mulher autista. Atualmente ela faz parte da Comissão Anticapacidade (CRP) e da Frente Nacional das mulheres com Deficiência, destacando-se como ativista na luta contra as deficiências invisíveis.

Após a escolha do perfil, selecionamos 10 publicações da conta @dra_anaaguiar. Essa seleção foi feita por meio da técnica da observação. A observação, segundo Gil (1999), “é um elemento fundamental para a pesquisa. O método de observar é a aplicação dos sentidos humanos para obter informações sobre os diversos aspectos da realidade”. Ainda sobre essa ideia, Rúbio (2002) potencializa essa ideia dizendo que a observação não se trata somente do ver, mas do examinar, que é um dos mais frequentes para conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos. Sendo assim, é a partir da observação que se pode arquitetar as etapas de um estudo como, por exemplo, formular o problema de pesquisa, construir a hipótese, coletar dados etc; e que foi realizado neste trabalho.

No que tange a essa pesquisa, a observação direta das publicações foi feita com base em imagens estáticas (fotografia, ilustração etc.), imagens em movimento (vídeo, *lives*), os textos que acompanharam essas imagens e os comentários das postagens, a fim de verificar como esse perfil fez para usar o conceito de sororidade a com o intuito de

cuidarem da saúde mental diante das dificuldades de lidar com um portador do espectro autista (TEA) na vida adulta.

Com base na observação, identificamos que o perfil possuía 591 postagens até a data de término da coleta que se deu em dezembro de 2023. No entanto, priorizamos publicações que estavam mais relacionadas com o objetivo desta pesquisa. Consideramos, então, 10 postagens publicadas no Instagram do perfil citado, no período de outubro de 2023. Todos os conteúdos analisados se encontram disponíveis para acesso no Instagram da profissional selecionada até a data atual, mas no capítulo 3 serão discriminados com detalhes.

Buscando transparência e clareza desta pesquisa, abrimos um parágrafo para destacar que a escolha do período para a coleta de corpus foi outubro devido à campanha do “Outubro Rosa”. A campanha inicialmente internacional chegou ao Brasil em 2002 por meio de uma iniciativa do Instituto Nacional de Câncer (INCA) em parceria com a Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama (FEMAMA).

Um ponto importante é o fato que levamos em conta a conscientização sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama com um ato de sororidade, que busca reduzir a incidência e a mortalidade pela doença em mulheres¹⁰ e desta maneira justificamos a coleta de dados do corpus durante o período de outubro. Em posse do corpus selecionado, partimos para a análise.

1.2.6 Procedimentos para a análise de dados

Em relação à metodologia que utilizamos para interpretar os dados, adotamos a análise de conteúdo pela observação. Geralmente, nesse tipo de análise, “os elementos fundamentais da comunicação são identificados, numerados e categorizados. Posteriormente as categorias encontradas são analisadas face a uma teoria específica” (APPOLINÁRIO, 2009, p. 27).

O conteúdo – imagens estáticas, em movimento e textos – foi analisado com base no modelo criado por Kietzmann *et al.* (2011) que é composto por sete blocos, como

¹⁰ Informação disponível em: https://ibcmed.com/outubro-rosa-conheca-a-historia-e-origem-da-campanha/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQiA5-uuBhDzARIsAAa21T_FBpye9emcRFenkXIbLfAN0sqCbq9t7kImUJqQcGhp_ut0Qi2ysFEaAjS3EALw_wcB Acesso em: 20/02/2024.

listado no capítulo 1, do qual trata: da identidade que o perfil apresenta, o modo de conversação entre os indivíduos, o compartilhamento de informações, a presença na plataforma, o relacionamento entre os participantes, a reputação construída e os grupos que se formam dentro deste espaço virtual.

Segundo Kietzmann *et al.*, “os blocos de construção não são mutuamente exclusivos, nem todos eles têm que estar presentes na atividade de uma mídia social. São construções que nos permitem ter a noção de como diferentes níveis de funcionalidade de mídia social podem ser configurados”. (KIETZMANN *et al.*, 2011,)

É importante ressaltar que, neste trabalho, não serão tratados todos os blocos e nem na ordem citados pelo autor, mas somente os que cabem à pesquisa: o bloco de identidade, que se refere à maneira como as pessoas costumam se apresentar nas redes sociais por intermédio de um computador a “bio” do Instagram fica localizado abaixo do nome e podem possuir até 150 caracteres; o bloco de conversação, que representa o meio pelo qual os usuários se comunicam com outros usuários através da plataforma digital; e do relacionamento que diz respeito a relação do usuário com outros usuários e a reputação que dentro das mídias sociais, reputação pode ter diferentes significados; na maioria dos casos o termo representa confiança.

O primeiro capítulo dessa dissertação foi destinado a apresentar uma breve genealogia da “era digital” e os seus desdobramentos com o surgimento das redes sociais, Contudo, com base em um recorte do modelo criado por Kietzmann et al. (2011), apresentaremos também nesse primeiro capítulo, o método de pesquisa, os procedimentos para análise, a coleta de dados e as limitações de pesquisa. No próximo capítulo adentraremos ao universo feminino apresentando uma leitura sobre o movimento feminista: conceitos, momentos e desafios.

CAPÍTULO 2

CONTANDO HISTÓRIAS: UMA LEITURA SOBRE O FEMINISMO

*Meu recado às mulheres:
Contem suas histórias
descubram o poder
de milhões de vozes
que foram caladas
por séculos.*

*Ryane Leão
Tudo Nela Brilha e Queima –
Poemas de luta e amor*

Por séculos, vozes femininas que reivindicavam por respeito foram “caladas” na sociedade. Contudo, com o advento da Internet, das redes sociais e, consequentemente, dos influenciadores digitais, a “fala” dos movimentos feministas tem ganhado grande notoriedade, principalmente, na comunicação de massa. Isso levou e levantou em si questões intrínsecas do movimento de mulheres como, por exemplo, o trabalho feminino e os seus direitos por igualdade e equidade, pontos que vêm ao encontro do caminho percorrido pelas feministas até a atualidade.

Esses episódios nos fizeram refletir, durante a construção desta dissertação, sobre a constante luta feminina e sobre a necessidade ainda de apresentar os principais marcos que garantiram os direitos das mulheres ao longo da história no combate a uma estrutura patriarcal dominante. Segundo Miguel (2011, p. 27), o patriarcado é “um sistema básico de dominação sexual”, do homem sobre a mulher.

Nesse sentido, entendemos como patriarcado a dominação do homem sobre a mulher, gerando uma série de discursos que concordam com a supremacia dos homens e do masculino, e o papel secundário das mulheres e do feminino. Essa dominação faz com que as mulheres sejam submetidas a diferentes opressões e sofram variadas formas de violência vivenciadas na contemporaneidade.

Assim, apresentar as principais vozes feministas que, a princípio, visualizavam um mundo livre de desigualdades oriundas do simples fato de ter nascido mulher é inconcebível sem antes, portanto, observar as práticas de sororidade desenvolvidas na atualidade – que será o tema do quarto capítulo desta dissertação –, sem discorrer antes sobre o movimento de mulheres distribuídos nas suas diversas ondas.

Todavia, é importante ressaltar, primeiramente, que o conceito de feminismo é bastante flexível e complexo e abrange processos de transformações, resistências e rompimentos. O feminismo de cada época, em cada cultura, com diversas estratégias de militância utilizadas e os vários seguimentos teóricos e sociais foram fundamentais nas lutas a favor da igualdade de gêneros da emancipação feminina (MOURA, 2016).

Dentro do movimento feminista, existem vertentes distintas que não permitem somente uma interpretação. Logo, é possível encontrar uma ramificação liberal, radical, socialista, lésbica e negra. Ou seja, existem outras vertentes que se agrupam para o ideal de igualdade, seja entre homens e mulheres, seja entre classes, raças, etnias e orientação sexual, e ainda para o ideal de superioridade feminina (SOBRINHO, 2019).

Diante disso, não pretendemos realizar uma revisão teórica sobre o tema, sua evolução e suas variadas vertentes, mas apresentar o seu percurso traçando os conceitos e os principais marcos do movimento feminista nas suas quatro principais ondas feministas.

É com muito respeito e empatia que esse capítulo é uma homenagem a todas as mulheres que vieram antes de nós com propósito e determinação para mudar uma nação e as que virão com a força dessas mulheres para continuar a legitimar conquistas por direitos iguais e futuros. Dessa maneira, o presente capítulo será dividido em: 2.1) *Uma leitura sobre o movimento feminista: conceitos, momentos e desafios*; 2.1.1) *A primeira onda o feminismo: o movimento sufragista*; 2.1.2) *A segunda onda do feminismo: sexualidade e a autonomia da mulher*; 2.1.3 *A terceira onda do feminismo: a interseccionalidade*; 2.1.4 *A quarta onda do feminismo: ciberativismo/ciberfeminismo e 2.1.4.1. Sororidade: contexto e visibilidade com a Internet*

2.1 Uma leitura sobre o movimento feminista: conceitos, momentos e desafios

Ao longo da história, as mulheres têm protagonizado uma “luta” para alcançar uma representação igualitária com os homens na sociedade. Essa luta tem passado por

diferentes etapas, processos e mudanças, nas quais o movimento de mulheres obteve grandes conquistas. A trajetória de tais mudanças alcançadas, graças ao movimento feminista, divide-se em ondas do feminismo.

De acordo com o contexto anglo-saxão, são três as grandes ondas feministas: a primeira de 1880 a 1940, que compreende a geração das sufragistas e os grupos a favor dos direitos das mulheres; a segunda com início no final da Segunda Guerra mundial (1960); e a terceira a partir dos anos de 1990 (SOBRINHO,2019; BISWAS, 2004). No entanto, as numerosas e massivas manifestações de mulheres em todas as partes do planeta, impulsionadas pelas redes sociais, permitem-nos falar da existência de uma quarta onda feminista: o ciberfeminismo/ciberativismo.

Essa metáfora das “ondas” se fortaleceu como uma forma de nomear momentos de grande mobilização feminista. Inicialmente, as narrativas sobre as ondas privilegiaram a ação de feministas brancas da classe média e ativistas brancas inglesas e francesas. Neste contexto, Zirbe destaca:

Por muito tempo a metáfora da onda foi usada para dar visibilidade a certas pautas ou momentos históricos específicos. Tais momentos representariam o “ponto alto” ou de maior força de cada onda. No entanto, assim como uma onda marítima é formada por um conjunto de fenômenos, podemos pensar as ondas do feminismo de maneira mais orgânica e não como algo que desponta, repentinamente, na realidade social e, certo tempo depois, desaparece. Podemos pensá-las de maneira mais contínua, geradas pela ação de milhares de mulheres, de diferentes locais, etnias, gerações e visões de mundo. É desta maneira que serão descritas aqui (ZIRBE, 2021, p.10 e11).

No entanto, há críticas em relação a essa divisão temporal do feminismo em “ondas”, segundo Sobrinho (2019). A autora relata que pensar dessa forma nos leva a entender que as demandas da primeira onda são resolvidas ao se alcançar a segunda e, assim, sucessivamente; ou ignorar que em uma mesma “onda” existiam movimentos feministas com propósitos diversificados. Porém, consideramos que o fato de a apresentação dos movimentos feministas ter sido dividida em períodos é justificado em função da apresentação das demandas específicas, conforme a época e as mudanças da sociedade.

Levamos em conta, portanto, que o movimento feminista caminhou por vários períodos históricos que correspondeu a grupos de mulheres em tempos cronológicos diferentes, necessidades diferentes, desigualdades e superações diferentes. Desse modo, salientamos que essa divisão temporal nos ajudará a traçar uma linha de raciocínio com

o objetivo de entender os momentos marcantes do movimento feminista e as distintas interpretações teóricas destinadas à noção de gênero dentro do debate feminista.

A divisão temporal aqui exposta nos ajudará a compreender, posteriormente a sororidade (irmandade e solidariedade feminina) como ferramenta de apoio que fortalece as mulheres neste século XXI.

2.1.1 A primeira onda do feminismo: o movimento sufragista

O século XIX foi marcado por inúmeras fases, descobertas, revoluções críticas e inovações na história mundial e do Brasil. Nesse período, nascia o socialismo, o questionamento da ideia do lucro a todo custo, a luta por direitos dos operários com a participação na política e a luta pelo sufrágio universal.

No entanto, as liberdades, os direitos e a igualdade jurídica e política tão perseguidos pelos homens não incluíam as mulheres. Foi somente entre o final do século XIX e início do século XX que surge a primeira onda feminista, conhecida como a “geração das sufragistas”, em que as mulheres começaram a reivindicar o reconhecimento do seu papel como cidadãs. Do ponto de vista global, esse primeiro momento teve como pauta feminista duas questões identificadas: a luta pelo voto e a entrada da mulher no mercado de trabalho (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 43).

Segundo Alves e Pitanguy (1981), é difícil estabelecer as datas corretas para os acontecimentos que fazem parte de processos históricos, mas a Convenção dos Direitos da Mulher convocada, em Seneca Falls, no ano de 1848, foi um dos marcos do movimento sufragista americano. Na convenção em questão, foi redigida uma paráfrase da Declaração de Independência das Treze Colônias, de 1776: “Acreditamos serem estas verdades evidentes: que todos os homens e mulheres foram criados iguais [...]” (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 45).

Dentre as queixas e reivindicações contidas na Declaração de Seneca Falls, estavam as denúncias das restrições, especialmente políticas, às quais as mulheres eram submetidas. Elas não podiam votar, candidatar-se a eleições, ocupar cargos políticos, filiar-se a partidos políticos ou comparecer a reuniões políticas.

O apelo pela igualdade de direitos femininos, a partir dessa convenção, deixou de ser uma ambição de poucas e passou a ganhar força entre várias mulheres. Surgiram novas

lideranças, tais como Lucy Stone¹¹ e Susan B. Anthony¹², e foram realizadas inúmeras convenções feministas. Em uma das convenções, foi aprovada uma proposta legislativa que afirmava ser dever americano lutar pelo sufrágio (SANTOS, 2017, p. 29).

Contudo, segundo análise de Oliveira (2012), o feminismo não nasceu liberal e limitado aos direitos individuais. As reivindicações de feministas como, por exemplo, Susan B. Anthony, ia além do direito ao voto, mas foi um ponto de partida para abraçar questões sociais, culturais e religiosas que contribuiriam para a perpetuação da sujeição feminina. (OLIVEIRA, 2012. p.117)

Naquele momento, o movimento feminista em questão optou por recuar algumas reivindicações para não prejudicar a luta pelo sufrágio (SANTOS, 2017). Assim, o feminismo liberal, embora tenha sido um marco na ampliação dos direitos das mulheres, não pretendia esgotar a luta feminina diante da demanda no momento. (SANTOS, 2017, p. 33). O movimento se repetiu em outras convenções e abrangeu três gerações de lutas. Somente em 1920, nos EUA, foi ratificada a 19ª. Emenda Constitucional concebendo o voto às mulheres (ALVES; PITANGUY, 1981).

O movimento sufragista norte-americano exerceu grande influência no movimento sufragista brasileiro. Nas décadas de 1920 e 1930, o movimento feminista no Brasil já incluía mulheres de diversas profissões, como advogadas, médicas e engenheiras. Bertha Lutz, bióloga e política, foi uma das lideranças do movimento sufragista feminino no Brasil.

Em 1918, Bertha Lutz publicou um artigo em que convocava mulheres para a formação de uma organização em defesa dos direitos das mulheres, incluindo o direito ao voto, que era considerado um instrumento fundamental para o exercício da cidadania pelas mulheres. Em 1919, ela representou o Brasil com Olga de Paiva Meira¹³ na reunião

¹¹ Lucy Stone (1818-1893) – lutou contra a desigualdade em todas as frentes no movimento sufragista. A primeira mulher de Massachusetts a obter um diploma universitário e desafiou as normas de gênero quando escreveu votos de casamento para refletir suas crenças igualitárias e se recusou a adotar o sobrenome do marido. Em 1850, dois anos após a Convenção dos Direitos da Mulher de Seneca Falls, Stone organizou a primeira Convenção Nacional dos Direitos da Mulher em Worcester, Massachusetts. Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/lucy-stone/> Acesso: em 1 maio 2023.

¹² Susan Brownell Anthony (1820-1906) – Foi defensora da temperança, abolição, direitos trabalhistas e pagamento igual para trabalho igual. A sufragista tornou-se uma das líderes mais visíveis do movimento sufragista feminino. Anthony passou a vida trabalhando pelos direitos das mulheres. Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/lucy-stone/> Acesso em: 18 maio 2023.

¹³ Olga de Paiva Meira: Feminista e ativista política, nasceu em SP e representou o Brasil no Conselho Feminino Internacional, em 1919. Participou de várias ações assistencialistas e da Revolução

do Conselho Feminino da Organização Internacional do Trabalho, na qual foi aprovado o princípio de salário igual para trabalho igual (SANTOS, 2017 apud BUONICORE, 2009, p. 198).

Juntamente a Maria Lacerda de Moura¹⁴, Bertha Lutz fundou, em 1919, a *Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher*, voltada para a luta por igualdade política das mulheres:

Em várias entrevistas para jornais, Bertha Lutz expandia-se sobre os objetivos do movimento. Estes iam desde interesses altamente generalizados, como a paz mundial, até assuntos específicos, como o pagamento igual para trabalho igual e oportunidades educacionais iguais. Mas, para realizar esses objetivos, afirmava, as mulheres precisavam ter acesso ao processo político como cidadãs plenas e iguais; precisavam ter participação política direta e legítima. Bertha Lutz e outras sufragistas viam o voto “como meio de ação”, como um instrumento para superar as barreiras em direção a uma sociedade liberal mais completa. Serviria como o instrumento necessário para o progresso e não meramente como um fim em si mesmo (HAHNER, 1981, p. 103).

Em substituição a *Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher*, Bertha fundou a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* (FBPF), a primeira organização feminista brasileira com expressão nacional e internacional (HAHNER, 1981). O estatuto da FBPF previa como objetivos da Federação, dentre outros, “assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos” e “estreitar os laços de amizade com os demais países americanos, a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça no Hemisfério Ocidental (HAHNER, 1981, p. 107)

As representantes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino organizaram a primeira conferência brasileira de mulheres, no Rio de Janeiro, que contou com a

Constituição de 1932. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/biografia-de-mulheres/> Acesso em: 18 maio 2023.

¹⁴ Maria Lacerda de Moura foi uma feminista brasileira, nasceu em 1887, na cidade de Manhuaçu, em Minas Gerais, e morreu em 1945, no Rio de Janeiro. Filha de uma família de classe média, cursou a Escola Normal em Barbacena, tornando-se professora primária. Desenvolveu um trabalho junto às mulheres da região, organizando mutirões para a construção de casas populares. Também nesta época fundou a *Liga contra o Analfabetismo*, onde dava aulas de alfabetização gratuitas para jovens e adultos. Em 1921, ela participou da Fundação da Federação Internacional Feminina. Neste período, chegou a participar do movimento sufragista, que abandonou muito rapidamente, considerando que a pauta pelo direito ao voto seria uma pauta burguesa e menos importante diante de outras questões muito mais urgentes que as mulheres enfrentavam na sociedade naquele momento. (MOURA, 2020). Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2020/10/Verbete-Maria-Lacerda.pdf> Acesso em: 18/05/2023

presença da sufragista Carrie Chapman Catt¹⁵, em dezembro de 1922. Acatando o conselho de Catt, participaram da mesa alguns políticos de destaque, o que, segundo Catt, conferiria maior importância ao congresso. Assim, participaram o vice-presidente da República, Estácio Coimbra, o senador Lopes Gonçalves e o senador Lauro Muller, que defenderam a constitucionalidade do voto feminino (SANTOS, 2017, p. 56).

Bertha Lutz, durante vinte anos, continuou participando de conferências feministas internacionais. Representou oficialmente o Brasil no 9º Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, realizado em Roma em 1923, e no Congresso Interamericano de 1925, ocorrido em Washington. (SANTOS, 2017, p. 57)

Outra voz feminista, presente nesta primeira onda, foi a de Nísia Floresta Brasileira. A escritora publicou obras como *Conselhos à Minha Filha* (1842), *Opúsculo Humanitário* (1853) e *A Mulher* (1856) que marcaram o despertar de uma consciência crítica acerca da condição feminina na nossa sociedade (COSTA; SARDERBERG, 2002).

Segundo Alves (1980), a maior contribuição de Nísia Floresta diz respeito à luta pela educação da mulher. A feminista criticava fortemente a situação de dependência das mulheres em relação aos homens. Fato resultante, principalmente, da ignorância em que eram mantidas as meninas. Nísia fundou e dirigiu colégios femininos, de modo a investir nas suas ideias de emancipação feminina através da educação. (ALVES, 1980, p. 89)

Ainda que tenham tido avanços na luta das mulheres pelos seus direitos, alguns historiadores, como Hahner (1981), consideram que as mudanças defendidas por essas sufragistas, vinculadas à elite brasileira, eram menos drásticas com relação à alteração dos papéis tradicionalmente impostos às mulheres do que aquelas defendidas por algumas feministas no final do século XIX. Como exemplo desta afirmação, podemos citar o periódico *Nosso Jornal*, fundado por Cassilda Martins e Júlia Lopes de Almeida em 1919,

¹⁵ Carrie Chapman Catt (1859-1947): foi uma sufragista e ativista pela paz que ajudou a garantir às mulheres americanas o direito de voto. Ela dirigiu a National American Woman Suffrage Association (NAWSA) e fundou a League of Women Voters (1920) para trazer as mulheres para o *mainstream* político. Ela também ajudou a fundar o Woman's Peace Party em 1915. Com a votação conquistada, Catt fundou a *League of Women Voters* para educar as mulheres sobre questões políticas e serviu como presidente honorária da organização até sua morte em 1947. Ela publicou uma história do sufrágio em 1923, *Woman Suffrage and Politics: The Inner Story of the Movimento sufragista*. Ela também deu atenção a outras questões, como trabalho infantil e paz mundial. Após os horrores da Primeira Guerra Mundial, ela organizou o Comitê sobre a Causa e a Cura da Guerra (1925). Preocupada com o crescente poder de Hitler, ela trabalhou em nome dos refugiados judeus alemães e recebeu a Medalha Hebraica Americana (1933). Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/lucy-stone/> Acessado em 18 maio 2023.

que, apesar de apoiar o voto feminino, não defendia uma ruptura com a ordem anterior, mas sim a busca de um equilíbrio:

Embora o Nosso Jornal louvasse muitas das oportunidades abertas às brasileiras e fosse favorável ao sufrágio feminino, procurava a harmonia entre o novo e o velho. Nosso Jornal opunha-se ao “feminismo radical” encontrado em outros países, que iria subverter os “moldes clássicos da existência da mulher”. Como a maioria da imprensa comum, essas mulheres expressavam orgulho por um movimento feminista brasileiro que alcançasse seus objetivos sem a violência e a hostilidade antimachista vista nos Estados Unidos na Inglaterra, e elas se sentiam superiores à sufragette inglesa atiradora de bombas, “agressiva e intolerante” (HAHNER, 1981, p. 100 e 101).

A igualdade de direitos – seja o direito ao acesso à educação e aos cargos profissionais, seja o direito de receber salário igual aos homens etc. – somente seria possível mediante participação política ampla, isto é, o voto. Para Hahner (1981), o voto não era visto como um fim em si mesmo, mas sim como um meio para a conquista de direitos pelas mulheres.

Nesse mesmo sentido, Abreu ressalta:

As sufragistas argumentavam que as vidas das mulheres não melhorariam até que os políticos tivessem que prestar contas a um eleitorado feminino. Acreditavam que as muitas desigualdades legais, econômicas e educacionais com que se confrontavam jamais seriam corrigidas, enquanto não tivessem o direito de voto. A luta pelo direito de voto era, portanto, um meio para atingir um fim (ABREU, 2002, p. 460).

No Brasil, o direito ao voto feminino ocorreu em 1932 – pelo Decreto no. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Foi a primeira grande vitória do movimento feminista. Assim, nos anos de 1930 e 1940, as mulheres já podiam votar, ingressar nas instituições escolares e participar do mercado de trabalho. Direito ao voto e direito ao estudo estavam relacionados, pois o movimento feminista defendia que com a possibilidade de serem educadas seria mais difícil negar-lhes o direito de voto.

Enfim, a primeira onda feminista conhecida como “o sufrágio feminino” foi uma luta longa que abrangeu mulheres de todas as classes e demandou uma enorme capacidade de organização em diferentes países: Estados Unidos, Inglaterra e Brasil (ALVES; PITANGUY 1981, p. 44). O movimento feminista continuará a luta iniciada pelas mulheres no século XIX. Assim sendo, na obra *O Segundo Sexo*, a filósofa francesa

Simone de Beauvoir lança as bases teóricas para uma nova fase do feminismo: a segunda onda feminista com pautas voltadas para a sexualidade e a autonomia da mulher, tratadas a seguir.

2.1.2 A segunda onda do feminismo: sexualidade e a autonomia da mulher

Os anos de 1960 foram marcados pelo final da Segunda Guerra mundial nos EUA, período de disputa entre os Estados Unidos (representante do Capitalismo) e a União Soviética (representante do Comunismo). No Brasil, o momento era de ditadura militar que, sob a influência norte-americana, desenvolveu-se uma política populista e, principalmente, de censura política e intervencionismo do Estado.

Ao término da II Guerra Mundial, o momento foi de desenvolvimento político, de transformação econômica e cultural no Ocidente: a “Era do Ouro”. Esta era trouxe algumas consequências, pois se de um lado existia uma sociedade capitalista, de outro lado, estavam as transformações culturais decorrentes desse período, como a exigência da Educação Superior, principalmente nos Estados Unidos (SOBRINHO, 2019, p. 91).

Essas transformações culturais propiciaram às mulheres, que antes se preocupavam com casamentos, a pensarem diferente e a entrarem na universidade com a intenção de ampliarem o seu campo de conhecimento para além das profissões como professora e enfermeira, que eram uma extensão do papel familiar (SOBRINHO, 2019, p. 92). Logo, o Ensino Superior não era mais um local para os jovens aprenderem uma profissão e receberem somente um certificado, mas também um lugar que abria espaço para discursões críticas sobre cidadania e os seus direitos. Realidade que favoreceu a uma juventude intelectualiza, que questionava a nova sociedade (SOBRINHO, 2019, p. 92).

Assim, considerando que o direito ao voto feminino já tinha sido garantido por lei no sufrágio feminino, a segunda onda do feminismo foi intensificada na década de 1970 e espalhou-se por vários cenários sociais nas décadas seguintes, trazendo em si questões reflexivas voltadas para a sexualidade e a autonomia da mulher no contexto familiar. Dentre essas questões, o movimento foi frisado pelo direito ao divórcio, à reprodução, ao aborto e à liberdade sexual.

Segundo Miguel (2011), após a ocupação do sistema de dominação sexual, foram firmados dois campos de atuação no feminismo: o primeiro se deu ao construir a luta contra o patriarcado e o segundo (o socialismo) ficou focado na luta contra o sistema de classes, sobretudo, o capitalismo. Para Pinto (2010), a originalidade do movimento

feminista neste contexto foi apontar “[...] que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias” (PINTO, 2010, p. 16).

Por outro lado, Miguel (2011) destaca que a grande novidade do movimento feminista foi construir sua organização de forma autônoma, e não mais em organizações mistas, o que culminou no Movimento de Libertação da Mulher. Estas elaborações decorreram especificamente de uma vertente do movimento, denominada feminismo radical e foram responsáveis pela primeira grande cisão desta entre “políticas” e “feministas” (MIGUEL, 2011).

De acordo com Cisne (2014), o feminismo radical, assim como a vertente socialista, defende a transformação estrutural da sociedade como meio de avançar no processo de emancipação das mulheres, entretanto, seu foco recai sobre o sistema patriarcal. Já a vertente socialista é centrada na transformação do sistema capitalista.

As feministas radicais norte americanas lançaram mão de ferramentas teóricas do marxismo, da psicanálise e do anticolonialismo e desenvolveram conceitos importantes para as análises das questões relativas à subordinação do conjunto de mulheres, como patriarcado, gênero e casta sexual, entre os anos de 1967 e 1975 (MIGUEL, 2011).

O domínio dos homens sobre as mulheres repousa na capacidade do patriarcado. Ou seja, é este Homem quem determina a opressão e a subordinação das mulheres. Para Miguel, o patriarcado “é concebido como um sistema básico de dominação sobre o qual se rege o resto das dominações, como as de classe e de raça. O gênero expressa a construção social da feminilidade e a casta sexual alude à experiência de opressão comum vivida por todas as mulheres” (MIGUEL, 2011, p. 27).

Já Andrade (2011) contra-argumenta que a condição de gênero por si só não determina a estrutura de relações de classe. Essa conclusão não deve ser entendida como menosprezo da questão de gênero, visto que acena para a compreensão de que

As relações de gênero, portanto, encontram-se profundamente integradas nas formações sócio-econômicas e nas instituições políticas não podendo ser devidamente compreendidas pelo desprezo de outras divisões, antagonismos e contradições sociais [...] Nestes termos, devemos ter em mente que as experiências de classe são formadas por um complexo de relações sociais desenvolvidas no cerne de formações sociais e históricas determinadas. (ANDRADE, 2011, p. 91)

Uma das pioneiras para a difusão do conceito de gênero foi Simone de Beauvoir, um dos principais nomes da segunda onda feminista. Foi escritora, filósofa e autora do livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1949, que apesar da data de publicação só teve abrangência na segunda onda do feminismo.

A análise de Simone de Beauvoir (1949) constitui um marco histórico na medida em que delineia os fundamentos da reflexão feminista surgida na década de 1960. Ela denuncia as raízes culturais da desigualdade sexual, trata de questões relativas à biologia, à psicanálise e aos condicionamentos que ao invés de integrar a mulher a seu sexo a aliena ao fato de ser treinada para ser um apêndice do homem (ALVES; PITANGUY 1981).

Contudo, conforme já dito, foi somente após a sua morte, em 1986, e a publicação de seus escritos privados, que a contribuição filosófica de Beauvoir seria realmente reconhecida, até mesmo nos Estados Unidos (CYFER, 2015). A escritora e filósofa deixa registrado que

O segundo sexo foi concebido, quase fortuitamente, querendo falar de mim, percebi que precisava descrever a condição das mulheres [...] Tentei pôr em ordem no quadro, à primeira vista incoerente, que se ofereceu a mim: em todo caso, o homem se colocava como o Sujeito e considerava a mulher como um objeto, o Outro. [...] Um dos mal-entendidos que meu livro suscitou foi que se pensou que nele eu negava qualquer diferença entre homens e mulheres: ao contrário, ao escrevê-lo medi o que os separa; o que sustentei foi que essas dessemelhanças são de ordem cultural e não natural. Contei sistematicamente como elas se criam, da infância à velhice, examinei as possibilidades que este mundo oferece às mulheres, as que lhes são recusadas, seus limites, suas oportunidades e faltas de oportunidade, suas evasões, suas realizações. (BEAUVOIR, 2009, p. 210-11)

Na passagem acima de sua biografia, escrita em 1963, Beauvoir (2009, pp. 210-11) sintetiza os dois problemas centrais do livro *O segundo sexo*. Um deles já está sugerido no próprio título: a mulher é o não sujeito, é o Outro, o segundo. O outro problema diz respeito à forma como justifica esse argumento. Ser o Outro não é uma condição determinada pela natureza. É a cultura que define a experiência da mulher desse modo. Essas ideias, porém, nem sempre foram interpretadas dessa forma.

Em parte, porque a recepção de *O segundo sexo* entre seus contemporâneos foi marcada por hostilidades pessoais. Acusaram-na de ser “neurótica, frustrada, uma deserdada, uma mulher-macho, uma invejosa, amargurada repleta de complexos de inferioridade com relação aos homens, com relação às mulheres, roída pelo ressentimento” (BEAUVOIR, 2009, p. 214). Essas reações agressivas poderiam ser

explicadas com sua própria tese sobre a condição feminina, pois as críticas ao livro desqualificaram a autora como gente e intelectual (MOI, 1990).

Outra crítica frequente refere-se aos modos como Beauvoir relaciona corpo e subjetividade, em particular nos capítulos sobre biologia e maternidade. Segundo algumas leituras, Beauvoir trata o corpo como algo sujo e indesejado, que aprisiona a mulher em suas funções biológicas, o que, em última análise, implicaria abraçar o determinismo biológico que a mais célebre frase do livro, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, parece desmentir (PILLARDI, 1995).

Tais críticas, quase em uníssono, conferiram a Beauvoir, dentro do feminismo do final dos anos de 1970 e na década de 1980, o status de uma figura a ser venerada como uma musa, a “mãe” da segunda onda feminista, uma pioneira a ser respeitada, mas cujas ideias remeteriam a um feminismo longínquo e ultrapassado (KRUKS, 1992).

Outra voz considerada muito importante na segunda onda feminista foi a de Betty Friedan. Psicóloga, jornalista e ativista estadunidense foi uma feminista que se apoiou nos estudos teóricos de Beauvoir (ALVES; PITANGUY, 1981). Friedan, em seu trabalho denominado como *A Mística Feminina* (1963), recolhe nos EUA uma série de depoimentos de mulheres de classe média que corresponderia ao ideal da “rainha do lar”. Detecta o que chamou de “o mal que não tem nome” e que se traduziria por uma frustração constante e indefinida (ALVES; PITANGUY 1981).

O “o mal que não tem nome” traz a ideia de um vazio existencial que afetava mulheres heterossexuais brancas estadunidenses, moradoras de subúrbios, de classe média que não podiam ser supridas por um casamento perfeito, pelo alto padrão de vida ou por filhos, e que elevou os índices de alcoolismo e transtornos mentais nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra (FRIEDAN, 1963).

Manipuladas pela sociedade de consumo, essas mulheres deixaram o ideal de comportamento libertário das sufragistas, em voga até os anos 1930, e passaram a incorporar um imaginário sobre o *feminino* projetado por homens brancos que tinham voltado da guerra fantasiando padrões de gênero sexistas. Aos homens, os provedores, era destinada a descoberta de mundos concretos e intelectuais. Às mulheres, as cuidadoras – mães e esposas donas de casa –, a interioridade oca do lar. (FRIEDAN, 1963)

No final dos anos 70, já estavam dados os primeiros passos na construção de uma teoria feminista. Kate Millet¹⁶, arquiteta e autora, publica o livro *Política Sexual* (1970), em que analisa historicamente as relações entre os sexos, afirmando que o patriarcado é um sistema universal de dominação prevalente em todas as culturas, religiões, leis, costumes de todas as civilizações, além de abordar aspectos ideológicos, sociológicos, econômicos, antropológicos e psicológicos da condição da mulher no patriarcalismo (ALVES; PITANGUY 1981).

No Brasil, a segunda onda feminista mundial cruza com a Ditadura Militar, uma situação que está em total desacordo com as mudanças políticas e culturais que ocorrem na Europa e nos Estados Unidos. Indivíduos envolvidos com partidos políticos, movimentos sociais e outras forças do campo da esquerda foram presos e exilados. Eles aderiram à luta armada e mantiveram-se em silêncio ou foram silenciados. Suas ações foram sufocadas pela força do regime. Segundo Pinto (2003), a maioria das primeiras ativistas feministas do país esteve envolvida ou apoiou a luta contra a ditadura. Algumas delas foram presas, perseguidas e exiladas pelo governo.

Brasileiras que tiveram contato com o movimento feminista na Europa e nos EUA, ao chegarem ao Brasil e buscarem levar adiante as lutas feministas, encontraram resistências tanto com os partidos políticos da direita, com a ditadura militar, quanto com os partidos políticos da esquerda, com a prevalência de uma tendência marxista que via nestas lutas específicas uma espécie de desvio da luta de classes fundamental (PINTO, 2003), isto é, do proletariado contra a burguesia. De qualquer forma, as questões feministas alcançaram as mulheres operárias e passaram a fazer parte de suas lutas. E, ao fim da década, mesmo perseguido, o movimento feminista, ainda que frágil conseguiu se organizar no país.

As mulheres se reuniam em grupo em vários estados do Brasil. O grupo do Rio de Janeiro adotou o nome de Grupo de Reflexão, em 1972 que durou até 1973; e depois foi dividido em dois grupos devido a idade das mulheres. O grupo das mulheres mais experientes ficaram responsáveis por ler e discutir as reflexões feministas da época; e o

¹⁶. Katherine Murray Millet nasceu no dia 14 de dezembro de 1934, na cidade de Saint Paul, Minnesota, e foi **uma das principais autoras e militantes feministas da 2ª onda do movimento**. Seu principal livro, *Política Sexual* (1970), foi considerado pelo jornal *New York Times* como “a Bíblia da libertação feminista”. Millett foi a primeira feminista a falar sobre a tese feminista do patriarcado e suas estruturas sociológicas. Ela foi uma das **principais militantes responsáveis por levar o foco do movimento feminista para questões de liberação sexual**.

grupo das mais novas preocupava-se com as questões da sexualidade e depoimentos intimistas como o narrado por de Branca Moreira Alves. No grupo de São Paulo, em 1975, estavam: Maria Odila, Leite da Silva Dias, Célia Sampaio, Beth Mendes, Walnice Nogueira, Albertina Costa, Marta Suplicy entre outras. (MARQUES; PEDRO, 2012 p. 242)

Para finalizar os principais marcos da segunda onda feminista, não poderíamos deixar de citar uma grande conquista, ocorrida em 1975. Neste ano, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu a data e estabeleceu “o Ano Internacional da Mulher”, após Clara Zetkin, ativista alemã – na Segunda Conferência Internacional da Mulher Socialista realizada em 1910, em Copenhague – propor a data de 08 de março para homenagear a morte de 129 mulheres assassinadas queimadas¹⁷. Inicialmente a data foi incorporada apenas pelas mulheres socialistas de alguns países europeus como Alemanha, Áustria, Dinamarca e Suíça. Contudo, foi em 1975, que a ONU incluiu o dia 8 de março sem seu calendário oficial de comemorações (TOSCANO; GOLDBERG, 1992).

Na segunda onda feminista, portanto, as feministas questionaram a sexualidade e a autonomia da mulher no contexto familiar. Foi nessa fase que elas começaram a reivindicar o controle e a autonomia do corpo: a reprodução e a liberdade sexual. Era o início do discurso de liberação sexual, cujo preceito é que o núcleo da opressão da mulher reside na sexualidade. Uma vez implantado o germe da liberação sexual, o movimento feminista nunca mais foi o mesmo, dando início a outra onda feminista.

2.1.3 A terceira onda do feminismo: a interseccionalidade

As ondas do feminismo anteriores tiveram uma série de objetivos que foram alcançados através do reconhecimento de direitos básicos para as mulheres que, antes, pareciam praticamente inatingíveis, como o direito à educação, o direito ao voto, os mesmos direitos de ambos os cônjuges no casamento, o divórcio, direito ao aborto etc. Assim, a terceira onda do feminismo questiona o sujeito “mulher”, revisando uma história supostamente universal do feminismo eurocêntrico e branco.

¹⁷ Em 1857, operárias de uma indústria têxtil de Nova York se revoltaram contra as péssimas condições de trabalho a que estavam submetidas e resolveram ocupar uma fábrica reivindicando: igualdade salarial, melhores condições de trabalho e redução de jornada de catorze para dez horas. Os patrões fecharam as portas e atearam fogo no prédio ocupado e queimou as trabalhadoras vivas.

Neste contexto, nos anos oitenta com a redemocratização do Brasil após um longo período de ditadura militar, o feminismo no país entra em uma fase de proliferação das lutas feministas por direitos. Havia inúmeros grupos e coletivos¹⁸ em todas as regiões tratando de uma grande quantidade de temas como, por exemplo, a violência, a sexualidade, o direito ao trabalho, a igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais.

Estes grupos se organizavam, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica (CAETANO, 2012).

Pereira (2019) aponta que a terceira onda do feminismo se iniciou a partir de 1980 e teve como foco o tema da diversidade das mulheres. A autora destaca:

A terceira onda busca desconstruir a ideia vigente na segunda onda de que o conjunto de mulheres, ou seja, tidas como um grupo, classe ou sujeito coletivo, está subjugado a opressões, de forma que todas as mulheres independentemente de suas especificidades, tem em comum o fato de ser alvo de processos de subalternização. Ou seja, na contramão do que indicava a segunda onda, a terceira onda reivindica as particularidades e a diferença, ou seja, por um lado as mulheres são diferentes dos homens e por outro, também não são iguais entre si. Agora a pluralidade deste sujeito coletivo está no centro dos debates e 293 ações políticas. Não basta falar de opressão, é preciso demarcar os indicadores que poderão torná-la ainda mais aguda. É mulher, mas, além disso, pode ser negra, lésbica, trabalhadora, pobre, da periferia urbana, da zona rural, etc (PEREIRA, 2019, p. 292)

Nessa linha de raciocínio, Miguel relata:

Este feminismo se caracteriza por criticar o uso monolítico da categoria mulher e se foca nas implicações práticas e teóricas da diversidade das situações das mulheres. Esta diversidade afeta as variáveis que interagem com a de gênero, tais como o país, a raça, a etnia e a orientação sexual e, em particular, tem sido especialmente notável a contribuição realizada por mulheres negras (MIGUEL, 2011, p. 39)

¹⁸ Coletivo é um grupo de indivíduos que divide os mesmos interesses, posicionamentos, e milita por uma causa comum. Os coletivos feministas são grupos de mulheres, principalmente, que militam por uma posição legitimada a elas na sociedade. (GARCIA e SOUSA, 2015. P. 992)

Assim, o século XXI, mais precisamente a partir de 1990, traz como destaque uma crescente diversidade ao movimento por meio do conceito de interseccionalidade entre gênero, raça e classe. O feminismo interseccional, termo oriundo da palavra “interseção”, ou seja, convergência ou cruzamento. (CAETANO, 2012)

Crenshaw (2002) define o termo “interseccionalidade” como:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

Desta maneira, a chamada interseccionalidade pretende denunciar preconceitos, das correntes opressoras de raça, gênero e classe. Em suma, na terceira onda do feminismo, após ter sido dividida em tantas ênfases e áreas, não se debate apenas sobre a entrada da mulher para o mercado de trabalho ou o direito ao voto, mas também envolve assuntos voltados para o meio ambiente, direitos de gênero, masculinidade frágil, aborto, sexualidade, bissexualismo, estupro e muitos outros.

As feministas da terceira onda, período que se iniciou nos anos 80, trazem consigo um caráter pós-modernista e pós-estruturalista, ou seja, têm na essência da luta uma resistência à categorização, ao essencialismo. O conceito de gênero passa a ser amplamente discutido, transpondo a visão binária e configurando uma nova forma de pensar a identidade (RIBEIRO et.al, 2021, p. 10/65)

Nesse contexto, mulheres negras, filósofas, professoras de história, escritoras foram chamadas para o centro dos debates sobre o racismo presente em muitas sociedades. As profissionais argumentavam que este grupo é muito mais oprimido que os demais, tanto por serem mulheres, quanto pela cor da pele. É importante destacar aqui que as temáticas feministas – sobre a questão da mulher e a questão de gênero – começaram a ser discutidas na academia.

Entre 1980 e 1990, houve uma propagação de núcleos de estudos e pesquisas feministas em universidades. Nesse período, ocorreram duas Conferências Mundiais sobre a Mulher, realizadas pela ONU em Copenhague (1980) e em Nairóbi (1985). Uma das pautas da conferência desta 1985 foi a igualdade no acesso à educação, às oportunidades no mercado trabalho e à saúde das mulheres e também a implantação de

medidas nacionais mais fortes para garantir a propriedade e o controle de propriedade das mulheres, como melhorias nos direitos das mulheres em relação à herança, a guarda dos filhos e à nacionalidade,

Também em 1985 a cidade brasileira de São Paulo foi sede do 3º EFLAC, Encontros Feministas Latino-Americanos e Caribenhos. A EFLAC foi uma conferência internacional que aconteceu em Bertioga/SP entre os dias 31 de julho e 04 de agosto. Participaram mais de 800 feministas da região. A Comissão Organizadora adotou uma metodologia de consulta e escolha democrática da pauta e da própria metodologia do encontro, além de outros temas como violência, comunicação e a arte, racismo, trabalho sexual, lesbianidade, relações de trabalho, aborto, autogestão e financiamento.

Uma das vozes brasileiras que se destacou, da segunda onda para a terceira onda do feminismo, foi a de Lélia Gonzalez. Gonzalez foi uma das mais importantes referências para o movimento feminista negro brasileiro, denunciando o racismo e o sexismo como formas de subalternizar as mulheres negras. Mesmo sem ainda utilizar o termo interseccionalidade, na segunda onda do movimento, ela já produzia críticas ao feminismo hegemônico e a colonização do conhecimento, refletindo sobre o lugar das mulheres negras e indígenas na sociedade brasileira e sobre a construção e manutenção do mito da democracia racial no Brasil. (RIBEIRO et.al, 2021)

No que tange aos estudos de gênero, a Judith Butler, norte-americana nascida em 1956, é umas das principais teóricas contemporâneas do movimento feminista da terceira onda. Ela traz em suas teorias provocações de mudanças radical no cenário dos estudos de gênero e no feminismo de um modo geral, além de escrever sobre filosofia política e ética.

No feminismo de Butler (2003), defende-se uma desmontagem de qualquer tipo de identidade de gênero que oprime as características humanas que não se encaixem, que não sejam “adequadas” ou “corretas” no cenário bipolar em que estamos acostumados a entender as relações sexuais entre pessoas reais.

Para sustentar sua crítica, Butler (2003) precisa, portanto, desconstruir uma série de ideias, a mais importante das quais diz respeito ao gênero. O termo “gênero” era usado para se referir ao “papel” social e cultural que se dispunha sobre o sexo, como que para explicá-lo. O sexo era ainda tomado como natural no sentido de ser um destino que acabaria por fundar o gênero. O sexo era um fato da natureza, como muitos ainda pensam dentro do senso comum.

O essencialismo com que se costumava ver o sexo já havia sido posto em questão quando Beauvoir (1970) afirmou, em *O segundo sexo*, que ninguém nasce mulher, mas se torna mulher. Igualmente importante para Judith Butler, Foucault (1977) mostrou, em sua *História da sexualidade*, que até mesmo o sexo, tanto quanto a sexualidade, foi produzido por um tipo de discurso.

Nesse cenário, nem sexualidade nem sexo seriam verdades essenciais, mas apenas construções socioculturais. O esforço da teoria de Butler (2003), naquele contexto, era a desnaturalização como uma desmistificação do sexo e do gênero, que seriam, em diferentes épocas tratados como destino. A partir de então, eles seriam construções discursivas entre as quais não haveria diferença.

A ideia principal da pensadora é a de que o discurso predomina no corpo e que, de certo modo, faz esse corpo, confundir-se com ele. Butler (2003) defende não apenas as “mulheres, mas todos aqueles que não se enquadram nos discursos que invocam a “natureza” fixa do corpo. Tiburi (2013) destaca que a diferença entre sexo e gênero não seria mais o caminho para a luta feminista, mas o respeito aos corpos cuja liberdade depende, em última instância, de serem livres do discurso que os constitui. Ou de simplesmente poderem existir em um mundo que os nega, e que os nega por meio de uma conversa que não é apenas conversa.

A autora argumenta sobre a potencialidade do corpo fora das teorias ontológicas clássicas, sempre pautadas pela ideia de natureza feminina ou masculina. E até mesmo de uma natureza homossexual. A teoria de Butler (2003) vai além da questão da sexualidade e bem pode ajudar a refletir sobre o lugar de todos aqueles que não se enquadram na norma do homem branco e europeu. Além dos transexuais, judeus, negros, árabes e até mesmo dos pobres entram no campo de suas preocupações os corpos que são considerados, pelo “poder”, como insignificantes, vidas que deveriam ser corrigidas ou que não mereceriam serem vividas (TIBURI, 2013).

Comparando o período de início e a transição das demais ondas do feminismo, a terceira onda é considerada uma das mais rápidas entre todas as anteriores e abre espaço para a quarta onda do movimento feminista que trata várias questões da contemporaneidade e está envolvida dentro do ativismo virtual ou ciberativismo, no contexto das redes sociais, o qual veremos a seguir.

2.1.4 A quarta onda do feminismo: ciberativismo/ciberfeminismo

A existência da quarta onda é justificada principalmente pelo fato de o movimento feminista ter se tornado global. Ou seja, a especificidade dessa onda é a magnitude, a massificação e os novos canais de comunicação que a propagam. Trata-se de uma revolução dentro da revolução tecnológica e comunicacional.

O que dá uma característica única à quarta onda é o uso da internet e das redes sociais, permitindo que a democratização das ideias feministas vá “muito mais longe”. Nessa nova onda, o feminismo está presente nos debates e nas pautas públicas, algo que não ocorreu em outras manifestações. Assim, a expansão dos meios digitais promoveu uma eclosão da comunicação feminista, desde o final dos anos de 1990, quando surgiu o Ciberfeminismo.

Para Lemos (2009):

[...] a Internet, instrumento basal do Ciberfeminismo, é uma força poderosa para conectar e dividir, o conhecimento e as fontes [...] E também, um dos pressupostos para que o movimento feminista como um todo mantenha sua força diante das discussões sobre gênero e tecnologia. (LEMOS, 2009, p. 121-122)

O Ciberfeminismo se caracteriza, portanto, pelo uso da internet para a divulgação de pautas feministas e também para documentar e divulgar o pensamento feminista. Nesse sentido, a internet “criou novos espaços de ação coletiva” (LEMOS, 2009, p. 9). E as redes sociais se tornaram mais um espaço de organização e de debate feminista.

Assuntos já tratados em ondas anteriores continuam em pauta na quarta onda, como a igualdade salarial ou o acesso da mulher a espaços de poder, o machismo, a representação do corpo da mulher, o direito ao aborto, a oposição aos estereótipos, a interseccionalidade entre gênero, raça e classe etc. Desse modo, percebemos que a quarta onda feminista agrupa todas as demais reivindicações contra as diversas formas de preconceitos e aborda, também, a diversidade do feminismo. Sobre essa diversidade, Silva e Pedro ressaltam:

Diferentemente das ondas que a antecederam, a proposta mais ousada de uma quarta onda do feminismo [...] é reconhecida pela incorporação dos diversos feminismos de correntes horizontais, como o negro, lésbico e o masculino e os LGBT (PEREZ; RICOLDI, 2019).

Os diversos femininos se tornaram uma das ideias principais da luta feminista. E é por meio da internet, mais especificamente das redes sociais, que essa diversidade vem à tona (ROCHA, 2017). Passa-se a considerar a não existência de um feminismo que representa “todos”. Logo, é necessário pensar em “feminismos” no plural, reconhecendo as singularidades e os contextos. Assim, mulheres indígenas e negras, estudantes, trabalhadoras, donas de casa, sindicalistas, acadêmicas, desempregadas, ativistas e comunidades LGBTQIAP+¹⁹ compõem a pluralidade e a diversidade das lutas feministas, constituídas por sujeitos de diferentes gerações, classes sociais e sexos.

Cabe aqui assinalar que, embora a quarta onda seja marcada pelo ativismo digital, esse ativismo também vai para as ruas. Grandes mobilizações têm sido realizadas em diversos países ao mesmo tempo, o que também contribui para que o feminismo alcance o patamar de um movimento de massa, demonstrando a força das ideias feministas e o crescimento de consciência social e crítica diante das desigualdades femininas.

Dessa forma, a partir da interação das mulheres com as redes sociais, surgiram variadas manifestações ligadas ao movimento feminista que migraram para as ruas. Isso aconteceu tanto no Brasil como em outros países da Europa, Oceania, América do Norte e da América Latina. Dentre essas manifestações, selecionamos três campanhas importantes: “Marcha das Vadias” (2011), “As Jornadas de Junho de 2013” e “Primavera Feminista” (2015).

A “Marcha dos Vadias”, em 2011, é considerada o ponto de partida da quarta onda no Brasil, de acordo com Cazarré (2016). Foi um movimento que começou no Canadá, com grande repercussão nas redes sociais. Teve início “após o triste episódio do estupro sofrido pela universitária Jaclyn Friedman ocorrido na Universidade de Toronto, no Canadá em 2011” (FELGUEIRAS, 2017, p. 118) – e que se espalhou por várias partes do mundo. No Brasil, o movimento apoiou jovens vítimas de violência. Durante as marchas, as manifestantes usavam o slogan “Meu corpo, minha regra”, escrito em cartazes ou no próprio corpo.

A liberação do corpo feminino se tornou o centro das manifestações em todo o mundo, destacando a luta das mulheres pela autonomia do próprio corpo, pelos direitos reprodutivos e sexuais, pelo aborto. Para Felgueiras, essa é uma bandeira que não é nova. “Esteve presente nas discussões e lutas dos movimentos feministas ao longo da história,

¹⁹ Significado da Sigla: lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, interssexuais, assexuais, pansexuais e demais orientações sexuais e variações de gênero.

especialmente na década de 1970, quando as feministas gritavam: ‘Nosso corpo nos pertence’ contra a discriminação de gênero e a divisão entre o biológico e o cultural” (FELGUEIRAS, 2017, p. 118).

Já “As Jornadas de Junho de 2013” foi um movimento conhecido e marcado pelas redes sociais e representou uma resposta concreta em formato de manifestação nas ruas.

As Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho de 2013 foi um conjunto de diversas manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, especialmente nas principais capitais do país, sendo que as primeiras ações tiveram início com o Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo. (REZENDE; SANTANA, 2018, p. 111)

A gama de ferramentas inovadoras e oriundas do desenvolvimento tecnológico impulsionaram democraticamente as manifestações de 2013, marcando “o início de um novo ciclo de protestos feito também por coletivos que tem dentre suas principais pautas o feminismo, associado à luta antirracista, classista e em favor de mais direitos para a população LGBT” (PEREZ; RICOLDI, 2018, p. 22). Nesse novo ciclo, os protestos são organizados no meio digital e seguem para as ruas.

O último movimento selecionado foi a “Primavera Feminista”, de 2015. O nome é uma referência à onda de protestos, organizados por meio da internet, ocorridos nos países árabes contra regimes autoritários no ano de 2011 – que ficou conhecida como Primavera Árabe. O movimento “A Primavera Feminista” ou “das Mulheres” “foi caracterizado pela tomada das ruas por milhares de mulheres, reverberando a insatisfação contra as pautas conservadoras do Congresso Nacional, com a insatisfação dos retrocessos impostos e o assédio sofrido nas ruas” (DUTRA, 2018, p. 25).

Esses movimentos que aconteceram nas redes sociais e migraram para as ruas mostraram a crescente participação das mulheres e do empoderamento delas. Vale salientar que nessa nova onda de mobilizações feministas no Brasil ocorre a atuação de coletivos – um grupo de indivíduos que compartilha os mesmos interesses, posicionamentos e milita por causas que vão além das pautas principais.

No caso dos coletivos feministas, estes são formados por grupos de mulheres, principalmente, que militam por uma posição legitimada a elas na sociedade. Neles não há uma pauta específica de ação, pois “agrega múltiplas demandas, e, por meio de debates periódicos, são definidas quais as pautas prioritárias, a partir da conjuntura política que é mantida em permanente análise” (MAIA, 2013, p. 69).

Nas redes sociais, os coletivos têm aumentado e movimentado as manifestações. Segundo Perez e Ricoldi (2018), o crescimento desses coletivos tem relação com a ampliação do ensino superior público e a adoção de cotas que possibilitaram alunos pobres e negros “a ingressassem na universidade, pautando assim o debate sobre suas dificuldades” (PEREZ; RICOLDI, 2018, p. 17). Por outro lado, também se deve a uma participação política maior de mulheres e a comunidade LGBTQIAP+ no interior do Estado e a uma desconfiança nas instituições tradicionais, como sindicatos e igrejas.

Continuando com essa ordem de ideias, a construção de espaços coletivos de mulheres é essencial nos processos de emancipação e combate à violência. Ainda que a quarta onda revise temas já abordados em ondas anteriores, a base teórica dessa onda é a luta contra as variadas formas de violência contra a mulher. De acordo com o artigo 7º da Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006), a violência contra a mulher é qualquer “ação ou omissão – de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause danos, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial” (BRASIL, 2006).

Trata-se, portanto, de uma violência em sentido amplo que se expressa de várias formas, como: estupro, assédio, maus-tratos, assassinato, desigualdade econômica e trabalhista, pornografia, prostituição, tráfico. Infelizmente, essa violência contra a mulher não é nova. Porém, ela foi naturalizada como instrumento fundamental de dominação masculina.

Hooks (2007) destaca que a ideologia da dominação masculina é responsável por naturalizar o comportamento competitivo e a rivalidade entre as mulheres, para garantir o poder patriarcal. Assim, o domínio dos homens sobre as mulheres repousa na capacidade do patriarcado de gerar uma série de discursos que concordam com a supremacia dos homens e o papel secundário das mulheres. Esgotados esses dispositivos de consenso, a violência sempre aparece como um recurso extremo que o patriarcado terá.

Segundo pesquisa do IBGE²⁰, em 2019, o percentual de mulheres que sofreram violência nos 12 meses anteriores ao ano da pesquisa foi de 19,4% ante 17,0% de homens. Logo, as mulheres são mais vítimas do que os homens. Para Blay (2003, p. 1), “agredir, matar, estuprar uma mulher ou uma menina são fatos que têm “acontecido ao longo da

²⁰ Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>

história em praticamente todos os países ditos civilizados e dotados dos mais diferentes regimes econômicos e políticos”.

Para irmos contra essa violência oriunda da supremacia patriarcal, devemos repensar as relações entre mulheres, em que o poder de uma mulher não significa a opressão nem uma rivalidade com outra mulher, mas reconhecer isso como uma qualidade positiva por meio da qual se promove a emancipação e a autonomia de mais mulheres. Apropriar-se de nossa palavra e voz, criando espaços de escuta, é uma prática que potencializa a “sororidade”. Para tanto abriremos uma sessão abaixo para tratar sobre o tema.

2.1.4.1 Sororidade: contexto e visibilidade com a Internet

O uso do termo “sororidade” foi usado pela primeira pela escritora Kate Millett²¹. A feminista propôs a palavra para construir uma ideia de luta conjunta entre as mulheres, em 1970. Contudo, os desafios para o feminismo contemporâneo inseriram o conceito de sororidade para a tentar trazer soluções para as particularidades de cada mulher, mas buscando a igualdade para todas por meio da empatia, respeito e solidariedade umas com as outras. (SILVA, 2016)

No que tange ao vocábulo sororidade, de modo geral, ele é composto:

[...] pelos termos latinos soror, -oris: irmã, -dade. Mas, ao contrário da irmandade entre freiras e monjas que se casam com Deus e a Ele juram fidelidade, a sororidade é um pacto político de gênero entre mulheres que, reconhecendo-se como interlocutoras, são fiéis a si mesmas e às outras mulheres, sem hierarquia. Embora esteja etimologicamente relacionada ao laço afetivo que idealmente deveria haver entre irmãos ou a uma rede de apoio presumivelmente cultivada por freiras nos conventos, a sororidade, numa dimensão ética e política, tornou-se um tema e uma prática do feminismo contemporâneo. (FERNANDES, 2021, p. 3)

²¹ Kate Millett, militante feminista e autora de 'Política Sexual'(1970), morreu em 2017, aos 82. Defendeu a igualdade de gêneros e lutou por causas como o direito ao aborto e os direitos das mulheres no Irã, que se tornou um marco no movimento feminista mundial. Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/kate-millett-ativista-feminista-e-autora-de-politica-sexual-morre-aos-82.ghhtml/07/09/2017>). Acessado em: 12 de julho de 2023.

Roschel (2020)²² assinala em seu livro *Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher* que – embora a origem do termo seja a palavra latina “soror”, que significa “irmã” – “sororidade” não é apenas o feminino de fraternidade:

O substantivo se apropria de significados como solidariedade entre irmãs, harmonia e, sobretudo, aliança feminina, mas seu maior impacto está na luta contra a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre as mulheres é possível lutar pelo direito de todas (ROSCHER, 2020)

Nesse sentido, o vocábulo “sororidade” tem sido utilizado para “expressar empatia entre mulheres”. Em outras palavras, praticar relações sororas é deixar de ver a outra como uma inimiga ou rival, rivalidade esta que se faz presente ao longo de nossas vidas. Roschel (2020)²³ ressalta que o mito da rivalidade é nutrido e construído pelos contos de fada, filmes, literatura, novelas, nas músicas e também no dia a dia das mulheres.

Silva (2016), em seu trabalho sobre “Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney”, nos traz o fato de que quando a Walt Disney Studios mistura as características narrativas dos contos de fadas para o cinema, consegue trazer duas vezes o encantamento para o espectador, porque reúne a magia própria do conto de fadas com a do cinema. (SILVA, 2016, p. 55).

Fato evidente nas narrativas das princesas clássicas da Disney, como observa Silva (2016):

As princesas clássicas são representadas por Branca de Neve, Cinderela e Aurora. Essas produções refletem uma cultura que determina para a mulher apenas o âmbito doméstico, quer dizer, privado. Ela não deve ter voz, espaço na sociedade e nem ser dona de sua própria vida e escolhas. Porque é considerada indefesa, frágil e passiva, por isso, precisa ser amparada e legitimada por um homem. Tanto é que, nas duas primeiras produções, o príncipe nem sequer tem nome, já que o importante é existir a figura masculina, resultado de uma sociedade patriarcal. Elas são princesas passivas e belas que esperam por um príncipe para salvá-las. Os desejam antes mesmo de aparecerem fisicamente, pois sonham com eles. Revelando, assim, que as mulheres precisam de uma figura masculina para serem felizes e se tornarem sujeitos legitimados. (SILVA, 2016, p. 61)

Isto evidencia que os contos de fadas, as bonecas se apresentam como “excelentes veículos para a transmissão de valores, porque dão contexto a fatos abstratos, difíceis de serem transmitidos isoladamente”. (FARIAS; RUBIO, 2012, p.5).

²² E-book não contém informação numeração de página

²³ O livro é digital e não contém informação de numeração de página.

Logo, sendo esses os valores de uma classe dominante e operante durante todo a história do patriarcado, que considera a mulher submissa, ou seja, excluí ou oprime as pessoas que não fazem parte do discurso hegemônico, que “têm um efeito disciplinador capaz de gerir estratégias educativas que normatizam o que é permitido pensar, falar e fazer” (FERREIRA, 2015, p. 17)

Nesse sentido, Calado (2003) destaca:

Os contos de fadas, pela sua maneira de se reportar às bruxas, por exemplo, serviram como excelente material para elaboração de regras de pensamento e condutas do imaginário contemporâneo que reforçam a subserviência das mulheres. Isto se deve, talvez, ao fato de os contos serem parte mais presente no universo feminino do que no masculino, tanto pela sua narração e transmissão, como pelas personagens, que, frequentemente estão como protagonistas, e também pelas ouvintes (CALADO, 2003, p.4)

Logo, podemos dizer que a ficção traz para a vida real uma história de competição constante sobre quem é a mais bonita, ou, a mais bem-sucedida, quem pratica mais atividade física, quem cuida melhor dos filhos, entre dezenas de exemplos sobre os mais diversos estereótipos, como destaca Ferreira (2015):

Grande parte das representações femininas nos contos de fadas são princesas, fadas ou bruxas, que estão presentes também nas produções de Walt Disney. Apesar desses três estereótipos, a maioria das meninas se identifica com as princesas e deseja ser uma delas, por conta dos desfechos ruins reservados às bruxas ou madrastas. Evidenciando assim, uma das formas principais de caracterizar como uma —mulher deve ser na sociedade. Como destaca Ferreira, —as princesas são o primeiro exemplo que meninas querem imitar – um ideal impossível, com sua juventude, cinturas extremamente finas e cabelos sempre impecáveis! (FERREIRA, 2015, p. 9).

Ao longo dos anos as personagens, as bonecas, os livros foram sendo modificados, em função da influência das conquistas das mulheres por meio do movimento feminista. Dessa forma, assim como na vida real, as personagens também foram tendo mais espaço de fala como sujeito (SILVA, 2016, p. 61). Contudo, não deixaram de ser um modelo de representação de uma construção social estabelecido no contexto da época.

Assim, a rivalidade feminina não só aquela inserida, motivada e realizada por questões de gênero, mas acontece também de maneira mais sutil na vida em família, junto aos amigos e nas relações de trabalho, passada de geração em geração no cotidiano das

famílias, pelas narrativas históricas e de ficção e, não podemos esquecer de citar o meio virtual e o mercado de trabalho.

No mercado de trabalho, a rivalidade pode ser atribuída à necessidade da mulher, principalmente em cargo de chefia, afirmar-se em uma sociedade machista. E para se afirmar nessa sociedade, ela acaba tendo que lançar mão de características tidas como masculinas, que inclui a rivalidade e a competição.

E é para combater esse mito da rivalidade feminina que o termo “sororidade” tem sido propagado cada vez mais na sociedade, sobretudo nas redes sociais, por jovens que

[...] militam pela igualdade de gênero. Disseminada em redes sociais, a palavra é salpicada em frases como “A sororidade pode salvar vidas”, “Sororidade gera sororidade” ou, ainda, “Estamos aqui umas pelas outras. Isso é sororidade”. Numa definição corrente na internet, “sororidade” se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado às dimensões ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo (TINOCO, 2016)²⁴.

E relação ao uso do termo nas redes sociais, Leal (2019) sinaliza que, entre 18 e 24 de junho de 2017, a palavra “sororidade” ultrapassou o próprio termo “feminismo” em popularidade nas buscas no Google (LEAL, 2019, p. 19). Acreditamos que esse dado mostra um sentimento e uma tendência ao uso do termo somado ao da empatia em algumas práticas simples e cotidianas que podem fortalecer uma relação de união entre as mulheres, combatendo em termos a rivalidade feminina nos seus diversos níveis e gerações.

Em fevereiro de 2020, conforme publicado por várias mídias na data e inclusive pela revista digital *Metrópoles*, o vocábulo “sororidade” esteve entre os mais procurados no Google, principalmente após o seu uso pela cantora Manu Gavassi, participante da 20ª edição de um reality show brasileiro. Na ocasião, para justificar o voto contra um participante homem, a cantora usou o termo em rede nacional ao vivo e as buscas pelo vocábulo cresceram 250%²⁵ no Google em pouco tempo.

Um movimento de grande repercussão midiática no qual podemos identificar uma prática de sororidade feminina foi o #metoo, em 2017, inspirado em um movimento de 2006 criado pela ativista norte-americana Tarana Burke, cujo objetivo era unir vítimas de

²⁴ Jornal O Globo publicou a matéria intitulada “Sororidade: substantivo feminino” Fonte: <https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230> Acesso em: 19 de junho de 2023.

²⁵ Fonte: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/feminismo/bbb20-buscas-por-sororidade-sobem-250-apos-fala-de-manu>

assédio sexual “para que juntas se fortalecessem, se apoiassem e buscassem soluções contra este tipo de crime. Onze anos mais tarde, uma atriz de Hollywood chamada Alyssa Milano incentivou as mulheres a compartilharem suas histórias de assédio nas redes sociais utilizando a hashtag #metoo” (VELOSO, 2019, p. 11).

Com esse movimento, abriu-se a possibilidade de que as mulheres não tivessem de se esconder ou fugir para que a sociedade ou os meios de comunicação interessados não as culpassem. Seria como se as histórias, divulgadas virtualmente, possibilitassem “combater a culpabilização da violência sexual na vítima, permitindo novas formas de narrativas” (VELOSO, 2019, p. 39). Nesse sentido, o #metoo” propiciou a tantas mulheres quebrarem o silêncio devastador da "suposta culpa".

O #metoo foi uma manifestação de sororidade genuína, de reação coletiva espontânea. Mulheres que se uniram em defesa de outras mulheres, apoiando vítimas e aspirando para que a justiça fosse feita. Não partiu de uma reivindicação de um grupo feminista bem-organizado, mas do profundo sentimento de ser igual, de compartilhar a humilhação ou a vergonha vivenciada por mulheres.

Movimentos como o #metoo mostram a “dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existenciais e políticas com outras mulheres” (GAMBA, 2007 *apud* ROSCHEL, 2020). São mobilizações que contribuem para eliminar socialmente as formas de opressão contra a mulher e que também colaboram para estimular o apoio mútuo entre as mulheres.

É importante mencionar que as questões que envolvem as práticas da sororidade não estão relacionadas diretamente apenas a ter uma afinidade com todas as mulheres, mas compreender que, independentemente de vivências diferentes, as mulheres possuem uma opressão em comum a ser compartilhada: a opressão patriarcal (BECKER; BARBOSA, 2016). Trata-se, portanto, de tecer uma comunidade, uma estratégia para agir de forma tangível contra essa opressão que todas nós enfrentamos em maior ou menor grau, o que nos torna parceiras de luta, permitindo assim, a escuta, o bom trato e a troca.

Neste contexto, é importante registrar um momento histórico que ocorreu com o movimento Ele Não, ou, #EleNão que foi abraçado pelo Movimento Feminista em 2018, que se deu nos dias 29 de setembro e 20 de outubro de 2018. O movimento foi um protesto realizado por mulheres em diversas regiões do Brasil e do mundo, tendo como principal objetivo protestar contra a candidatura à presidência da República do deputado federal Jair Bolsonaro. As manifestações foram organizadas nas redes sociais, principalmente,

dentro do Facebook em decorrência a algumas declarações do candidato que demonstrava ódio as mulheres.

A partir das considerações feitas nesta seção, podemos notar que a quarta onda ainda está em andamento, mas que já é possível identificarmos algumas características fundamentais dela, como: a centralidade da internet, a diversificação do feminismo, a atuação por meio de coletivos, a presença da sororidade e a recusa em silenciar qualquer tipo de violência contra a mulher.

Neste capítulo, percebemos que mesmo depois de tantas conquistas ao longo de todas as ondas do feminismo, em busca de direitos iguais, ainda existe a necessidade de se pensar sobre questões envolvendo a mulher, que ainda hoje enfrenta resistências políticas, patriarcais e culturais. Por isso, a necessidade de criarmos redes de apoio entre as mulheres, ou seja, a sororidade, tema que será investigado e discutido no próximo capítulo a partir da análise de um perfil público localizado na internet.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção chegamos a apresentação final de pesquisa em que iremos expor a discussão dos dados analisados. As postagens, para além desse olhar numérico sobre os números de seguidores e comentários, foram analisadas de acordo com o modelo de Kietzmann et al. (2011), tendo em vista, principalmente, os blocos da identidade e conversação. Cabe aqui assinalar que o bloco “identidade” será analisado separadamente, antes das demais categorias, tendo em vista que se refere a informações gerais que identificam a proprietária do perfil e logo mais teceremos algumas considerações de caráter geral sobre a conta analisada, considerando o bloco “Identidade” Kietzmann *et al.* (2011).

3.1 Análise e discussão dos dados

Para analisar os dados coletados é importante contextualizar que tomamos como ponto de partida o modelo *honeycomb* (“favo de mel”, em português), criado por Kietzmann *et al.* (2011). Esse modelo é composto por sete blocos: Identidade, Conversação, Compartilhamento, Presença, Relacionamento, Reputação e Grupos. O modelo permite que o Instagram, através dessa análise, tanto individual quanto em conjunto, possa ser compreendido numa perspectiva que possibilite visualizar em cada bloco suas particularidades e implicações no comportamento das empresas e dos consumidores dessa mídia como ferramenta de trabalho e/ou lazer.

Segundo Kietzmann *et al.* (2011), “os blocos de construção não são mutuamente exclusivos, nem todos eles têm que estar presentes na atividade de uma mídia social. Assim, não usaremos todos os blocos para análise, mas só os necessários para entendimento dos dados coletados.

O primeiro olhar sobre as publicações da conta selecionada, além da ótica numérica, dentro do “bloco identidade”, se refere à maneira como as pessoas costumam se apresentar nas redes sociais. A psiquiatra @dra_anaaguiar, durante e após a pandemia do Covid-19, tem apresentado e desenvolvido um trabalho de acolhimento direcionado, principalmente, aos pacientes da saúde mental e usou esse ambiente digital de comunicação para alcançar mais pessoas.

Na sua biografia de perfil o campo apresenta a foto da médica, com as suas informações de apresentação pessoal e profissional. A médica usa sua própria imagem como identificação do seu perfil. Não há logomarca. Neste campo é possível encontrar a sua profissão “médica, mãe, AH/SD, 16 anos de experiência em TEA em adultos, telefone, CRM e o link para o WhatsApp, além de usar *emojis* para demonstrar que tem um cachorro, 1 filha e no campo de contato usa um *emoji* de coração, que significa amor, e um girassol, que pode ser entendido como um símbolo de renovação. Essas informações são visíveis ao público usuário da plataforma.

Chamou bastante atenção o público do perfil em questão que são mulheres com, ou, sem TEA, mães atípicas com especificidades e/ou com filhos autistas. Em poucos casos apareceram a participação colaborativa de homens em algumas publicações da médica, mas a quantidade não justificou a nossa atenção em análise para o público masculino, já que o objetivo desta pesquisa também não se atém a este público e nem o trabalho no perfil da médica selecionada para essa análise.

Outro bloco observado dentro desse campo é o da “reputação”. Segundo Kietzmann *et al.* (2011), a reputação, tal como acontece com os outros blocos na estrutura do “favo de mel”, tem implicações significativas nas redes sociais. No Instagram, uma estratégia para medir a reputação de um perfil é pelo número de seguidores, que fica localizado no “bloco identidade”. Para o dono do perfil, isso significa um índice, bom ou não, da sua reputação e a necessidade de engajamento dentro da sua comunidade. Quanto menos seguidores, menos engajamento e acesso ao conteúdo disponibilizado.

O perfil escolhido está aberto ao público desde 27 de março de 2020 e possuía 7.724 seguidores e 591 postagens, até o mês de dezembro de 2023, período de término da análise dessa pesquisa. Assim, registramos que a data de coleta de dados aconteceu no mês de outubro de 2023 e os registros, transcrições e análise das publicações foram realizados de outubro até dezembro de 2023. Não foram realizadas entrevistas e nem formulários de pesquisas, mas foram analisadas informações disponibilizadas de maneira espontânea e públicas pela médica no *feed* e dos seus seguidores por comentários nos *posts*.

No mês de outubro de 2023 foram publicados 23 posts no total. No entanto, foram selecionadas, coletadas e analisadas 10 postagens, de dados arquivados em formato de publicação, divulgadas no Instagram no perfil citado de *lives* que se transformam em publicação sobre o tema em questão. A coleta de dados foi realizada por *prints* e observações do campo virtual anotados digitalmente, tanto dos comentários da

comunidade do perfil online, quanto publicados de maneira pública dentro do perfil da psiquiatra.

O critério dessa seleção se deu em função do mês de outubro ser o mês da campanha “Outubro Rosa”, que como já mencionado é uma campanha destinada a prevenção do câncer de mama que faz menção ao conceito de sororidade abordado neste trabalho, conforme apresentado na tabela a seguir.

Tabela 1 – Publicações

Publicações	Data	Tipo/ Tempo	Número de comentários	Número de visualização	Número de curtidas
1 – Meltdown	04/10	45'16'' <i>Live</i>	18	918	76
2 - Vivência e o Autismo – podcast “Histórias Raras”	05/10	5'41 <i>Live</i>	9	565	51
3 - Participação em evento na OAB para falar sobre o Autismo Adulto	07/10	Foto	3	72	Não divulgado
4 - Adoecimento no Trabalho	07/10	22'56 <i>Live</i>	1	504	46
5 - Reflexão sobre o dia mundial da saúde mental e pessoas que não demonstram doenças emocionais	10/10	9'33 <i>Live</i>	4	469	47
6 - Dia das Crianças	12/10	Foto	0	Não divulgado	112
7 - Reflexão sobre a paz e o fim da Guerra	13/10	10'36 <i>Live</i>	9	1.211	72
8 - Outubro Rosa	13/10	13'34 <i>Live</i>	2	532	21
9 - Máscaras no diagnóstico do feminino – padrões sociais/não diagnóstico/sofrimento	16/10	19'03'' <i>Live</i>	4	809	75
10 - Dia do médico no espectro Autista (TEA)	18/10	Foto	15	Não divulgado	142

Fonte: elaborado pela autora

Feitas as observações gerais relatadas na Tabela 1, a seguir, será apresentada a análise das 10 postagens coletadas na conta @dra_anaaguiar. Cada postagem foi organizada em uma subseção, que destaca: o tipo de publicação, uma breve descrição dessa publicação, considerações acerca dos blocos do modelo de Kietzmann et al. (2011) e, por último, comentários sobre sororidade presente na postagem.

3.1.1 Meltdown

A primeira publicação analisada foi publicada em 04/10/2023, foi denominada como “Live durante o *Meltdown*” com 45’ e 16’’ de duração. O tema tratado foi o conhecido como *Meltdown*, isto é, momentos hiper estressantes que podem levar o portador do TEA a um ponto da crise.

Segundo a dra. Ana Aguiar o *Meltdown* acontece quando a crise é para fora. Ou seja, é uma crise explosiva, facilmente reconhecível, com sinais claros de que o autista está incomodado. *Meltdown* é um colapso. No entanto, a crise também pode acontecer para dentro, silenciosa: o shutdown. Nesses casos, há um “desligamento” temporário e uma lentidão mental. Cada autista vai ter reações diferentes, dependendo, claro, da situação.

Na ocasião, a médica entrou ao vivo para relatar um fato que estava acontecendo no exato momento em sua residência que acontecia uma obra no prédio e o desconforto com os ruídos da obra. O que para uma pessoa sem o TEA pode parecer normal, mas para um portador do espectro autista pode virar dores no corpo e agulhadas na cabeça. O corpo fica sensível ao ponto de inflamar o sistema neurológico ocasionando ardência na mão. Para um autista uma situação de um ruído de obra foge do controle ocasionando dores, gritos e desespero emocional. Dentro deste contexto, os blocos observados foram:

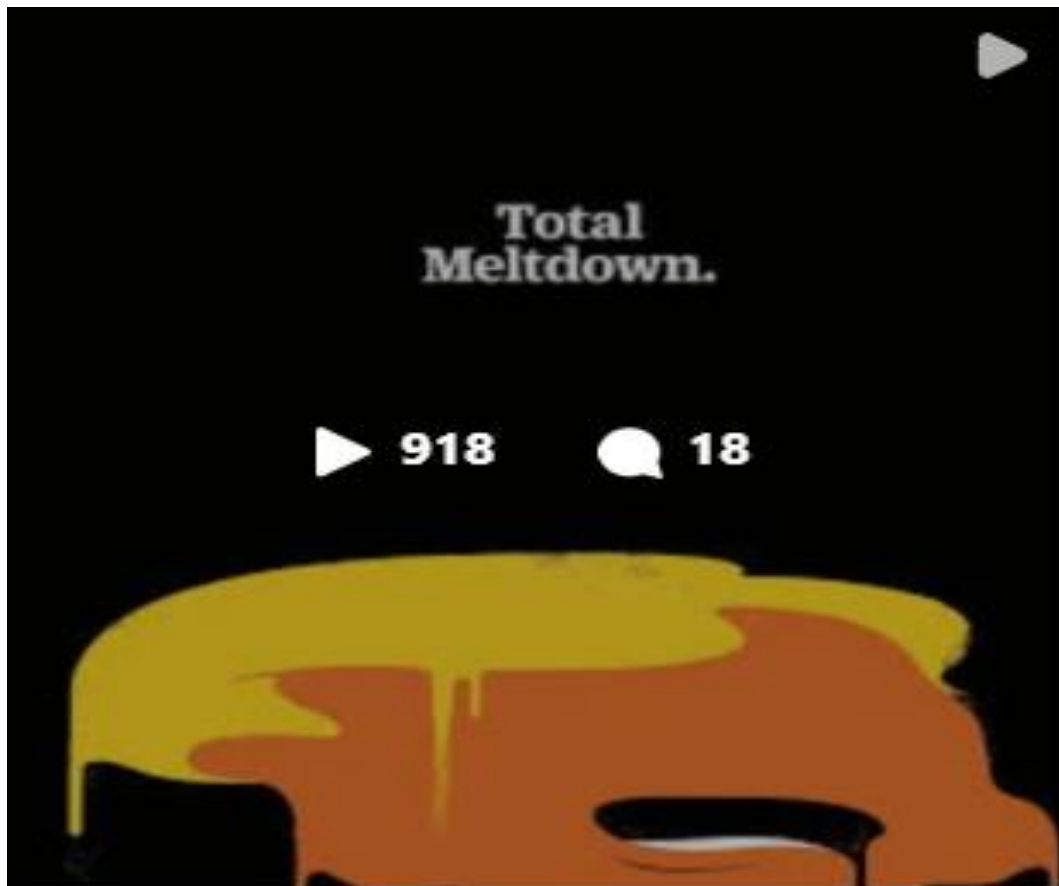
Conversação: a *live* foi uma conversa construída colaborativamente com os participantes que fizeram 18 comentários sobre o tema, 918 visualizações e 76 curtidas até a data de coleta desse corpus e ainda está aberta ao público do perfil.

Segundo KIETZMANN *et al.* (2011), este bloco é um bloco funcional que representa o meio pelo qual os usuários se comunicam com outros usuários através da plataforma digital.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post no momento, foi o de compartilhar técnicas para que quando a crise aconteça o autista adulto reconheça a situação e peça ajuda e salientar que uma crise em crianças é diferente de uma crise em adultos e que nem sempre os livros dão conta do tema, por isso a importância de se tratar cada caso com um caso em tratamentos psicológicos e psiquiátricos. A médica chegou a relatar que a identificação dessas questões no autista é um trabalho “artesanal”, pois as pessoas funcionam de maneiras diferentes.

Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 1: Total Meltd



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar https://www.instagram.com/p/Cx_QeSOPLfK/

Comentários 1e 2 – referente à publicação 1

Comentários



21 sem

Tive que sair do vídeo. Não aguentei o som da batida das marteladas 😓. Mas, desde ontem o dia foi punk com direito a eu dar aula, fui no comércio da minha cidade que eu odeio e no final do dia um engarrafamento terrível. Resultado: acordei as 3h da madrugada com dor de cabeça intensa + enjoo. Melhoras pra nós

Responder Ver tradução



1



20 sem

também fui professora e na minha época não percebia meus sintomas. Muitas vezes ia ao hospital é certa vez o médico me disse que eu estava com PIT, fui embora arrasada 😓

Responder Ver tradução



1

Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 3, 4 e 5 – referente à publicação 1

Comentários



21 sem

Quanto amor pela profissão! Se abrindo e se vulnerabilizando para ensinar na pratica! Vou assistir ela inteira agora, mas pelo finalzinho talvez já tenha me encontrado... 🙏

Responder Ver tradução



2



21 sem

Não consegui ver o vídeo todo por causa do barulho repetitivo. Espero que fique bem 🙏.

Responder Ver tradução





21 sem

Responder



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 7 – referente à publicação 1



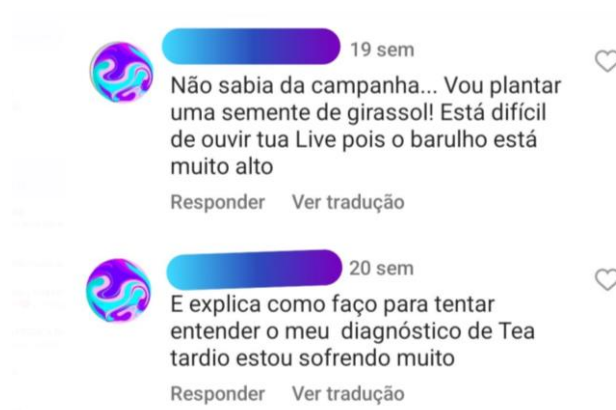
Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 8,9,10,11 – referente à publicação



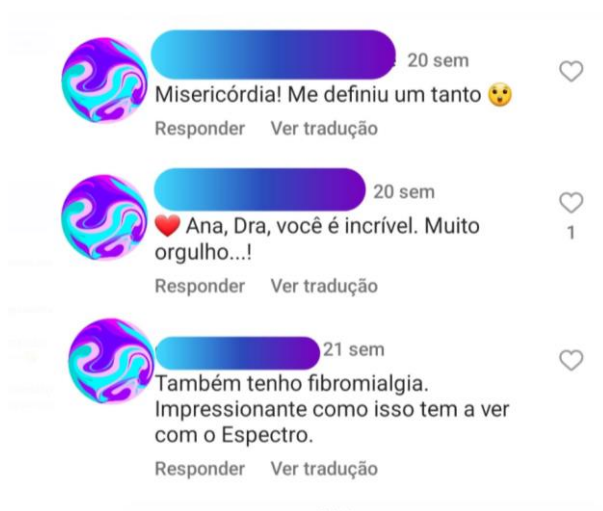
Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 12 e 13 – referente à publicação 1



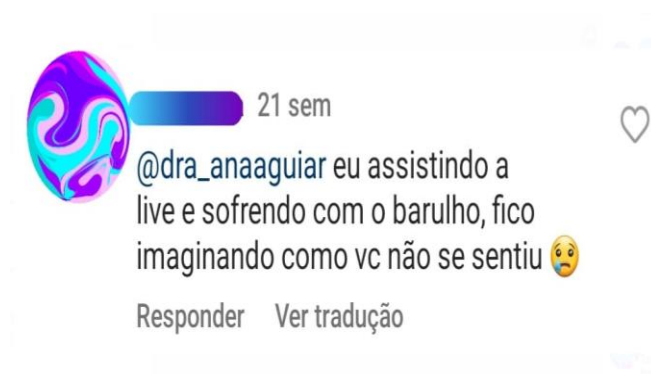
Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 14, 15 e 16 – referente à publicação 1



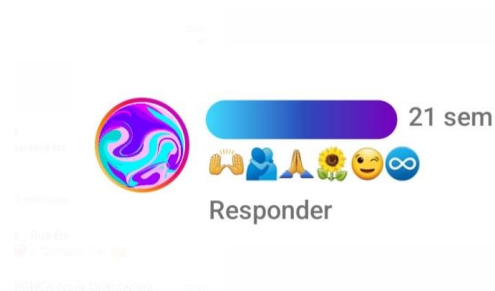
Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 17 – referente à publicação 1



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 17 – referente à publicação 1



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar compartilha a própria experiência, não tão boa, mas criando uma sororidade pela empatia com outras mulheres que também sofrem com o TEA e evidenciando na prática como

lidar com a dor da doença. Esta ação, no que tange a sororidade e segundo Leal (2020), mostra que o conceito de sororidade vem sendo descrito como um sentimento capaz estimular a amizade e solidariedade entre mulheres e, por vezes, como uma atribuição natural da mulher, ou seja, como uma essência feminina, por meio da capacidade natural de expressar sensibilidade inclusive nas redes sociais.

3.1.2 Live sobre vivencia e o Autismo – podcast “Histórias Raras”

A segunda publicação foi uma *live* que aconteceu em 05 de outubro de 2023, teve 565 visualizações, 51 curtidas e 9 comentários. A *live* trata de um convite para a votação do “Prêmio Eintens + Admiradores da Impresa Saúde, Ciência e bem-Estar”.

Blocos observados:

Conversação: a *live* foi uma conversa construída colaborativamente com os participantes que fizeram 9 comentários sobre o tema. Segundo KIETZMANN *et al.* (2011), essa ferramenta é utilizada para o fim de “comentar” e ou “*direct*” (ou mensagem direta). Essas duas ferramentas oferecem a possibilidade de conversação direta com o interlocutor.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post no momento, foi o de compartilhar um convidar aos seguidores para uma 76 votação do “Prêmio Eintens + Admiradores da Impresa Saúde, Ciência e bem-Estar”. Neste episódio, foi contada histórias atípicas de quem teve o diagnóstico de um cérebro neurodivergente na vida adulta. São histórias de pessoas com TDAH, Dislexia, Autismo, Síndrome de Tourette entre outros voltados para a saúde mental.

Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 2: “Histórias Raras”

 O Podcast Histórias Raras é finalista do Prêmio Einstein +Admirados da Imprensa de Saúde, Ciência e Bem Estar.

 Ajude a gente a ganhar mais visibilidade. Vote #HistoriasRaras na categoria PODCAST pelo link <https://bit.ly/voteHR>.

 A 2ª temporada de HR (EBC) narra a jornada de pessoas que se descobriram neurodivergentes depois de adultas (TDAH, Dislexia, Autismo etc). Os episódios estão disponíveis em: <https://bit.ly/episodiosraros>.

 Vote e compartilhe!

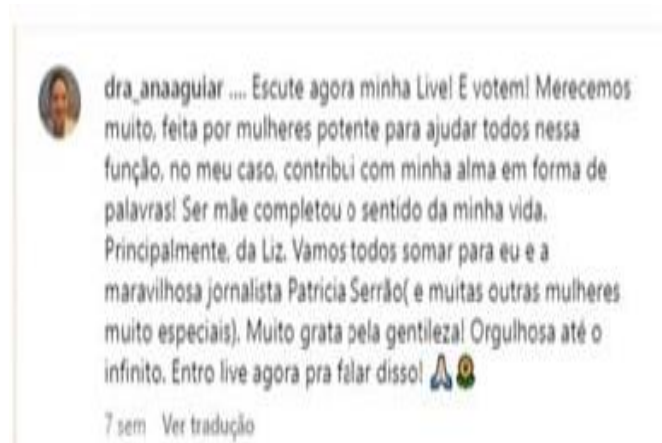
09:05



22 curtidas

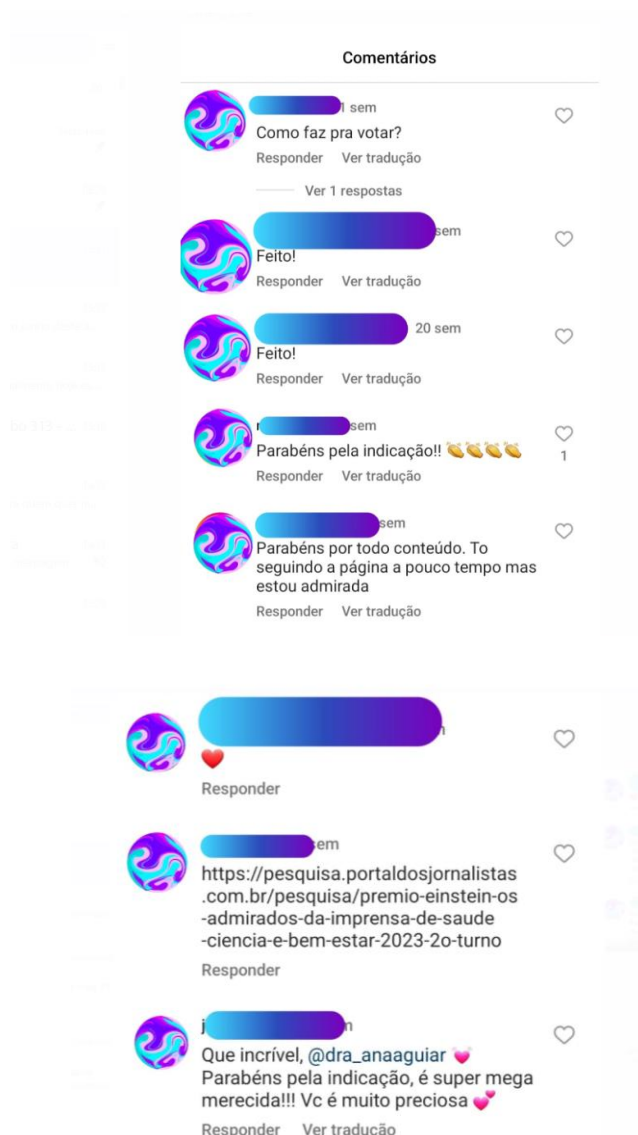
Fonte: Instagram @dra_anaaguiar <https://www.instagram.com/p/CyBb3r4rgre/>

Publicação 2: Legenda “Histórias Raras”



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários – referente à publicação 2



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar compartilha empatia com a comunidade de pessoas com o diagnóstico de um cérebro neurodivergente na vida adulta. Observamos que neste cenário que a sororidade ocorre na empatia envolvida na atividade de divulgar o evento que vai ajudar outras mulheres no diagnóstico do TEA.

3.1.3 Participação em evento na OAB para falar sobre o Autismo Adulto

A terceira publicação coletada no perfil selecionado foi publicado em 07 de outubro. A médica utilizou a sua imagem na publicação e texto na legenda para criar uma interação com o seu público. Vejamos abaixo:

Blocos observados:

Conversação: a publicação foi uma foto, teve 72 visualizações e 3 comentários parabenizando a médica pela participação em evento na OAB para falar sobre o Autismo Adulto. Essa ferramenta a possibilitou a conversação direta com o interlocutor no Instagram. O bloco em questão, segundo KIETZMANN *et al.* (2011), representa o meio pelo qual os usuários se comunicam com outros usuários através da plataforma digital.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post, no momento, foi o de compartilhar a conquista das mulheres com TEA, apoiando a causa dentro da OAB (Ordens dos Advogados do Brasil).

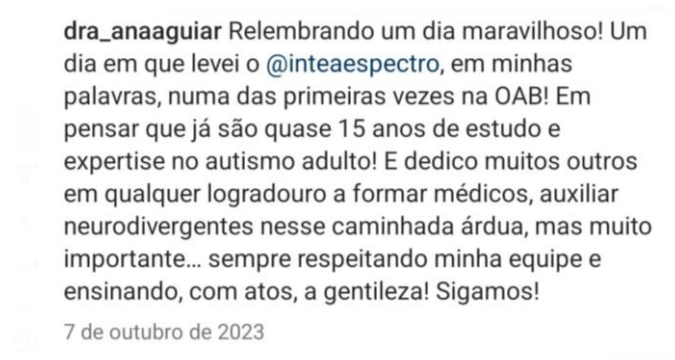
Relação: apesar de apenas 3 pessoas comentarem notamos que alguns os seguidores procuraram estabelecer uma relação com a médica elogiando e parabenizando pela conquista.

Publicação 3: Participação em evento na OAB para falar sobre o Autismo Adulto



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Legenda referente à publicação 3 <https://www.instagram.com/p/CyG9A5cpINt/>



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários referente à publicação referente à publicação 3



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A saúde mental da mulher pode ser considerada uma pauta feminista que precisa de atenção. O conceito de sororidade pode e deve ser usado dentro e fora do feminismo. Nesse aspecto, segundo Roschel (2020), o conceito de “sororidade”, que diz respeito não só aos seus significados “como solidariedade entre irmãs, harmonia e, sobretudo, aliança feminina”, mas ao seu impacto social que está na luta contra a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre as mulheres é possível lutar pelo direito de todas (ROSCHEL, 2020). Logo, a partir dos blocos observados, podemos notar na postagem sobre a participação da médica em um evento na OAB para falar sobre o Autismo Adulto foi um grande ganho de visibilidade sobre o tema para o universo feminista dentro do Instagram.

3.1.4 Adoecimento no Trabalho

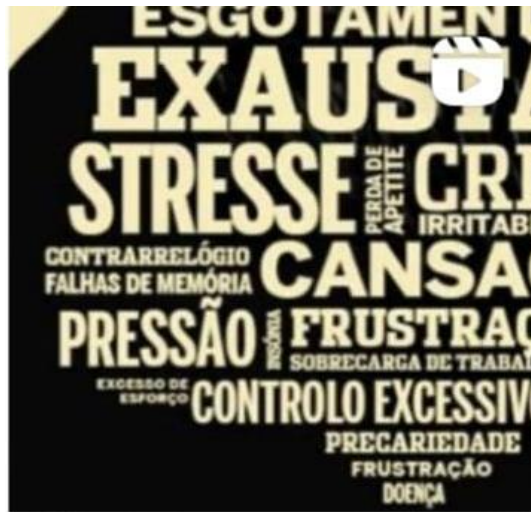
A quarta publicação tratou o tema do “adoecimento mental no trabalho e o autismo”. Essa *live* foi publicada em 07 de outubro de 2013.

Conversação: a *live* foi uma exposição do tema adoecimento mental no trabalho e as dificuldades que compõe o assunto e teve a duração de 22’56’’. A publicação teve 504 visualizações, 46 comentários e um comentário fixo, mas várias participações que não ficam marcadas ao longo da *live*. A médica expõe as dificuldades de quem possui uma doença mental e como é pode ser o acolhimento dentro do ambiente trabalho e do ambiente médico. Um fator agravante salientado pela médica é que os profissionais demoram para afastar os doentes do ambiente de trabalho, pois os pacientes não acham necessário e não querem ser afastados, fato que dificulta o processo de cura no tratamento. De maneira firme, a médica afirma que o adoecimento mental não é “mimimi” e pede para não se reproduzir esse discurso de descaso de um sofrimento. Para o autismo existe uma luta pessoal ainda maior para se atingir um primor em suas atividades e reconhecer uma “depressão”. A médica relata a necessidade que a sociedade impõe sobre o ser “forte”. Ela vai “na contramão” do senso comum sobre a ideia de ser forte e afirma que “ser forte é se amar, é fazer você sofrer menos. Ir ao limite não é ser forte. Cada pessoa tem uma forma de agir e tem seus limites”.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post no momento, foi o de compartilhar o seu posicionamento sobre depressão do autista no ambiente de trabalho.

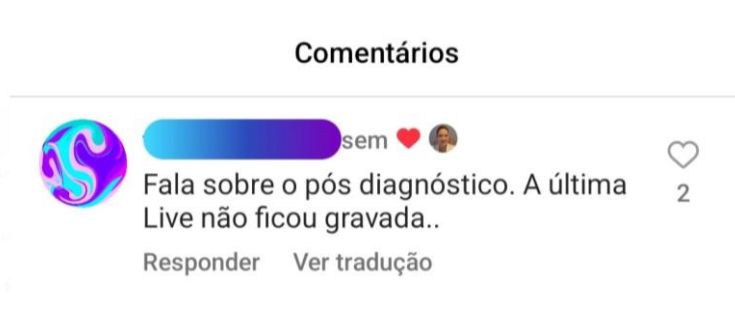
Relação: notamos que no momento da *live* alguns seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e além de interagir por mensagens no momento da sua exposição por comentários, “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 4: Adoecimento no trabalho



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar <https://www.instagram.com/p/CyHZ2-MpvT4/>

Comentários referente à publicação 4



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Neste ambiente de partilha percebe-se que a sororidade, neste caso, é praticada pela atitude de ajudar outras mulheres com a troca de conhecimento entre a médica e os seus seguidores. Sendo assim, a partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar abre espaço para os participantes trocarem experiências nos comentários e se coloca à disposição para responder *directs* para as pessoas que precisarem conversar ou de orientação criando um ambiente seguro de sororidade pela empatia com mulheres sofram com o TEA e a depressão.

3.1.5 Reflexão sobre o dia mundial da saúde mental e pessoas que não demonstram doenças emocionais

A publicação número 5 foi uma *live* que teve duração de 9' 33'', publicado em 10 de outubro de 2023. O tema da publicação é uma reflexão sobre o “dia mundial da saúde mental” e pessoas que não demonstram doenças emocionais

Conversação: a *live* teve 469 visualizações e 47 curtidas, até a data de coleta do corpus, e foi uma conversa construída colaborativamente com os participantes que fizeram 4 comentários fixos sobre o tema que envolveu o “ dia mundial da saúde mental”.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção da *live* no momento, foi o de compartilhar a data do “Dia mundial da saúde mental” e o seu real significado. A médica faz duas reflexões: a primeira é sobre as pessoas que adoecem com questões que “não são visíveis” e o uso da empatia e da ajuda a outras pessoas que podem precisar ao lidar com o luto, o aborto, o sofrimento; outra reflexão foi sobre “você tem vivido ou sobrevivido” ao pós diagnostico do TEA?

Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação/*live* 5: Dia Mundial da Saúde Mental



Fonte: Instagram @dra_anaaguiair <https://www.instagram.com/p/CyPMyyvNv1Z/>

Comentários referente à publicação /live 5



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar deixa uma reflexão sobre o “dia mundial da saúde mental”. Ela compartilha que o lado “externo” não representa doenças invisíveis, isto é, as pessoas podem estar com batom ou brincos e estarem de luto internamente, o que justifica os altos números de suicídios nos últimos anos. Assim, a o ser empático é, neste cenário, promover a saúde mental. Mais uma vez o conceito de sororidade e a empatia nesse poste se cruzaram.

3.1.6 Dia das Crianças

A publicação de número 6 desse corpus foi publicado em 12 de outubro em homenagem ao dia das crianças.

Conversação: a publicação foi um *post* representado por uma foto, não teve comentários, mas teve 112 curtidas na data. Na legenda curta a médica desejava um “Feliz dia das crianças de forma ecumênica”. Ela aproveitou para lembrar das crianças e das mães que estavam sofrendo com a de Israel no Oriente Médio. E desejou que toda a dor cesse e que as feridas do corpo e da alma sejam tratadas.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post no momento, foi o de compartilhar acolhimento as famílias que não tiveram um “feliz dia das crianças”.

Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 6: Dia das Crianças



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar <https://www.instagram.com/p/CyTyB-jJ5pw/>

Legenda referente à publicação 16

117 curtidas

dra_anaaguiar Feliz Dia das Crianças! De forma ecumênica, Feliz mês das crianças.

Nesse ano, meu coração de mãe vive junto a tantas outras famílias a impossibilidade desse abraço! O sangue de anjos derramado. Que toda dor cesse, e possamos tratar das feridas do corpo e alma. Aos que podem, abracem seus pequenos! ❤️🙏

12 de outubro de 2023

Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar é uma forma de se solidarizar com mulheres e crianças que estão passando por motivos dolorosos no momento de guerra. Neste caso, a sororidade acontece quando a médica se coloca no lugar do outro e ao conversar com os seus seguidores, ela promove uma reflexão sobre a dor do outro e não só de mulheres, mas das crianças também numa data em que seria para ser feliz e em paz.

3.1.7 Reflexão sobre a paz e o fim da Guerra

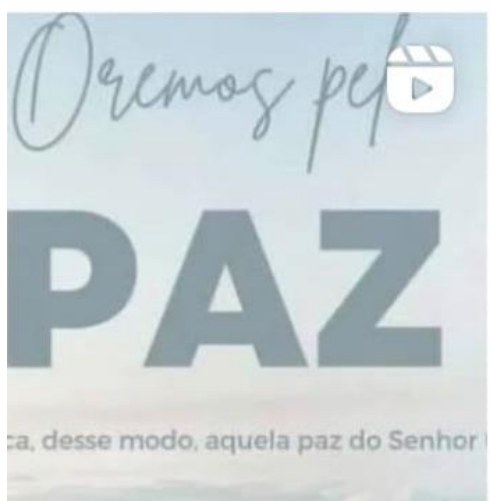
A publicação número 7 é uma reflexão sobre a paz e o fim da guerra. Mãe e filha interagem com o público sobre o tema guerra e o número de crianças mortas na guerra no de Israel no Oriente Médio, no dia 13/10.

Conversação: a *live* foi uma conversa construída colaborativamente com a médica e a sua filha de 6 anos e os participantes da *live* em homenagem ao mês das crianças. A publicação teve 9 comentários, 1211 visualizações e 72 curtidas até a data da coleta de informações. A médica pediu para a filha participar da *live* e cantar em homenagens as pessoas que estão morrendo na guerra. Nesta *live* sua filha disse que no colégio estão fazendo cartas para os soldados e as crianças que estão sofrendo na guerra. Dessa fala, a médica lembra da lenda do “tsurus” japoneses que trazem esperança de paz e o fim do terror.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post no momento, foi o de compartilhar um momento de acolhimento, respeito e humanidade as pessoas que estão sofrendo com a guerra no Oriente Médio.

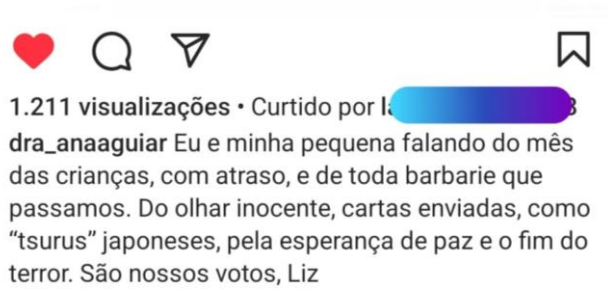
Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 7: reflexão sobre a paz



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar <https://www.instagram.com/p/CyWO8fhxsYh/>

Publicação 7: Legenda



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 1, 2,3 e 4 referente à publicação 7



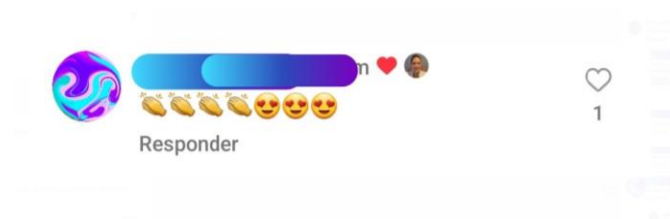
Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 5,6, 7 e 8 referente à publicação 7



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentário 9 referente à publicação 7



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar compartilha de maneira empática como tratar temas como a dor e o luto com pessoas com TEA e afirmou que esse tema também é sobre a saúde mental, pois a dor traz doenças se tratando ainda de mais cuidados, pois são vulneráveis e precisam de mais empatia.

3.1.8 Outubro Rosa/Câncer de mama

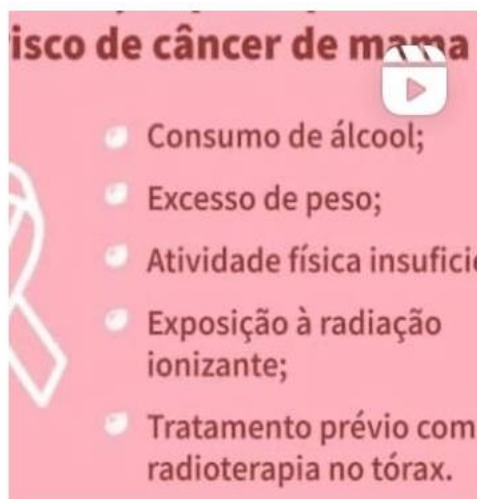
A publicação 8 foi divulgada em 13/10 e trata de uma *live* sobre o outubro Rosa e a campanha do Câncer de mama.

Conversação: essa publicação foi uma *live* com 13'34'', que produziu uma conversa construída colaborativamente com os participantes com a intensão de falar sobre o outubro Rosa e o câncer de mama e algumas diretrizes ultrapassadas e questões que não mudam. A publicação teve 532 visualizações, 21 curtidas, até a data de coleta do corpus, e 2 comentários.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post no momento, foi o de compartilhar informações sobre o câncer de mama e algumas diretrizes ultrapassadas e questões que não mudam. Ela salientou que a capa da *live* mostra fatores de riscos que não mudam como, por exemplo, a genética, sobrepeso e o alcoolismo. A médica levanta a questão que o autoexame é muito difícil diagnosticar o câncer de mama, mas mãos treinadas tem maior chance de sentir qualquer sintoma para se pedir exames de imagens.

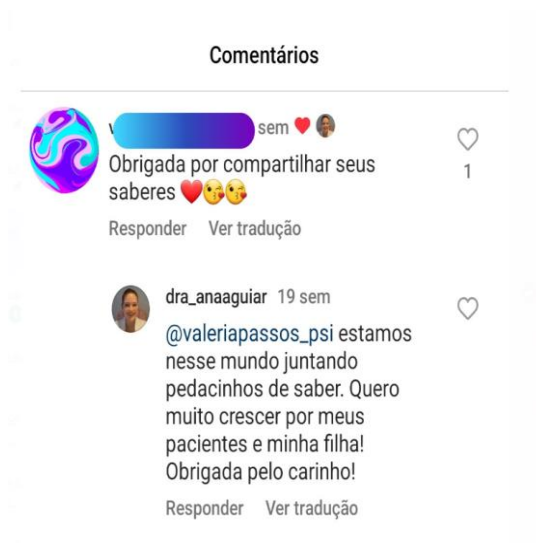
Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 8: outubro Rosa



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar <https://www.instagram.com/p/CyXLTvcNHsB/>

Comentário 9 referente à publicação 7



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar compartilha os riscos, as diretrizes para evitar e diagnosticar o câncer de mama tendo em vista ajudar as mulheres a refletir sobre a importância do diagnóstico precoce. Ela deixa aberto *direct* dela para perguntas. Neste cenário, mais uma vez a sororidade é feita pela empatia.

3.1.9 Máscaras no diagnóstico do feminino – padrões sociais/não diagnóstico/sofrimento

A publicação número 9 faz uma reflexão sobre as máscaras no diagnóstico do feminino do autismo – padrões sociais/não diagnóstico/sofrimento, foi publicado em 16 de outubro de 2023.

Conversação: a *live* teve 19'03'' e foi uma conversa construída colaborativamente com os participantes que fizeram 4 comentários fixos e teve 809 visualizações ao vivo e 75 curtidas após a *live* virar publicação fixa. O tema da *live* foi “máscara no diagnóstico do autismo feminino”. Ela fez uma alusão ao Covid-19 e o uso das máscaras que cobriam o rosto, e outras funções das máscaras seja fantasia, ou, criações de “personas” que podem aprisionar ou libertar, principalmente, a mulher ao longo da vida, pois neste papel de mulher, comparado ao homem, ainda existe um desgaste enorme para se manter uma posição socialmente construída de como sentar, de como se comportar, por exemplo, o que não acontece no universo masculino.

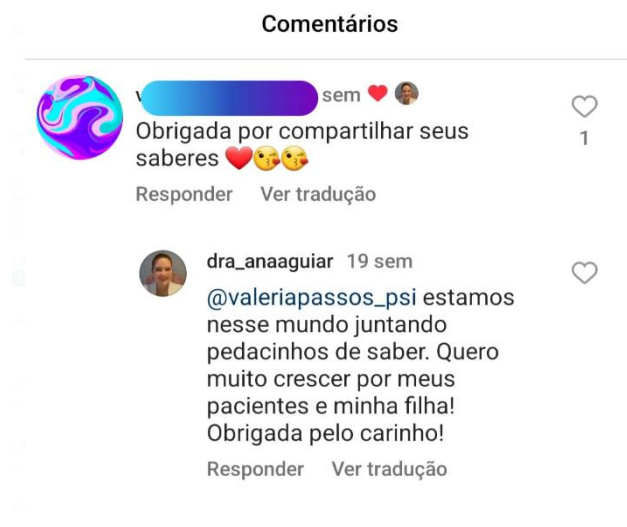
Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 9: Máscaras no diagnóstico do feminino – padrões sociais/não diagnóstico/sofrimento



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar <https://www.instagram.com/p/CydZr-7LCJv/>

Comentários 1 e 2 referente à publicação 9



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Comentários 3 e 4 referente à publicação 9



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

A partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar compartilha a ideia das máscaras que as mulheres precisam construir ao longo da vida para serem aceitas em sociedade. E após o diagnóstico do autismo na vida adulta a pessoa precisa se reconstruir emocionalmente para aceitar a lidar com a nova realidade.

3.1.10 Dia do médico no espectro Autista (TEA)

O post 10 foi uma publicação em foto como uma homenagem ao dia do médico no espectro Autista (TEA), publicado no dia 18 de outubro de 2024.

Conversação: a publicação foi uma foto da formatura da médica, que teve 142 curtidas e 15 comentários. Na legenda a médica conta a sua história e sobre acreditar na empatia, no dar e receber e deseja um feliz dia dos médicos. Nos comentários ela recebe parabéns pela data e mensagens de apoio sobre a sua escolha em ser médica psiquiatra.

Compartilhamento: pelo relato da médica a intenção do post no momento, foi o de compartilhar momentos difíceis e decisivos da profissão.

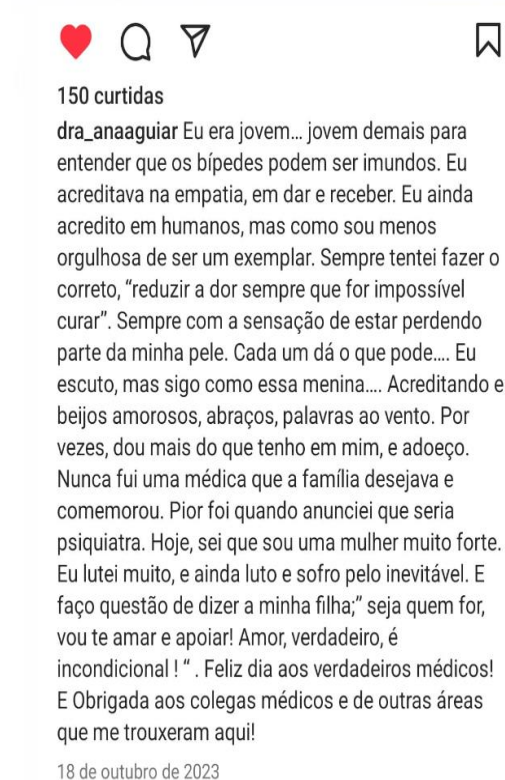
Relação: notamos que muitos seguidores, que de alguma forma se identificaram com o tema, procuraram estabelecer uma relação com a médica e “marcaram” outros seguidores para assistirem a *live*.

Publicação 10: dia do médico no espectro Autista (TEA)



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar <https://www.instagram.com/p/Cyi0LdJxwxz/>

Legenda referente à publicação 10



Fonte: Instagram @dra_anaaguiar

Tento em vista que o conceito da sororidade também tem um aspecto de dimensão ética e é praticada dentro do movimento de igualdade entre gêneros, a partir dos blocos observados, podemos notar na postagem que Ana Aguiar comemora a sua formatura como médica, no dia do médico, e compartilha a própria experiência sobre a possibilidade e as dificuldades que as pessoas diagnosticadas com TEA alcançam dentro da medicina.

Posto o corpus de estudo, entendemos que sororidade pode ser praticada dentro e fora do movimento feminista e no intuito de visualizar maneiras de “como pode ser feita a sororidade”, pergunta inicial dessa pesquisa, abaixo listamos algumas as maneiras observadas durante essa pesquisa sobre o como se pode fazer a sororidade na prática, dentro e fora das redes sócias, em busca da proteção e do cuidado uma com as outras:

- Não ver a outra como rival;
- Não “atacar” outras mulheres com discurso de ódio nas redes sociais e fora dela;
- Não julgar uma outra mulher por ela ter atitudes ou opiniões diferentes;

- Compartilhar experiências que ajudem outras mulheres a lidar com dificuldades emocionais promovendo o autoconhecimento;
- Consumir e indicar trabalho de outras mulheres (pagos ou não);
- Oferecer apoio e ajuda sempre que necessário;
- Proporcionar um ambiente seguro e favorável para trocas de experiências e desabafos;
- Se colocar no lugar do(a) outro (a);
- Conscientizar mulheres sobre a prevenção de doenças do universo feminino, como o câncer de mama;
- Incentivar outras mulheres a se inserirem no mundo do trabalho;
- Criar grupos de apoios sobre os diversos temas para ajudar outras mulheres a superar problemas físicos e emocionais;

Salientamos que esta lista não é uma regra e nem um manual sobre o como se faz, ou, como podemos tematizar a discussão sobre a sororidade, pois partimos do princípio que não existe uma única versão de entendimento sobre questões gênero e nem igualdade sobre os temas, mas essa lista faz parte de observações de campo sobre o movimentos de mulheres analisadas dentro do Instagram durante esse trabalho. Assim, abaixo consolidaremos a pesquisa com as observações pertinentes sobre o estudo realizado no que tange a sororidade e as publicações selecionadas no perfil da dra. Ana Aguiar no Instagram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de campo dentro das pesquisas feministas, em muitas disciplinas, variam desde as avaliações sobre a vida e as experiências das mulheres que chamam atenção para o subjetivo até para análises das relações por meio da investigação de movimentos sociais e de questões de larga escala envolvendo políticas e organização. (OSLESEN, 2006, p. 220)

Nessa perspectiva, um dos desafios para o feminismo contemporâneo e o observado nessa pesquisa foi inserir o conceito de sororidade para a tentar trazer soluções para as particularidades de cada mulher, mas buscando a igualdade para todas por meio da empatia, respeito e solidariedade umas com as outras (SILVA, 2016). Assim, de modo geral, o vocábulo “sororidade” tem sido utilizado para “expressar empatia entre mulheres”.

Estudos interdisciplinares dentro da Psicologia e dentro da Saúde Mental apontaram que o tema “empatia” tem sido investigado por diversos campos de estudo, tais como: psicologia, saúde, educação, psicobiologia, enfermagem, odontologia, fisioterapia, fonoaudiologia, interface de ação social, e engenharia de produção. Observa-se que a área que apresenta maior quantitativo de estudos publicados é a psicologia e a segunda maior área de publicação foi a saúde. (AZEVEDO *et. al.* 2018).

A capacidade de se colocar no lugar do outro é fundamental para a interação social das pessoas em diferentes contextos, como na convivência familiar, na relação com os colegas de classe, na interação com os alunos, parceiros e amigos, nos relacionamentos amorosos (Davis & Oathout, 1992) e no casamento (Ickes & Simpson, 1997), assim como no ambiente de trabalho e na comunidade em que o indivíduo está inserido. Além disso, de acordo com Goleman (1995), essa habilidade pode ser considerada uma forma de excelência dentro do conceito de inteligência emocional.

Após a seleção das 10 publicações analisadas nesse trabalho a médica psiquiatra retrata o conceito da sororidade não citando a palavra em si, mas pela a forma empática ao se colocar como exemplo em prol a ajudar mulheres, familiares e mães atípicas que se encontram na mesma situação de dificuldades de diagnostico, no trabalho, nas dificuldades do dia-a-dia. Fato notório na publicação número 1.

No que tange a empatia, “existe um consenso entre os teóricos a respeito da forte influência que a empatia pode exercer nos processos de tomada de decisão, especialmente

quando está se refere às questões ligadas ao cuidado, respeito e moralidade” (SAMPAIO et. al. 2009 p 224).

Sobre o perfil dos colaboradores da pesquisa tanto nos comentários, quando na participação das *lives*, foi constatado que a participação é constante de mulheres adultas, com o espectro autista, mães e familiares de pessoas com o transtorno. O perfil é predominantemente de mulheres com mais de 30 anos, brancas e pardas. A participação masculina ainda é mínima e não entrou no recorte da pesquisa.

Em algumas publicações a usuária do perfil inseriu a sua filha de 7 anos para participar das *lives*, mas de maneira totalmente empática. Outro ponto observado, durante a pesquisa, foi o de que o perfil selecionado faz uso de *emojis* como representação gráfica para transmitir a ideia de sentimentos no bloco de conversas presentes nos comentários.

Porém, não usa *#hashtag* como mecanismo de engajamento em suas publicações para interligar conteúdo aos usuários e nem cita a palavra “sororidade” diretamente em suas postagens, mas durante todas as publicações a construção do conceito pela empatia é tematiza pelas ações da médica que é portadora do espectro Autista e usa a sua dificuldade para ajudar outras mulheres que se encontram com as mesmas dificuldades.

E para responder à pergunta inicial dessa pesquisa que diz respeito ao questionamento de “como mulheres tematizam e constroem, discursivamente e colaborativamente, o conceito de sororidade pela plataforma do Instagram, diante da nova realidade contemporânea em que a comunicação é mediada pelo computador” constatamos pelas observações de campo durante o período da pesquisa que mais do que fazer *lives*, postar conteúdos, participar de eventos, o se colocar no lugar do outro transcende qualquer aparição.

Isto é, a ação da empatia “costura” o conceito de sororidade em todos os momentos em que foi praticado no Instagram pela médica psiquiatra selecionada. Assim, é perceptível o entrelaçar dos conceitos de sororidade e da empatia dentro da investigação aqui realizada. Logo, uma possível resposta cabível, mas não definitiva seria: uma das formas de se tematizar e praticar a sororidade nas redes sociais é pela empatia.

Por fim, o presente estudo entende que não foi possível dar conta de todos os temas voltados para o eixo mulher, mas afirma que durante todo o tempo de pesquisa de campo dessa dissertação um ponto bem notório ao longo dessa caminhada foi o fato de que ainda no século XXI existe a necessidade de se pensar sobre questões envolvendo o direito da mulher a sua inclusão na sociedade com equidade e as suas múltiplas questões, pois ainda hoje enfrentam resistências políticas, patriarcais e culturais.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Zina. **Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos**. ARQUIPÉLAGO-Revista da Universidade dos Açores, p. 443-469, 2002

ABREU, Zina **Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos**. Arquipélago – História, Revista da Universidade dos Açores, Ponto Delgada, segunda série, v. VI, p. 443-469, 2002. Disponível: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/380> Acesso em: 19/05/2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras; 1ª edição, 2019.

ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. 200p.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981

ARUDA, Angela. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto** / organização Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 40 p.

ANDRADE, Joana El-Jaick. **O marxismo e a questão feminina: as articulações entre gênero e classe no âmbito do feminismo revolucionário** - São Paulo. 2011. 210f. Tese. (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, letras, e ciências humanas, Universidade de São Paulo

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e **Plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas**. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 57, maio-ago., p. 26-56, 2021

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGRELA, Lucas. **Como válvula de escape na quarentena, redes sociais crescem no mundo**. 2020. Disponível em: Acesso em: 22 out. 2020.

ALVES, Paula. **A evolução do Instagram: das fotos quadradas à era dos vídeos**. 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/a-evolucao-do-instagram-das-fotos-quadradas-a-era-dos-videos/> Acesso em: 14 abr. 2023.

ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Ed. Abril Cultural e Brasiliense, 1985.

ALVES- MANZZOTT, Alda J; GEWANDSZNAJDER, **Fernando**. **O método nas Ciências Naturais e Sociais Pesquisa Qualitativa**. Editora Thomson. 2002.

ALVIM; JORGE, Marcelo. **Ontologias no suporte a portais semânticos**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação - UFMG, Belo Horizonte. 2005. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VALA6KFNS2/1/mestrado___marcelo_alvim_jorge.pdf // Acessado em 30/04/2023

ARAGÃO, Fernanda Bôto Paz *et al*. **Curtiu, comentou, comprou. A mídia social digital Instagram e o consumo**. Revista Ciências Administrativas, vol. 22, núm. 1, enero-junio, 2016. Disponível em: <<https://ojs.unifor.br/rca/article/view/3979/pdf>> Acessado em: 14/04/2023.

AMARAL, A., Natal, G., & Viana, L. (2008). **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Cadernos da Escola de Comunicação, 1(6), 1-12. Recuperado de <https://bit.ly/37laPFE>

AMARAL, Ines; SOUSA, Helena. **Redes Sociais no Twitter: A Emergência de uma Nova Sociabilidade num Novo Ecosistema de Comunicação?** Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/49287928.pdf>> Acessado em: 26/05/2022.

AMARO, Daniel. **O Brasil é o terceiro país que mais utiliza as redes sociais**. Informação de 10/06/2022 extraído de <https://edicaodobrasil.com.br/2022/06/10/brasil-e-o-terceiro-pais-do-mundo-que-mais-utiliza-as-redes-sociais> Acesso em 19/04/2023

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Usuário da rede social. ISSN 1983-7364 • ano 15 • 2021
Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>/ Acesso em 19/04/2023

APROBATO, Valéria C. **Corpo digital e bem estar na rede Instagram – um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, Brasil - V. 38, nº95, p. 157 - 164. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v38n95/v38n95a03.pdf> Acesso em: 22/10/2020.

ARRUDA. Júnior de. **"A Interação através da Linguagem" em Só Pedagogia. Virtuosa Tecnologia da Informação**, 2008-2020. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/a_interacao/?pagina=1>

Acessado em 22/10/2020.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo, Atlas, 2009.

AZEVEDO, Jade Vilar de. **Feminismo de revista: Análise da apropriação do movimento feminista pelo mercado a partir da revista Elle**. 2017. 125 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017

AZEVEDO, Sonia Maria Lourenço de; MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da e METTRAU, Marsyl Bulkool. **Empatia: perfil da produção científica e medidas mais utilizadas em pesquisa**. *Est. Inter. Psicol.* 2018, vol.9, n.3, pp. 03-23. ISSN 2236-6407. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000300002#:~:text=A%20empatia%20%C3%A9%20um%20comportamento,para%20aplar%20sua%20pr%C3%B3pria%20ang%C3%Bastia.

Acesso em: 05/03/2024

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel, 2006 BAKHTIN, Michail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes [1979]. 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. literatura e história da cultura. Editora Brasiliense, São Paulo, 1985.

BENKO, G. **A pós-modernidade e o geógrafo**. GEOUSP Espaço e Tempo (*On-line*), [S. l.], v. 3, n. 2, p. 95-104, 2006. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.1999.123367. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123367>. Acesso em: 20 set. 2022.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Gareschi, P. A. (trad.), 7a edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

BRAGA, Adriana. **Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica**. UNIREvista, vol. 1, nº 3, julho 2006

BRAGA, Adriana. **Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins**. Org. Ana Maria Nicolaci-da-Costa e Daniela Romão Dias. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo, Ed. Loyola, 2013.

BRAGA, Adriana. Lance Strate, Paul Levinson. **Introdução a Ecologia das Mídias**. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio/Edições Loyola. 2019.

BAUER, Carlos. **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental**. São Paulo: Xamã Editora, 2001.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Gareschi, P. A. (trad.), 7a edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BLAY, Eva Alterman. **8 de março: conquistas e controvérsias**. *Estudos feministas*, ano 9, 2001, p. 601-607. (segundo semestre/2001). Disponível em: Acesso em: 15 jan. 2019.

BLAY, Eva Alterman. **Violência contra a mulher e políticas públicas**. *Estudos avançados* 17 (49), 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/ryqNRHj843kKKHjLkgrms9k/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em 19 de junho de 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto no 21.076 de 24 de fevereiro de 1932. Disponível em:

< <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html> > Acesso em: 18/05/2023

BEZERRA, Juliana Significado de Século XIX. 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/seculo-xix/> Acesso em 10/05/2023

Becker, M. R.; Barbosa, C. M. (2016) **Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas**. *Coisas do Gênero*. São Leopoldo, v. 2 n. 2, p. 243-256.

BOGADO, M. Rua. In: HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BONKOVOSKI, Amanda; VELHO, Ana Paula Machado; VERMELHO, Sônia Cristian; PIROLA, Alisson. **Refletindo sobre as redes sociais**. Publicação em maio/2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011> Acessado em: 22/05/2022.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Ed. Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre os limites materiais y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CAETANO, Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. 2012

Disponível em:
<https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf
> Acesso em: 01/06/2023

CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Bruxas e contos de fadas: mito e representações**. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM

CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria. **SEGUNDA ONDA FEMINISTA – 1979- Org** Angela Freitas e Veronica Marques; 2014. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/plataforma25anos/> Acessado em: 19/05/2023

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo, 2014.

CYFER, Ingrid. **Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista**. 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ln/a/YgZNbXJJFXCMmCKzKbnnP6t/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 25/05/2023.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo • Rev. Estud. Fem. 10 (1) • Jan 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011> Acessado em: 01/06/2023.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Barcella. **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. vol.8. Salvador: Fast Design, 2002. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismociencia.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Revista Gênero. Niterói, 2005 p.16.

COLLADO, Ana Martinez y e NAVARRETE, Ana. **Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo**. 2007. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=220&secao=desbunde>. Acessado em 12/01/2009.

CANCLINI, Nestor G. **Consumidores & cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

CANCLINI, Nestor G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. In: *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTELLS, Manuel. Transcrição e tradução e Daniela Frabasil. **Diálogo com acampados em Barcelona, sociólogo sugere: política é muito mais que representação; internet livre é chave da mudança**. Site: Outras Palavras. 18/07/2011. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/castells-propoe-outra-democracia/> Acesso em; 22/05/2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. RJ/SP: Editora Paz & Terra; 5ª edição, 2019.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. **O conceito de pós-modernidade na sociedade atua**. Agosto/2017. Disponível em <https://conviteageografia.blogs.sapo.pt/1732.html> Acessado em: 19/09/2022

CRYSTAL, David. **Revolução da Linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005.

CETIC.BR. **Conectividade e dinâmicas de uso** - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento. Publicado em: 16/08/2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/08/pesquisa-tic-kids-online-16ago-2022.pdf> Acesso em abril/2023.

CORRÊA, Cecília Araújo Rabelo; ROCHA, Elisa Maria Pinto; CARVALHAIS, Jane Noronha; DUFLOTH, Simone Cristina. **A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO E OS ESTADOS BRASILEIROS**. Londrina, v. 19, n. 1, p. 31 – 54, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/12176/14206>

Acesso em: 10/03/2023

COUTO, E. S., Couto, E. S., & Cruz, I. de M. P. (2020). **#FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19**. *Interfaces Científicas - Educação*, 8(3), 200–217. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217>

Revista Interfaces Científicas • Aracaju • V.8 • N.3 • p. 200 - 217 • 2020

Acessado em 23/04/2023.

COURY et al. **Etarismo: o que é e o que representa para os idosos?** Politize. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/etarismo-o-que-e/> Acesso em: 25 maio de 2023.

DANTAS, Tiago. “Youtube”, **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm> > Acessado em: 26/05/2022

Davis, M. H., & Oathout, H. A. (1992). **The effect of dispositional empathy on romantic relationship behaviors: Heterosocial anxiety as a moderating influence**. *Journal of Personality and Social Psychology Bulletin*, 18, 76-83. doi:10.1177/0146167292181011

DENZIN. Norman K.; LINCOLN, Yvonna, S. e colaboradores. **Pesquisa qualitativa teorias e abordagens**. 2ª. Ed. Artmed Editora S.A, São Paulo. 2006 p 220

DRULLIS, Gustavo. Brasileiros passaram 46 horas nas redes sociais em dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/13/03/2023/brasileiro-passa-46-horas-por-mes-nas-redes-sociais-diz-comscore/> Acessado em 19/04/2023.

DUTRA, Z. A. P. A Primavera das Mulheres — **Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas**. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30292> Acesso em: 02/06/2023.

DURANTE, Milena Batista, **Coexistências e Cocriações**, 8 (20). *Revista ClimaCom* 2021, p. 1-17)

FARIAS, Francy Rennia Aguiar; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil**. *Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 – 2012*

FERREIRA, Júlia da Silveira. **Valente e Frozen: a mais recente geração de princesas da Disney**. Rio de Janeiro, 2015. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16599/1/2016_IvanaCarolinaSilva_tcc.pdf Acesso em: 01/06/2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**. 4. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FELGUEIRAS, A. C. M. L. **Breve panorâmico histórico do movimento feminista brasileiro: das sufragista ao ciberfeminismo**. Revista Digital Simonsen, v. I, p. 108 -121, 2017. Disponível em: <http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2017/05/montagem-da-revista-Reparado111.pdf>
Acessado em: 02/06/2023.

FERNANDES, Evelyn Blaut s. **Morte ao patriarcado: fraternidade, irmandade, sororidade**. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kzKGbt3svhfMHF96CNrVSnJ/?format=pdf&lang=pt>
Acessado em: 01/06/2023.

FRANCO, Luciele Mariel. **Todo mundo pode escolher o feminismo: o convite de Bell Hooks**. Disponível em: <https://eds.p.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=5&sid=5075bf33-a598-48f0-bc1a-c64b03ddb6c7%40redis> Acesso em 19 de junho de 2023.

FERREIRA, Yuri. **Patriarcado e Violência contra a mulher: uma relação de causa e consequência**, 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/03/patriarcado-e-violencias-contra-a-mulher-uma-relacao-de-causa-e-consequencia/> Acesso em: 19 de junho de 2023

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1971

FARACO, Carlos Alberto. **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Editora Parábola, 2001.

FEIXA, Carlos; LECCARDI, Carmem. **O conceito de gerações nas teorias sobre juventude** 2010 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200003>> Acessado em 05/05/2022.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/11/pesquisa-na-internetfragoso-inteiro.pdf>
Acessado em: 21/10/2020.

FILHO, José Maria Pugas. **O uso das mídias sociais como ferramentas de gestão de stakeholders: o caso jumo.com.** Disponível em: < https://www.inovarse.org/sites/default/files/T11_0452_2158.pdf> Acessado em: 21/10/2020.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. **“A gente era obrigado a ser feliz”: os diários da quarentena versus a ditadura da felicidade.** 2023 (No prelo)

FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Abjeção e sexualidade no romance Fabían e o Caos.** Revista Escrita. Vol. 9, nº1, janeiro-abril, 2018. Disponível em: <<http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/3108>> Acesso em: 22 fev. 2019.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: **A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977

FOLTER, Regiane. **O que é o patriarcado?.** Disponível em: <https://www.politize.com.br/patriarcado/> Acesso em: 01/06/2023.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Usuário da rede social. ISSN 1983-7364 • ano 15 • 2021 Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>/ Acesso em 19/04/2023

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. **A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância.** ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 44 (3): p. 991-1008, set.-dez. 2015 Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/issue/view/28/22> Acessível em: 01/06/2023

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

GIBSON, Willian. **Neuromancer.** São Paulo: Aleph, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOLEMAN, D. (1995). **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro, RJ: Objetiva

GUIDOTTI, Flávia Garcia; ZIMERMANN, Dara Yanca. **Potencialidades da interatividade no Instagram Stories para o jornalismo.** IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC - Unisinos. São Leopoldo, RS . 2020. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1337/1269> Acessado em: 10/03/2023

GOULART, Adriana da Costa. **Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro**. Publicado em Abril/2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000100006> Acessado em: março/2022.

GOLDENBERG, Mirian; TOSCANO, Moema. **A Revolução das Mulheres: um Balanço do Feminismo no Brasil**. Editora Revan – Rio de Janeiro, 1992.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **A narrativa midiática: mediações dos acontecimentos**
Disponível em file:///C:/Users/Vaio15/Downloads/3032-Texto%20Original-7085-1-10-20171211%20(3).pdf Acessado em: 15/10/2020.

KOZINETTS, R. (2014). **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso

KIETZMANN, J. H. *et al.* **Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media**. *Business horizons*, Indiana, v. 54, n. 3, p. 241-251, May./Jun. 2011.

KOCH, Ingedore. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOZINETTS, Robert. V. (2014). **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica on-line**. Porto Alegre: Penso

KOTLER, P. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro. Editora PUC: Apicuri, 2016.

HINE, C. (2004). **Etnografia virtual**. *Barcelona: UOC Christine Hine*, 2000, apud, idem, p. 172)

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Tradução de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: editora Brasiliense, 1981. 140p.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HARAWAY, Donna Jeanne, "Cyborgs and symbionts: living together in the new world order", In: GRAY, Chris (org.), *The cyborg handbook*, New York and London, Routledge, 1995 (Trad. Bras. BORGES, Fabiane Moraes, PISANI, Marília Mello &

HARAWAY, Donna Jeanne. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist Feminism in the Late Twentieth Century," in *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature* (New York; Routledge, 1991), pp.149-181. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~decaste/OISE/page2/files/HarawayCyborg.pdf> Acessado em: 19/05/2023

HUMEREZ, Dorisdaia. CONFEN. **Reportagem: Brasil vive uma segunda pandemia, agora na Saúde Mental**. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/brasil-enfrenta-uma-segunda-pandemia-agora-na-saude-mental_103538.html#:~:text=No%20primeiro%20ano%20da%20pandemia,Mental%20e%20amplia%C3%A7%C3%A3o%20dos%20atendimentos. Acesso em: 02/07/2023.

ICKES, W. & Simpson, J. A. (1997). **Managing empathic accuracy in close relationships**. In W. Ickes (Ed.), *Empathic accuracy* (pp. 218-250). New York, NY: The Guilford Press. Kirst-Conceição, A. da C., & Martinelli

Influenciadores Digitais em Época de Corona Vírus. Disponível em: Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/27/influenciadoresdigitais-bombam-em-epoca-de-coronavirus.htm?cmpid=>> Acessado em: 12/10/2020.

Instagram ultrapassa os 500 milhões de usuários. Revista de Tecnologia. Site g1.com. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/instagram-ultrapassa-os-500-milhoes-de-usuarios.html> Acesso em 19/04/2023

INTERAÇÃO. In: MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=&t=&palavra=intera%C3%A7%C3%A3o> >. Acesso em 23 fev. 2021

ORTNER, Sherry. Entonces, ¿Es la mujer al hombre lo que la naturaleza a la cultura? In: *Revista de Antropología Iberoamericana*. Ed. Electrónica. vol. 1, nº 1. Jan/Fev 2006. p. 12-21. Disponível em: <http://www.aibr.org/antropologia/01v01/articulos/010101.pdf> Acesso em: 17 nov. 2018.

OLIVEIRA, Adriana Vidal de. **A Constituição da Mulher Brasileira: uma análise dos estereótipos de gênero na Assembleia Constituinte de 1987-1988 e suas consequências no texto constitucional**. Rio de Janeiro. 2012. Tese (Doutorado em Direito) – Departamento de Direito da PUC-Rio. p. 117.

ORTNER, Sherry. **Entonces, ¿Es la mujer al hombre lo que la naturaleza a la cultura?** In: Revista de Antropología Iberoamericana. Ed. Eletrônica. vol. 1, nº 1. Jan/Fev 2006. p. 12-21. Disponível em: <<http://www.aibr.org/antropologia/01v01/articulos/010101.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2018.

OSLESEN, Virginia. **Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio**. In. DENZIN. Norman K.; LINCOLN, Yvonna, S. e colaboradores. Pesquisa qualitativa teorias e abordagens. 2ª. Ed. Artmed Editora S.A, São Paulo. 2006 p 220

JACQUES, Vera Lúcia Brites. **Globalização: características gerais do capitalismo global**. UFSM, 2007. Disponível em: <https://www.angelfire.com/sk/holgonsi/vera.html> Acesso em: 19/04/2023.

Jornal Estadão. Reportagem: **BBB 20 busca por “sororidade” no Google sobem 250% após a fala de Manu Gavassi**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-20-buscas-por-sororidade-no-google-sobem-250-apos-fala-de-manu-gavassi/> Acessado em: 10/06/2023

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEE; Tim Berners; Hendler, J. & Lassila, O. (2001) **The Semantic . Scientific American**, 284(5), 34–43. Disponível em: https://www-sop.inria.fr/acacia/cours/essi2006/Scientific%20American_%20Feature%20Article_%20The%20Semantic%20_%20May%202001.pdf // Acessado em: 30/04/2023

LEE; Tim Berners , **Qual é o futuro da** , segundo Tim Berners-Lee. Por Peter Moon, especial para o IDG Now! Atualizada em 18 de setembro de 2007 às 21h04. Disponível em: < <http://idgnow.uol.com.br/10anos/2007/07/07/idgnoticia.2007-07-06.9935975377>> Acesso em: 24/06/2018.

LEAL, Tatiana. **“A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia”**, UFRJ, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Editoria%20PUC-Rio/Downloads/tese_tcosta_2019%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Editoria%20PUC-Rio/Downloads/tese_tcosta_2019%20(1).pdf) Acesso em 19 de junho de 2023.

LEMOS A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002; p 116 e 123.

LISBOA, Marcos José Alves. **O conceito de identidade narrativa e a alteridade na obra de Paul Ricoeur: aproximações**. PUC-Campinas, 2013.

LIMA, Frederico. **A sociedade digital: o impacto da tecnologia na sociedade, na cultura na educação e nas organizações**. Rio de Janeiro: Ed Qualitymark, 2000.

LIMA, Ranieri. **Perfil das Gerações no Brasil: as Gerações X, Y, Z e seus perfis políticos**. São Paulo: Baraúna, 2012.

LIMA, Everton. **Violência contra as mulheres no contexto da Covid-19**. (IFF/Fiocruz). 25/11/2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contras-mulheres-no-contexto-da-covid-19>. Acessado em: 01/06/2023

LOTH, Adriana Falcão; PRETTO, Luana Siewert; MELLO, Ricardo Alexandre de Oliveira; ZSCHORNACK, Thiago. **AS TENDÊNCIAS E DESAFIOS DA 3.0 À LUZ DA GESTÃO DO CONHECIMENTO**. RISUS – Journal on Innovation and Sustainability, São Paulo, v. 10, n.1, p37-47., Março/Maio 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/risus/article/download/41810/27983> //Acesso em 30/04/2023

LAMAZALES, Camila Bonjovani. **A Sororidade como Fator de Sucesso para a Jornada do Empreendedorismo Feminino Através do Design Thinking**. Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, 2021. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/36886/2/Dissertacao_CamilaLamazales.pdf Acessado em: 19 de junho de 2023

LEAL, Tatiana. “*A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia*”, UFRJ, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Editoria%20PUC-Rio/Downloads/tese_tcosta_2019%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Editoria%20PUC-Rio/Downloads/tese_tcosta_2019%20(1).pdf) Acesso em 19 de junho de 2023.

LEAL, Tatiana. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação - v. 23, n. 3, 2020. – Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/> Acessado em: 19 de junho de 2023

LE MOS, Marina Gazire. Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas.SP, 2019. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/5260/1/Marina%20Gazire%20Lemos.pdf> Acessado em: 20/05/2023

LIMA, S. (2016). **Precisamos falar sobre sororidade na TV (e na vida)**. Disponível em <https://bit.ly/3apN0hm>; <http://www.revistapixel.com.br/precisamos-falar-sobre-sororidade-na-tv-e-na-vida/> Acesso em Junho de 2023.

LEODORO, Silvana. **Enciclopédia de Antropologia**. 04/12/22. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/donna-haraway> Acessado em: 19/05/2022.

LEÃO, Ryane. **Tudo Nela Brilha e Queima – Poemas de luta e amor**. 1ª. Ed. Planeta do Brasil, 2017

LOPES, **Rodrigo Esteves de Lima. Maristella Gabardo**. Ni una menos: a luta pelos direitos das mulheres na Argentina e suas representações no Facebook. Rev. Bras. Linguíst. Apl., v. 19, n. 4, p. 801-824, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/MctpTwdhN6xxrMcsYYHsnfh/?format=pdf&lang=pt>

MARKUSON, Daniel. **6 previsões de cibersegurança para 2022**. Publicado em:16/12/2022. Disponível em: <https://www.securityreport.com.br/overview/6-previsoes-de-ciberseguranca-para-2022/#.ZGJbwHbMLIU//> Acesso em: 19/04/2023

MCLUHAN, Marshall, **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

MARTINI, Thais Cunha. **O padrão de uso da internet e redes sociais on-line no Transtorno do Humor Bipolar**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143333/000892242.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 18/05/2022.

Michel, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas, 2005.

MEIRA, Alanis; PRADEL, Lyncon. **Brasileiros ficam muitas horas nas redes sociais**. Publicado em: 19/07/2022. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/07/19/internet-e-redes-sociais/brasileiros-ficam-muitas-horas-nas-redes-sociais-veja-media/> Acessado em: 19/04/2023

MOTA, P.H. Orkut – **Origem, história e evolução da rede social que marcou a internet**. Revista Ciencia e Tecnologia versão digital. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/orkut-historia/> Acesso em: 25/05/2022

MONTEIRO, S. D. **O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito**. DataGramaZero, v. 8, n. 3, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6089>. Acesso em: 25 maio 2022.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUSSO, P. (2004). A filosofia da rede. In PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação** (pp.17-38). Porto Alegre: Sulina. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809/1541> Acesso em: 22/05/2022.

MORESCO Marcielly Cristina. **O conceito de identidade** nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. Revista Animus, v14, n 27 (2015). Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/13570>>

Acessado em: 21/10/2020.

MAIA, G. L. **A juventude e os Coletivos: como se articulam novas formas de expressão política.** Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM, Santa Maria, v.8, n.1, p. 58-73, 2013.

MARTINEZ, F. **Feminismo em movimento no ciberespaço.** Artigo • Cad. Pagu (56) • 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560012> Acessado em: 02/06/2023

MIGUEL. Ana de. **Los feminismos a través de la historia.** In: Creatividad Feminista recibido a través de Modemmujer. Disponível em: < <http://www.mujeresenred.net/anademiguel.html>>. Acesso em 18 abr. 2017.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O Voto feminino no Brasil.** Ed. Câmara. 2ª Ed. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/midias/file/2020/11/voto-feminino-brasil-2ed-marques.pdf> Acesso em 10/05/2023

MARQUES, G. M. ; Pedro, Joana Maria . **O feminismo Riot: geração e violência.** Labrys (Edição em Português. Online), v. 22, p. 32-48, 2012. <file:///C:/Users/Editoria%20PUC-Rio/Desktop/2023-%20ADM/JUNHO%202023/PEDRO,%20Joana.%20O%20feminismo%20de%20segunda%20onda.%20Corpo,%20prazer%20e%20trabalho..pdf>

Acesso em: 01/06/2023

Museu Virtual Bertha Luz. Disponível em: <http://lhs.unb.br/bertha/> Acesso em:

MOREIRA, Branca. **Ideologia e feminismo:** A luta da mulher pelo voto no Brasil. Ed. Vozes,1980

NAZARIO, Diva Nolf. **Voto feminino e feminismo.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. 232p.

NERY, Natuza. **Internet e saúde mental de adolescentes: quais são os sinais de alerta e como saber a hora de buscar ajuda.** Reportagem g1.globo.com. Disponível em: < <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/04/24/internet-e-saude-mental-de-adolescentes-quais-sao-os-sinais-de-alerta-e-como-saber-a-hora-de-buscar-ajuda.ghtml>> Acessado em: 24/04/2023

SABINO, João. **3.0 e semântica – do que se trata?** Out/2007 Disponível em: <https://www.cin.ufpe.br/~hsp/Microsoft-/> Acessado em 21/04/2023

SAMPAIO, Cleuton. **2.0 e Mashups: Reinventando a Internet**. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

SAMPAIO, L. R., Camino, C. P. dos S., & Roazzi, A. (2009). **Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 212-227. doi:10.1590/S1414-98932009000200002.

SANTOS, F. M. & Gomes, S. H. A. (2013). **Etnografia virtual na prática: Análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura**. In 7o Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura, São Paulo, 2013.

SANTAELLA, L. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, dez. 2003.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHIMITTINE, Denise. Blog: **comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro Ed. Civilização Brasileira, 2004.

SHANDWICK,er. **Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br**. 18/08/2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/> Acesso em: 19/04/2023.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu: A intimidade como espetáculo**. Editora Contraponto. 2016.

SILVA, Marcelo Alves. **Língua portuguesa na internet: o caso das abreviações em salas de bate-papo**. 2001. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ06_6.htm Acessado em: 30/08/2022.

SILVA, Ivana Carolina Santos da. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16599/1/2016_IvanaCarolinaSilva_tcc.pdf > Acessado em: 12 de julho de 2023.

SORJ, Bernardo. Brasil@povo.com: **a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTOS, Luiza Chaves. **Sufrágio feminino e democracia no brasil**. 2017.2 PUC-RIO. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33232/33232.PDF> Acessado em; 18/05/2023

SANTAELLA, Lucia. **Mulheres em tempos de modernidade líquida**. Comunicação & Cultura, n.º 6, 2008, pp. 105-113. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10421/1/06_05_Lucia_Santaella.pdf> Acesso em: 14 fev. 2019.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpo e Beleza**. In.: PINSKY, Carla Bassanezi;

SANT'ANNA, Denise B. **Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil**. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. 2ª ed. São Paulo. Estação Liberdade, 2005.

SILVA, Ivana Carolina Santos da. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16599/1/2016_IvanaCarolinaSilva_tcc.pdf > Acessado em: 12 de julho de 2023.

SIQUEIRA, Camila Karla Barbosa. **As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro**. XXIV Congresso Nacional do CONPEDI, 2015. p. 334

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista da USP, n. 86, 2010. Disponível em:

SOARES, Vera. **Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências**. IN: Revista Estudos feministas. Rio de Janeiro, 1994.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. (Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife: SOS Corpo, 1995.

SCOTT, J. Histórias das mulheres. IN: BURKE, P. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

SCHAUN, Angela; SCHWARTZ, Rosana. **O corpo feminino na publicidade: aspectos históricos e atuais**. IV ComCult – Cultura da Imagem, GT Imagem e Gêneros, sob o título Corpos em Jogo: o feminino na Publicidade. Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. 12 a 15 de novembro. 2008. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-da-alcar-no-3-agosto-de-2012/O%20corpo%20feminino%20na%20publicidade.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2019.

SCHUMAHER, Schuma BRAZIL, Érico Vital (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PACETE, Luiz Gustavo. **O Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo**. 09/03/2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/> Acesso em 05/04/2023

PINHEIRO, J. M. 3.0. **Turbinando conceitos**. Disponível em: https://www.linkedin.com/posts/fopneto_live--30-tend%C3%A9ncias-em-tecnologia-activity-6980962949502767104-fyvN/ . Acesso em: 20/04/2023

Poder 360. **O Brasil é o 3º país que mais usa redes sociais no mundo**. Publicado em: 14.mar.2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo/> // Acesso em 19/04/2023

PEZZOTTI, Renato. **Influenciadores digitais bombam em época de coronavírus**. 2020. Disponível em: Acesso em: 12 out. 2020

PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA, Célia Barbosa da Silva. **A relação entre movimento feminista e partidos políticos de esquerda no Brasil**, no contexto de acirramento da crise capitalista, 2008-2017. Publicado em 2019. Disponível em: http://dspace3.ufes.br/bitstream/10/11168/1/tese_13309_C%C3%A9lia%20Barbosa%20S.%20Pereira%20-%20Tese.pdf Acesso em 19/05/2023.

PREVIATO, Thaís Lino da Silva. **As Ferramentas e Práticas da PNL no processo de Coaching e Mentoring para estabelecimento de relação de confiança**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Curitiba, 2018. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/19516/1/CT_MBAGE_XVII_2017_21.pdf Acesso em: 01/06/2023

PEREZ, Olívia; RICOLDI, Arlene. **A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos**. 2018. Disponível em: <http://www.anpocs.com/> Acesso em: 15 jun. 2023.

POQUECHOQUE, Ana; SANTORO, Fabiana; WERNECK, Marina. **Influenciadoras digitais cariocas crescem em meio à pandemia**. Veja Rio. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/puc-rio/influenciadoras-cariocas-crescem-na-pandemia> Acesso em: 21 maio 2023.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos**. **Revista Esfera**, Ano 2, número 3, Junho a Dez, 2013. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>> Acessado em 21/10/2020.

RECUERO, Raquel. **Violência Simbólica e as Redes Sociais no Facebook: O caso da fanpage "Diva Depressao"**. c/ Pricilla Soares. In: Revista Galáxia, 2013. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf> Acessado em: 23/08/2022.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Editora Sulina: Porto Alegre/RS, 2020.

RIFIOTIS, T. (2016). **Etnografia no ciberespaço como repovoamento e explicação**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 31(90), 1-15

ROSCHEL, Paula. **Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher**. São Paulo: Ed. Europa, 2020.

REVISTA PASSAGENS - **Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará** Volume 6. Número 2, Páginas 35-55, 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.

RAVACHE, Guilherme. **A terceira geração da** . In: Época. Editora Globo, 10 nov. 2007. Disponível em: <https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG77010-6014,00.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. RICOEUR, Paul. A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal. Trad. Carlos João Correia. Arquipélago, n. 7, p. 177-194, 2000.

ROCHA, Daniella Reis. **A língua que “curte” as evoluções tecnológicas do século XX e “compartilha” mudanças significativas para o mundo linguístico do século XXI**. Revisa Philologus, Ano 21, nº 63 – Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: cifefil, set./dez. 2015.

ROCHA, Daniella Reis de Andrade. **O impacto das evoluções tecnológicas oriundas do séc XX para o mundo linguístico do século XXI.** Revista Projectus/Unisuam. Volume. 2, n. 2 (2017). Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/projectus/article/view/25254146.2017v2n2p102>> Acessado em 05/08/2022.

ROCHA, Cristianne Maria Fammer Rocha; DIAS, Kamyla Stanieski; VIEIRA, Maura Jeisper Fernandes. **Influenciadores digitais: entre o trabalho e a plataforma e o empresariamento de si.** BCIJ | v. 3 | n. 1 | p. 49-69 | jan./jun. 2023 Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/braziliancreativeindustries/article/view/3203/3166> / Acesso em 19/04/2023

ROSA, Antonio Celestino Rosa; LOUREIRO, Marcos Dantas **O uso de hashtags e a gestão algorítmica de dados no Instagram.** Revista, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, e6054, nov.2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i2.60541/17ARTIGO>
Acesso em 19/04/2023

Revista Veja "**Feminicídio**" Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>
Acesso em; 19/05/2023

RIBEIRO, Diana. NOGUEIRA, Conceição. MAGALHAES, Sara Isabel. **As ondas feministas: continuidades e discontinuidades no movimento feminista brasileiro.** Revista de Ciências Humanas e Sociais, 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/136148/2/496080.pdf>
Acessado em: 12/06/2023.

ROSCHEL, Paula. **Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher.** São Paulo: Ed. Europa, 2020.

ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

REZENDE, G. S. SANTANA, J. L. **Crise política - axiologia, emergências sociais e alteração da agenda política no Brasil pós 2013.** CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 27 (2018). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/> Acesso em: 15 jun. 2023.

RICOLDI, A. M. A; PEREZ, Olívia Cristina. **A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva.** X Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), 2019. Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf> Acessado em: 06/06/2023

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização,** 1997. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>
Acessado em: 01/06/2023

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. **Sobre o feminicídio, o direito da mulher de nomear suas experiências.** Plural - Revista de Ciências Sociais. Vol. 26, n.1. Jul. 2019

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade.** Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes e revisão de Miriam Pillar Grossi. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?seq> Acesso em: 14 nov. 2018.

RUBIN, Gayle. **Tráfico de mulheres: notas para a economia política do sexo.** Tradução de Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sônia Correa. Recife: SOS Corpo, 1993.

TECNOBLOG. **A Evolução do Instagram.** Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/a-evolucao-do-instagram-das-fotos-quadradas-a-era-dos-videos/> Acesso em: 14 abr. 2023.

TIBURI, Marcia. Reportagem: **Judith Butler: Feminismo como provocação.** 2013
Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/judith-butler-feminismo-como-provocacao/> Acessado em: 19/05/2023

TINOCO, D. (2016). **Sororidade, substantivo feminino.** Disponível em <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/sororidade-substantivo-feminino-por-dandara-tinoco/> . Acesso em junho de 2023.

VELOSO, Isabella Coelho. Feminismo digital: análise do movimento #metoo no Brasil. 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28296/1/2019_IsabellaCoelhoVelooso_tcc.pdf
Acessado em: 02/06/2023.

VOLPATO, Bruno. **Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2021**, com insights e materiais gratuitos. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Publicado em 24 de agosto de 2021. Acessado em: 09/05/2022.

ZENHA, Luciana. **Redes Sociais on-line: o que são as redes sociais e como se organizam.** Revista UEMG. Caderno Educação. Ano 20 – n 49 v1 2017/2018 pág 19 a 42. Disponível em:

ZIRBE, Ilze. **Ondas do Feminismo.** Blog Unicamp - Mulheres na Filosofia. 2021.
Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf> Acesso em: 04/05/2023